



Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário • ISSN 0870-1865 • 9 de Dezembro de 1999 • Preço: 180\$00 (IVA incluído) • N.º 1358 • Director: José Casanova

IX Congresso da CGTP-IN começa amanhã

Durante dois dias, cerca de mil delegados preparam com confiança a transição para o novo milénio.

Pág. 9

EM FOCO

Debate criador aprofunda-se no Partido Comunista de Cuba

O povo cubano prepara-se para entrar no ano 2000 com alegria e confiança. Esse optimismo justifica-se. A Ilha não se atemorizou com o reforço do bloqueio norte-americano. A condenação dessa política pela Assembleia Geral das Nações Unidas quase coincidiu com a Cimeira Ibero-Americana de Havana, cujo êxito configurou outra derrota da Casa Branca que havia desenvolvido um grande esforço para tentar sabotá-la.

■ Miguel Urbano Rodrigues

Pág. 15

O bug social do milénio

Muito se tem falado sobre o bug do milénio, como sendo apenas o caos (ou o defeito) do sistema informático pela entrada no ano 2000. Alguns problemas já têm ocorrido pela falta de previsão dos quatro dígitos da data anual até agora tranquilamente iniciados pelo 1.9...

■ Zillah Branco

Págs. 16 e 17

Carlos Carvalhas em Grândola no Encontro Regional de Quadros do Alentejo



O Partido é uma força organizada

«Devemos avançar com confiança na dinamização da iniciativa política, no recrutamento, no reforço da organização, que não é um fim em si mesmo, mas sim um valioso instrumento para a nossa acção. Nós não somos um Partido de votantes. Somos uma força organizada», afirmou o Secretário-Geral do PCP no seu discurso do passado sábado, em Grândola.

Págs. 5 e 6

A «ronda do milénio» em Seattle

Centrais

As maiores manifestações de protesto desde a guerra do Vietname

■ Lígia Calapez

■ Lino de Carvalho



O muro das aparências

Continuam as acesas polémicas em torno da questão de saber se estamos ou não a algumas semanas da entrada de um novo século e de um novo milénio. A razão diz que não. A aparência diz que sim. E como, neste Mundo em que, segundo se diz, a informação, em catadupas, circula veloz por moderníssimas auto-estradas – mas em que, é preciso dizê-lo, a desinformação e a não informação gozam de iguais prerrogativas – a aparência continua a dominar... é óbvio que a esmagadora maioria da população do Planeta vai comemorar, dentro de algumas semanas, a passagem do século e do milénio... Este caso concreto de domínio da aparência sobre a razão e a realidade é exemplar do que se passa, de uma forma geral, no Mundo actual.

Também é verdade, no entanto, que um pouco por todo o lado surgem fortes e crescentes sinais evidenciadores de que as coisas não têm que ser sempre assim, que não estamos fatalmente condenados a sofrer o triunfo da aparência, da mentira, da falsidade. O sistema capitalista, que hoje domina o Mundo e que tem procurado impor-se como «o fim da história», «a ordem natural das coisas», contra a qual não é necessário nem vale a pena lutar, é contestado por segmentos cada vez mais vastos da humanidade e, por efeito disso, desnuda-se cada vez mais, exhibe crescentemente à luz do dia a sua essência opressora e exploradora – e as aparências por detrás das quais tem ocultado essa real essência tendem a dar lugar à nudez crua da verdade.

Ninguém contesta o papel desempenhado pelas dezenas de milhares de pessoas que se manifestaram em Seattle, nos resultados da conferência da Organização Mundial de Comércio. Com efeito, parece ser generalizada a opinião de que o recuo a que foram forçados os chefes da globalização capitalista só foi possível graças, nomeadamente, à acção consciente, determinada e persistente levada a cabo por iniciativa de um vasto e diversificado conjunto de estruturas – sindicatos, ong's, movimentos ecologistas, organizações políticas de esquerda – e que mobilizou a multidão de Seattle e influenciou decisivamente sectores significativos da opinião pública mundial. Também parece não deixar margens para quaisquer dúvidas o facto de a grandiosidade e a força dessas acções de protesto terem constituído uma autêntica surpresa não só para os promotores da conferência da OMC mas igualmente para a generalidade dos observadores mundiais. O que não surpreende, na medida em que, à força de tanto apregoarem o fim e a inutilidade da luta, à força de tanto pregarem a passividade e o conformismo, é natural que eles próprios se tenham convencido do que diziam e escreviam, que eles próprios tenham tomado a aparência pela realidade.

A verdade é que as poderosas manifestações de massas ocorridas nos últimos dias em Seattle constituem uma realidade e são, por isso, um dado importante a reter: elas confirmam a importância, a necessidade e o valor da luta, mostram a existência de um enorme potencial de disponibilidades e vontades para as lutas do futuro e, porque assumiram um conteúdo de crítica ao sistema capitalista, reforçam a confiança e abrem novos caminhos à esperança na vitória da realidade sobre a aparência.

Uma multidão de cerca de cento e cinquenta mil pessoas travando uma luta com as características acima referidas teria que causar, necessariamente, sérias preocupações e múltiplos receios aos que, por obrigação e precaução, têm a tarefa de defender a ordem capitalista. E assim aconteceu. As preocupações e receios assumiram a forma habitual nestas circunstâncias: violência destemperada contra os manifestantes, centenas e centenas de pessoas arrastadas para as prisões, o estado de emergência decretado para facilitar a repressão – tudo isto enquanto, lá dentro, essa destacada figura de «esquerda» que é o Presidente Clinton, exibindo o seu sorriso made in USA, proclamava que, «numa sociedade livre, as pessoas querem ser ouvidas» e «devem ser ouvidas». Ou seja, e mais uma vez: lá dentro a aparência, cá fora a realidade, lá dentro o capitalismo com a sua máscara humana, cá fora o capitalismo à solta mostrando-se como é. Na «pátria dos direitos humanos», no «berço da democracia e da liberdade», é assim que as coisas se passam: tudo, ou quase tudo, pode ser permitido e tolerado a quase todos... desde que se portem bem, isto é desde que não contestem minimamente o intocável, o sacrossanto sistema.

O sistema capitalista, que hoje domina o Mundo e que tem procurado impor-se como «o fim da história», «a ordem natural das coisas», contra a qual não é necessário nem vale a pena lutar, é contestado por segmentos cada vez mais vastos da humanidade

A propósito, recorde-se a recente Cimeira Ibero-Americana realizada em Havana e os esforços desenvolvidos pelo imperialismo norte-americano não só para a boicotar – pressionando presidentes de diversos países no sentido de não participarem – mas também para criar em torno dela um ambiente de tensão, de agitação, de conflitos. Para o Governo dos Estados Unidos da América, a Cimeira de Havana teria que ser «um momento alto de contestação do regime cubano», de «demonstração da ausência de liberdades em Cuba», enfim de confirmação de tudo o que a propaganda veiculada às ordens da CIA se encarrega de difundir por todo o Mundo. As grandes cadeias de televisão norte-americanas davam conta daquilo a que chamavam uma «atmosfera de grande tensão» existente em Cuba nos dias que antecederam a Cimeira, garantiam que a «crescente oposição ao regime» envolvia camadas cada vez mais amplas da população e anunciavam uma «grande marcha da oposição» que, ao longo de seis longos quarteirões, iria contestar massivamente o regime – enquanto as rádios de Miami lançavam lancinantes apelos à mobilização para a «marcha». Entretanto, e para dar força à aparência que difundiam, produziam dramáticas «informações» referindo «o assassinio de crianças em Cuba»...

O que realmente se passou é conhecido: os chamados dissidentes apareceram mais ou menos à hora marcada, cumpriram melancolicamente a tarefa que lhes estava destinada filmados, fotografados, entrevistados por órgãos de comunicação social de todo o Mundo... e a Cimeira traduziu-se num incontestável êxito. Na realidade, é grande a diferença entre Seattle e Havana. E dado que é a realidade e não a aparência que marca a diferença, relembremos um facto concreto sistematicamente ocultado por quem não tem interesse em que ele seja conhecido, derrubemos o muro das aparências hipócritas, não esqueçamos o bloqueio imperialista que tantas dificuldades e sofrimentos tem trazido ao povo cubano e sublinhemos a realidade: nos quarenta anos de vida da Revolução Cubana, nunca em qualquer lugar de Cuba ocorreram acontecimentos semelhantes aos ocorridos nos últimos dias em Seattle.



Realizou-se, este sábado, o Encontro Regional de Quadros do Alentejo em Grândola

RESUMO

30 Terça-feira

Júlio Castro Caldas, ministro da Defesa, revela que Kofi Annan pediu a Portugal 700 militares para Timor ■ Helmut Kohl, ex-chanceler alemão, admite a existência de uma rede de contas confidencial que revertia em favor do seu partido (CDU) na passada legislatura ■ É divulgada a detenção de uma diplomata americana pelo Serviço Federal de Segurança russo sob a acusação de espionagem ■ O Tribunal Europeu dos Direitos Humanos faz um apelo às autoridades turcas para impedir a execução do líder curdo Abdullah Ocalan ■ Milhares de pessoas ocupam as ruas de Seattle, nos Estados Unidos, manifestando-se contra a reunião da OMC.

1 Quarta-feira

Um relatório preliminar da comissão indonésia de investigação afirma haver provas de que militares indonésios estiveram envolvidos na violação dos direitos humanos em Timor ■ O líder separatista de Irian Jaya, uma província indonésia, exige a saída dos militares indonésios do território até 1 de Maio de 2000 ■ A coligação Herra Batasuna (HB) associa-se aos protestos contra o fim de tréguas anunciado pela ETA ■ Aumentam os pedidos de esclarecimento na Alemanha, em relação a caso de corrupção do ex-chanceler, Helmut Kohl ■ Nelson Mandela é escolhido como mediador do conflito no Burundi ■ Continuam as manifestações contra a reunião da OMC, em Seattle, e foi declarado o estado de sítio durante toda a cimeira.

2 Quinta-feira

O Governo apresenta na Assembleia da República uma proposta de lei de bases da Segurança Social ■ Jaime Gama visita Timor-Leste onde se encontra com Sérgio Vieira de Mello, Cosgrove, Xanana Gusmão e Ximenes Belo ■ A Irlanda do Norte é declarada província autónoma da Grã-Bretanha ■ Os líderes das milícias pró-Indonésia admitem o regresso ao território, embora apenas com garantias de segurança ■ Realiza-se, em Bruxelas, uma reunião de ministros de Defesa da NATO.

3 Sexta-feira

Realiza-se, no Espaço Jean Monet, um debate sobre a Organização Mundial do Comércio com a participação de Sérgio Ribeiro e Lino de Carvalho ■ Sérgio Vieira de Mello emite o primeiro regulamento para Timor-Leste, que mantém em vigor o sistema de Justiça indonésio, sem a pena capital ■ Termina oficialmente a trégua entre o governo espanhol e a ETA ■ Durante a sua visita a Lisboa, Miku-

las Dzurinda, chefe do governo eslovaco, afirma que a adesão à UE é um dos objectivos do seu executivo ■ Iniciam-se as eleições presidenciais e legislativas em Moçambique ■ É divulgada pelo diário *Jakarta Post*, a proposta dos deputados indonésios em se realizar um referendo em Aceh que propõe a autonomia, pondo assim de parte a hipótese de independência para a região ■ Primakov, ex-chefe de governo russo, acusa o Kremlin de comprar opositores para as eleições.

4 Sábado

Carlos Carvalhas participa, em Grândola, no Encontro Regional de Quadros do Alentejo e acusa o Governo de apostar «na propaganda ao mais velho estilo cavaquista» ■ Alberto Martins, ministro da Reforma do Estado e da Administração Pública, afirma, em entrevista ao «DN», que o seu objectivo para esta legislatura é a reforma do sistema político e a descentralização do Estado ■ O PSD comemora o 19.º aniversário da morte de Francisco Sá Carneiro ■ Ziuganov denuncia a intenção do Kremlin de favorecer a candidatura do actual primeiro-ministro, Vladimir Putin ■ Morre a comunista Nilde Iotti, antiga presidente do parlamento italiano, com 79 anos.

5 Domingo

A organização de Vialonga do PCP reclama a construção de uma escola no concelho, que já tinha sido aprovada pela Direcção Regional de Educação de Lisboa ■ O PS contesta a decisão de Almeida Santos de escolher Mota Amaral para presidir ao grupo de trabalho para a reforma da AR ■ O IRA anuncia o começo da discussão sobre o desarmamento da organização, integrado no processo de independência da Irlanda do Norte ■ A Renamo ameaça não aceitar a sua derrota eleitoral com base em acusações de hipotéticas fraudes não reconhecidas pelos observadores e pela Comissão Nacional de Eleições moçambicana.

6 Segunda-feira

Carlos Carvalhas defende que «o caso Ocalan deve ser posto em cima da mesa» antes da adesão da Turquia à UE ■ Em reunião, o PSD e o CDS/PP aderem à proibição do financiamento privado dos partidos políticos ■ Milhares de timorenses participam numa sessão de esclarecimento promovida pela direcção do CNRT ■ Uma fonte do Alto-Comissariado da ONU para os Refugiados afirma que pelo menos 150 pessoas já morreram em Timor Ocidental ■ Moscovo exige a rendição de Grozni até sábado, quem não sair da cidade será considerado terrorista ■ Georges Rutaganda, líder das milícias ruandesas, é condenado a prisão perpétua pelo Tribunal Penal Internacional para o Ruanda.

Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português
Rua Soares Pereira Gomes, 3
— 1690 - 196 Lisboa - Tel. 21 781 38 00

DIRECÇÃO E REDACÇÃO:
Rua Soares Pereira Gomes, 3 — 1690 - 196 Lisboa
Tel. 21 781 71 90 - 21 781 71 91
Fax: 21 781 71 93

ADMINISTRAÇÃO:
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis, 90, 7.ª A.
— 1169-161 Lisboa.
Capital social: 15 000 000/500. CRC matriculada: 47058.
NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO:
DISTRIBUIÇÃO ADE'S
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis, 90, 7.ª A.
— 1169-161 Lisboa
Telef. 21 815 34 87/21 815 35 11
Fax: 21 815 34 95

Alterações de remessa:
AIE às 17 horas de cada sexta-feira
Telef. 21 815 34 87/21 815 35 11

Atenção aos novos números de Telefone do Partido Comunista Português e da Redacção do «Avante!»

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL DELTAPRESS

Delegação Lisboa:
Tapalá Nova
Capa Rato - Luthô - 2710 Sintra
Telef. 21 924 04 47

Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B. L. 227 - 4470 Maia
Telef. 22 941 76 70

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7.ª A. 1169-161 Lisboa
Telef. 21 815 34 87/21 815 35 11 - Fax: 21 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90, 7.ª A. 1169-161 Lisboa
— Telef. 21 815 34 87/21 815 35 11 - Fax: 21 815 34 95

Composição e impressão Hesk Portugal, SA
Campo Raso
2710 - 139 Sintra
Depósito legal nº 205/95

TABELA DE ASSINATURAS*

PORTUGAL (Contínente e Regiões Autónomas)	EXTRA-EUROPA
50 números: 8 100\$00; 25 números: 4 200\$00	50 números: 30 600\$00
EUROPA	GUINÉ-BISSAU, S. TOMÉ E PRÍNCIPE e MACAU
50 números: 21 850\$00	50 números: 23 000\$00

* IVA e portes incluídos

Nome _____
Morada _____
Código Postal _____
Telef. _____
Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado de cheque ou vale de correio.

Obrigadinho

Um tal Conselho Tarifário acaba de aprovar uma proposta de redução de 0,6% das tarifas da electricidade para o próximo ano apresentada pela Entidade Reguladora do Sector Eléctrico, organismo que, bem vistas as coisas, executa a política de preços do Governo sob o disfarce protector de uma sua natureza alegadamente independente.

Como o Governo que temos é manifestamente dado a habilidades, deve ter pensado que, tendo em conta o impacto social da campanha feita no ano passado pelo PCP pela redução das tarifas de electricidade e a recente reclamação também do PCP de uma baixa de 10%, o que estava mesmo a fazer falta era a habilidade de uma reduçõzinha, pois sempre daria uns títulos de jornal e de telejornal sobre «a redução». E sempre poderia suscitar os resignados comentários do género «é pouco, mas é melhor que nada, se aumentasse era bem pior».

Mas o que esta redução de 0,6% bem merecida é que se diga ao Governo e à sua ERSE que bem podiam deixar de gozar com os consumidores e de avaliar tão mal a sua inteligência e a sua capacidade de fazer contas.

Porque é sabido que os portugueses pagam a energia eléctrica mais cara da Europa. Porque é sabido que a EDP teve 104 milhões de contos de lucros em 1998 e que, no primeiro semestre deste ano, já ia nos 50 milhões de lucros.

E porque está na cara que a recusa do Governo em baixar significativamente as tarifas da electricidade, como já ficou claro no debate do ano passado, está intimamente ligada aos interesses privados que se apossaram da EDP e ao medo de enfrentar as pressões e desagrados oriundos da especulação bolsista.

É não vá a mitologia das abstractas décimas percentuais fazerem os seus estragos, acrescente-se então que uma redução de 0,6% sobre uma factura mensal doméstica de electricidade de 6000\$00 significaria uma espectacular poupança de 36\$00, sobre uma de 5000\$00 representaria uma sensacional poupança de 30\$00 e sobre uma de 4000\$00 se traduziria numa eufórica poupança de 24\$00!

Como se está a ver, é mesmo de temer que, à conta da expectativa destas gloriosas poupanças no próximo ano, ocorra algum desviado impulso consumista já neste Natal.

■ Vitor Dias

Seattle – a cimeira do grande capital

Se dúvidas houvesse a cimeira de Seattle, ou a ronda do milénio como também a designaram, é exemplo do mundo que alguns querem impor. Um mundo ditado pelas regras do grande capital, sujeito às guerras de interesses dos principais grupos económicos mundiais pelo domínio dos mercados, em que os direitos dos trabalhadores e dos povos se apresentam sem qualquer valor para além daqueles que conjuntamente mais beneficiem a disputa da conquista dos mercados. Um mundo a mando das multinacionais com procuração passada a uns quantos chefes de governo para irem zelando e promovendo os interesses de quem os suporta.

A cimeira - pelos seus objectivos e ambiente que a rodeou - revelou, independentemente do aparente fracasso em que se saldou, a natureza cínica, falsa e violenta de quem a encomendou. A cimeira evidenciou um enorme exercício de hipocrisia política destinado a ocultar as suas principais motivações e os objectivos essenciais que lhe estavam associados. A que não faltaram actores disponíveis, de Clinton a Kofi Anan, para representar o papel que ao grande capital interessava. A de procurar identificar na Cimeira não aquilo que ela incontornavelmente visava de garantia da total liberalização do comércio mundial ao serviço das multinacionais, mas a atribuir-lhe alegados interesses sociais e de desenvolvimento que manifestamente não tem.

Não são sinceras razões de preocupação com a dignidade dos homens e as desigualdades de desenvolvimento entre nações que enformam os discursos de circunstância de alguns destes actores. Para Clinton e outros gestores do capital os direitos dos trabalhadores e as condições da venda da força de trabalho são uma mera peça nos mecanismos da concorrência. Pelo que a súbita preocupação agora manifestada pelos direitos

sociais e as condições laborais dos trabalhadores não pode deixar de ser entendida como uma atitude ditada por razões de disputa entre interesses económicos. A situação da mão-de-obra sobre-explorada e infantil nalguns países menos desenvolvidos, talvez mais explícita e violenta mas de expressão exploradora não muito diferente da que são sujeitos os trabalhadores nos países capitalistas mais desenvolvidos, é indissociável do modo de produção capitalista e da crescente desigualdade entre países ricos e pobres que a divisão mundial do trabalho vem agravando. Pelo que a também súbita preocupação com os interesses dos chamados países pobres, conduzidos a essa situação pela prolongada rapina de recursos realizada pelas multinacionais aí instaladas e de estrangulamento financeiro das suas dívidas externas, não passam na boca dos defensores da globalização de uma pouca sincera retórica destinada a disfarçar outros objectivos e interesses.

Mas a cimeira teve o mérito de revelar, pelas acções de protesto realizadas um pouco por todo o mundo, e pela forma como a administração americana lidou com as que ocorreram em Seattle, duas questões importantes:

Que nos EUA, vendidos como paradigma da democracia, esta e a liberdade têm valor só e até quando não põem em causa os interesses dominantes, ou seja, o Estado com todos os seus mecanismos de dominação e violência é em todas as circunstâncias um mero instrumento para fazer valer, de forma mais ou menos ostensiva, os interesses das classes no poder; Que num mundo dramaticamente indefeso pela ausência de um sistema que se oponha ao que hoje domina, há quem teime em resistir e lutar ainda que nem sempre com a consciência de que o combate decisivo contra as desigualdades é inseparável da supressão do sistema capitalista.

■ Jorge Cordeiro

SEATTLE Continuar a luta

Como avaliar os resultados da reunião ministerial da OMC realizada na passada semana em Seattle? «Fiasco», «Fracasso», «Impasse», «Compasso de espera»? Terá havido sem dúvida de tudo isso. De qualquer modo, o mais significativo terá sido o amplo movimento de opinião, protesto e luta suscitado um pouco por todo o mundo - do Brasil às Filipinas, da França à Índia - e que em Seattle teve expressões que repercutiram e perturbaram seriamente a reunião. Aqueles que, como Clinton, esperavam poder instrumentalizar em proveito próprio as inquietações e o descontentamento de uma parte dos manifestantes receberam uma boa lição. Em lugar do anunciado «diálogo poder/sociedade civil» para dar «um rosto humano» à OMC e à globalização capitalista neoliberal, o mundo assistiu à violência da repressão, à instauração do estado de emergência, à ocupação do centro de Seattle por forças da polícia e do exército para proteger a reunião ministerial. Reunião que ainda por cima falhou aparatosamente no objectivo de fixar a agenda para uma nova ronda de negociações com vista a novo salto em frente na liberalização do comércio mundial. O que chama ainda mais a atenção para as particulares responsabilidades da OMC nas insuportáveis regressões, injustiças e desigualdades do mundo contemporâneo, e representa um precioso estímulo ao desenvolvimento da luta e da solidariedade internacionalista dos trabalhadores e dos povos contra o domínio planetário das multinacionais.

A reunião de Seattle evidenciou a agudeza da competição económica entre os principais centros do imperialismo e os esforços dos elementos da Tríade - EUA, UE/Alemanha, Japão - para arregimentar aliados para a guerra económica que travam entre si. Guerra económica que não exclui entendimentos e arranjos entre o grande patronato e as grandes potências. Através da acção permanente de lobbies (aliás fortemente representados em Seattle), dos mil e um instrumentos de sedução e corrupção do poder político, das variadas formas de articulação «informal» em que os senhores do capital se misturam com os mais altos responsáveis do Estado. Tal por exemplo o caso do «Diálogo profissional transatlântico» que reuniu em 29 e 30 de Outubro em Berlim «150 homens de negócios e representantes de governos» na procura de uma estratégia comum para Seattle. Conferência onde terão participado nada mais nada menos que o Comissário Europeu, Pascal Lamy (principal porta-voz da EU em Seattle), o Secretário de Estado Americano do Comércio, William Daley, o Director Geral da OMC, Mike Moore, e o chanceler alemão, Gerhard Schröder («Europolitique» de 6.11.99). A mesma notícia dá conta dos apelos do patronato para «a adopção de ambiciosas medidas de liberalização» em Seattle, e das ameaças de William Daley quanto a «uma nova guerra comercial» no caso de americanos e europeus não conseguirem «afinar os seus violinos» e não chegarem a uma «estratégia comum».

Mas poderão tais «violinos» ser realmente bem «afinados» já que a acelerada concentração monopolista transnacional não elimina as contradições interimperialistas? Quanto à «estratégia» essa é basicamente a mesma na sua natureza de classe, recai invariavelmente sobre o mundo de trabalho e os povos do «Terceiro Mundo». Os axiomas do «livre comércio» e da «competitividade» significam mais exploração e opressão, baixos salários, precarização e desregulação das relações laborais, destruição de conquistas e direitos sociais, desmantelamento de fronteiras e soberanias nacionais, empobrecimento da democracia, livre arbítrio das multinacionais e avanço de poderes supranacionais, tendência para transformar em mercadoria/objecto de lucro toda a actividade humana.

Concebida como um momento alto da cavalgada neoliberal, Seattle acabou afinal por constituir um marco significativo na luta contra o processo de globalização capitalista, de que a OMC é um instrumento fundamental. O que abre novos espaços a uma luta que tem que continuar, também em Portugal, tanto mais que o Governo do PS demonstrou em toda esta questão uma abdicação e um seguidismo particularmente chocantes.

■ Albano Nunes



Foto: Jorge Carria



Malaposta comemora 10 anos de actividade

O Centro Cultural da Malaposta, sediado em Odivelas, comemorou esta semana o seu 10.º aniversário. Este importante centro cultural da Grande Lisboa constituiu-se há 10 anos a partir da Amascultura, uma Associação de Municípios para a Área Sociocultural englobando Loures, Amadora, Vila Franca de Xira e Sobral de Monte Agraço, tendo, logo à partida, uma companhia de teatro profissional residente, o Centro Dramático Intermunicipal Almeida Garrett (CDIAG) que, nestes 10 anos

e através de espectáculos realizados tanto na sede como em salas dos municípios que integram a Amascultura, já apresentou as suas produções teatrais a mais de 158 mil espectadores, uma *performance* que pede meças à própria actividade dramática da capital. A efeméride foi assinalada com a inauguração de uma exposição retrospectiva e um debate sobre as medidas de Almeida Garrett para reformar o «velho e o decrepito» em que, nas palavras do próprio dramaturgo, se tinha tornado o teatro

português em 1841. A exposição mostra o paralelismo entre as propostas de Almeida Garrett e as concretizações do CDIAG na área do teatro. Mas actividades do Centro Cultural da Malaposta não se confinaram ao teatro, nestes 10 anos de intensa e diversificada actividade cultural: os encontros internacionais de cinema documental, os *ateliers* de dança dirigidos aos professores e alunos das escolas dos concelhos da Amascultura e o projecto «escola em palco» são apenas alguns exemplos das acti-

vidades desenvolvidas na Malaposta, lugar igualmente privilegiado para as mais diversas exposições.

Resultados «pulverizados» nas eleições da Guiné-Bissau

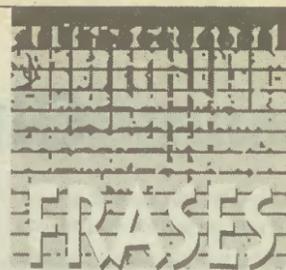
Os resultados provisórios das eleições presidenciais e legislativas realizadas no passado fim-de-semana na Guiné-Bissau apresentam-se «pulverizados», com o PAIGC a registar um grande recuo em relação às eleições legislativas anteriores (onde conquistara a maioria absoluta) e os principais partidos de oposição a não conseguirem uma vitória clara. Quando faltam apurar apenas uma das nove regiões do país, o PRS de Kumba Ialá posicionou-se à frente com a conquista de 30 deputados, seguido pelo RGB (Resistência da Guiné Bissau - Movimento Bafatá), com 24 deputados eleitos, e o PAIGC, com 21 deputados elei-

tos. Em relação às presidenciais, o candidato do PRS, Kumba Ialá, teve melhores resultados que o seu próprio partido nas legislativas, conquistando entre 36 e 38% dos votos, seguido do candidato apoiado pelo PAIGC, Malan Bacai Sanhá, que obteve entre 26 e 27% da votação, o que implicará uma segunda volta entre ambos para se apurar um vencedor. Estes resultados, ainda provisórios, demoraram praticamente uma semana a ser divulgados pela Comissão Nacional de Eleições devido às grandes dificuldades logísticas e falta de recursos (nomeadamente transportes) que presidiu ao escrutínio.

Eleições em Moçambique

No passado fim-de-semana - mais concretamente, na sexta, no sábado e no domingo passados -, realizaram-se eleições presidenciais e legislativas em Moçambique; em cujas candidaturas avultam as apresentadas pela FRELIMO, no poder, e pela RENAMO. A realização dos actos eleitorais em três dias deveu-se à grande extensão do território e às dificuldades de acesso à totalidade do país de toda a logística eleitoral, com observadores internacionais incluídos, facto que, igualmente, vai retardar a apresentação dos resultados, dada a morosidade das operações de apuramento devida às mesmas razões, prevendo-se ser necessário uma semana para se concluir o processo. Entretanto, e mal fecharam as urnas, a RENAMO e o seu presidente, Afonso Dhlakama, apressaram-se a contestar o escrutínio, «dispa-

rando» acusações indiscriminadas de «fraude» sem, contudo, apresentarem provas ou, sequer, indícios delas, embora, por outro lado e contraditoriamente, o próprio presidente da RENAMO, Afonso Dhlakama, na mesma conferência de imprensa em que «denunciava» a ocorrência de fraudes não especificadas, agradecesse de seguida aos observadores internacionais pelos seu «trabalho e vigilância que deu garantias de justiça e equilíbrio». Entretanto, quer a Comissão Nacional de Eleições, quer os observadores internacionais garantiram ser impossível a manipulação das urnas invocada pela RENAMO, dado todo o esquema de segurança montado à sua volta, com o seu selamento sujeito a código e a sua vigilância permanente desde a saída para as assembleias de voto até ao seu regresso para a contagem final.



“O que me custa no meu partido é ir por caminhos que à partida sabia que estavam errados mas quer eram os politicamente correctos.”

(Pedro Santana Lopes, citado em «Público», 05.12.99)

“Normalmente, são as pequenas figuras que gostam de se pôr em bicos de pés a imitar as grandes figuras.”

(Durão Barroso, citado em «Público», 06.12.99)

“Há sempre quem sendo pequeno goste de evocar os grandes para se sentir maior.”

(Manuel Monteiro «Expresso», 04.12.99)

“Durão Barroso pretende fazer o oposto de alguns dos seus antecessores: quer ir de derrota em derrota até à vitória final. As presidenciais não o preocupam. Se, para ser primeiro-ministro, tiver de apoiar a reeleição de Jorge Sampaio, não hesitará.”

(João Carreira Bom «Diário de Notícias», 05.12.99)

“O PSD não tem uma visão partidária das presidenciais. Mas seria bom que houvesse um bom candidato na área não socialista.”

(José Luís Arnault «Expresso», 04.12.99)

“Num Governo que, além de primeiro-ministro, tem ministros coordenadores, começa a ser iniludível a falta de coordenação. A sorte de António Guterres e do PS é que os seus principais opositores, Durão Barroso e o PSD, não estão melhor coordenados e só conseguem disparar dentro do seu quintal.”

(António José Teixeira «Diário de Notícias», 05.12.99)

“A semana passada o “Independente” deu mais um passo em frente, no atoleiro da irresponsabilidade e amoralidade em que vai afundando aos poucos credibilidade, vendas e futuro.”

(Miguel Sousa Tavares «Público», 03.12.99)

“Há um conflito entre o direito à privacidade e o interesse público.”

(Pedro Bacelar de Vasconcelos 02.12.99)

“A cimeira de Seattle foi apresentada e promovida na base de duas totais mistificações: a de que a liberalização do comércio constitui um factor de desenvolvimento, nomeadamente para os países mais pobres, e a de que a Organização Mundial de Comércio é um modelo de democracia, traduzido no facto de as decisões serem consensualmente tomadas pelos seus 134 membros.”

(Ruben de Carvalho «Diário de Notícias», 03.12.99)

Missão a Marte à beira do falhanço

Parece ter falhado a missão da sonda *Mars Polar Lander*, enviada há mais de 11 meses pela NASA numa missão de estudo do clima de Marte e de verificação da possibilidade de existência de água no subsolo (o engenho foi direccionado para o Pólo Sul do grande «planeta vermelho»). A sonda, que terá pouasa-

do em Marte às 20h 15m da passada sexta-feira, devia ter enviado os primeiros sinais para a Terra cerca de 20 minutos depois, o que não ocorreu até hoje, apesar das várias tentativas para activar o aparelho. Quase uma semana depois, e dada a total ausência de resposta, ganha consistência a hipótese do

falhanço da missão, seja porque o engenho se terá incendiado na queda vertiginosa para Marte, seja porque ficou irremediavelmente danificado ao embater no solo marciano. Perante o fracasso, já surgem acusações nos EUA sobre a eventual falta de verbas para o projecto, o que poderá ter originado falhas na

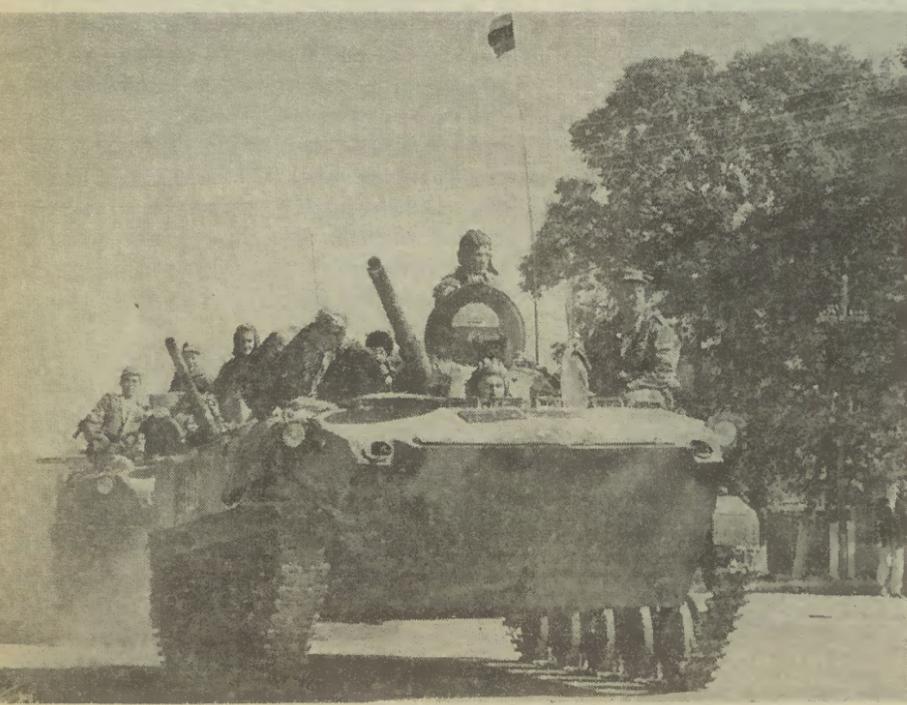
sua construção e insuficiências técnicas na equipa encarregada de toda a missão. Contudo, a NASA continua a rejeitar a hipótese mais pessimista - a destruição do engenho - apostando ainda no seu mau posicionamento no solo marciano e numa eventual rectificação a partir da Terra.



Ultimato russo à cidade de Grozni

Na continuação da já interminável ofensiva militar russa contra a República independentista da Tchetchénia, a pretexto do combate ao fundamentalismo islâmico que terá sido responsável pelo assassinato, em atentados à bomba, de cerca de 300 civis em cidades russas, as autoridades de Moscovo fizeram um ultimato à população e às forças adversárias que se encontram cercadas em Grozni, capital desta pequena República do Cáucaso, intimando-os a sair da cidade ou a renderem-se até amanhã, sexta-feira,

sob a promessa de que serão protegidos ou amnistiados. Para o efeito, as autoridades militares russas afirmam ter já disponibilizado um corredor humanitário que permita a saída da cidade a quem aceite as condições. Expirado o prazo, os russos ameaçam tomar a cidade de assalto sem contemplanções, promessa, aliás, repetida há semanas pela ofensiva russa sem, contudo, se ter ainda ousado avançar para a cidade sitiada, que continua a ser flagelada diariamente com bombardeamentos aéreos e de artilharia terrestre.



7.º Encontro Regional de Quadros do PCP em Grândola

O 7.º Encontro Regional de Quadros do Alentejo do PCP, que se realizou no sábado, dia 4, em Grândola, exigiu um conjunto de medidas concretas para o desenvolvimento da região. Encerrado pelo secretário-geral do Partido, Carlos Carvalhas, o Encontro, que decorreu sob o lema «Organizar para lutar, lutar para vencer» e no qual participaram mais de 200 quadros, fez um balanço positivo da acção partidária desenvolvida no ano que agora finda e aprovou o plano de actividades para 2000.

Mais de 200 quadros comunistas, reunidos no sábado, em Grândola, no 7.º Encontro de Quadros do Alentejo, exigiram medidas concretas para o desenvolvimento da região, consideraram positivo o balanço da actividade partidária em 1999 e delinearam, para o próximo ano, um plano de actividades «virado para o futuro».

O Encontro, realizado no Pavilhão da Feira, decorreu num ambiente de grande responsabilidade e contou com a presença de Carlos Carvalhas, secretário-geral do PCP, e de Agostinho Lopes, da Comissão Política e do Secretariado, que estiveram na mesa que dirigiu os trabalhos juntamente com os membros que constituem a Direcção Regional do Alentejo.

Na resolução política aprovada no final, os comunistas alentejanos manifestaram preocupação pela continuada perda e envelhecimento da população e pelas elevadas taxas de desemprego e de precariedade no trabalho que continuam a caracterizar a região, o que confirma a necessidade e urgência de alterar a política do PS e seu Governo para o Alentejo. E, considerando que «mais do que piedosas declarações de intenções o Alentejo exige medidas concretas para o seu desenvolvimento», apresentaram um vasto conjunto de propostas, apelando «a todo o povo do Alentejo para que se mobilize e participe activamente em todas as acções que visem estes objectivos».

Um balanço positivo

O Alentejo foi palco, no decorrer do ano de 1999, de muitas, amplas e diversificadas iniciativas regionais, quer no plano estritamente partidário, quer no plano das organizações

sociais e das instituições, com destaque para o poder local – sublinhou o Encontro de Quadros do PCP. Exemplos desta actividade foram a 1.ª Assembleia da Organização Regional do Alentejo, com mais de 800 participantes, as comemorações do 78.º aniversário do PCP, em que participaram mais de 5300 pessoas em 43 iniciativas; os «Diálogos com o Alentejo», com mais de 50 reuniões e encontros bilaterais com as principais entidades e instituições regionais e um amplo conjunto de debates temáticos sobre aspectos da actualidade alentejana; a 1.ª Assembleia da Organização do Litoral Alentejano; e as campanhas eleitorais para o Parlamento Europeu e para a Assembleia da República.

Sobre este último aspecto – as eleições que tiveram lugar este ano – a declaração política aprovada pelo Encontro de Quadros saudou calorosamente todos os militantes e activistas da CDU que, com o seu empen-



nho, contribuíram para a grande campanha desenvolvida no Alentejo, sublinhou como «muito positivos» os resultados alcançados nas eleições para a Assembleia da República pela CDU no plano nacional, com a eleição de mais dois deputados, a subida percentual e a passa-



Um plano «virado para o futuro»

■ Carlos Pereira

gem de quarta para terceira força política.

No Alentejo, onde a CDU continua a obter os seus melhores resultados percentuais, o Encontro de Quadros considerou que «os resultados não corresponderam às justas expectativas que o trabalho realizado e a dinâmica da campanha desenvolvida em toda a região permitiam prever», devendo os resultados obtidos, ainda que justificados fundamentalmente pela continuada perda de eleitores (menos 15 mil que nas eleições anteriores) e pelo elevado e pre-

ocupante crescimento do número de abstencionistas (mais 41 mil que nas eleições anteriores), «merecer em cada freguesia uma reflexão mais aprofundada».

Que Poder Local para o século XXI

O 7.º Encontro de Quadros do Alentejo aprovou para 2000 um importante conjunto de iniciativas a levar a cabo pelo PCP na região - um plano de actividades «virado para o futuro».

Como afirmou José Soeiro,

membro da Comissão Política e responsável pela Direcção Regional do Alentejo, na intervenção que marcou a abertura dos trabalhos, haverá no próximo ano três grandes momentos que irão exigir «de todo o Partido uma forte mobilização e empenho». O primeiro, entre Janeiro e Março, virado no fundamental para o reforço das organizações de base e que culminará com as comemorações do 79.º aniversário do Partido. O segundo tem a ver com uma ampla e aprofundada reflexão em torno do poder local» desen-

«Mais do que piedosas intenções, o Alentejo exige medidas concretas para o seu desenvolvimento», consideram os comunistas alentejanos que, no Encontro, apresentaram um vasto conjunto de propostas, apelando ao envolvimento na sua concretização de todos os que querem o progresso e o bem-estar

volvida através de diversos debates temáticos entre Fevereiro e Maio e que culminará num encontro regional denominado «Alentejo – Que Poder Local para o século XXI». O terceiro momento será a preparação da presença do Alentejo na Festa do «Avante!» e a preparação do XVI Congresso do Partido.

No encerramento dos trabalhos, e em sessão aberta à comunicação social, usou da palavra o secretário-geral do Partido, Carlos Carvalhas (ver extractos em separado).

Carlos Carvalhas em Grândola

Somos uma força organizada

«O PCP declarou com toda a clareza que seria oposição de esquerda ao governo PS e que o iria confrontar com projectos de lei e medidas e propostas alternativas», disse Carlos Carvalhas no Encontro de Quadros do Alentejo, lembrando que, logo no primeiro dia, o seu partido apresentou na Assembleia da República um importante conjunto de diplomas referentes a questões levantadas na campanha eleitoral.

Depois de referir que o balanço feito no 7.º Encontro de Quadros do Alentejo havia mostrado que o PCP tinha alternativas e propostas concretas para a região, Carlos Carvalhas alertou para o facto de esta con-

tinuar a perder população e a alterar a sua estrutura social.

«Nestes últimos quatro anos o Alentejo perdeu 15 000 eleitores» e a desertificação e o envelhecimento do interior prosseguem em «consequência de políticas desequilibradas e centralistas que acentuam as desigualdades regionais», disse, considerando, por isso, «ainda mais necessário alargar o espaço de influência do Partido». O que, em sua opinião,

passa por uma maior «ligação à sociedade», por «mais iniciativa política, mormente nas organizações de base» mas também pela denúncia das carências e pela mobilização das populações.

Entretanto, o trabalho desenvolvido pelo Partido, a sua coerência, a sua firmeza, a sua ligação aos trabalhadores e ao povo permite que se avance «com confiança na dinamização da iniciativa política, no recrutamento, no reforço da organização, que não é um fim em si mesmo, mas sim, um valioso instrumento para a nossa acção».

«Nós não somos um Partido de votantes. Somos uma força organizada», prosseguiu o secretário-geral do PCP. «Mas é preciso também que cada militante seja um interveniente e não veja o Partido como uma entidade abstracta». E se a «ligação aos trabalhadores é da máxima importância» é também necessário dar «cada vez maior atenção às chamadas camadas urbanas, às camadas intermédias, e nomeadamente aos pequenos e médios empresários e designadamente aos comerciantes». Há, porém, que ver como o fazer e «não deixar que se fique pelas orientações». Há que concretizá-las.

Quem dá voz aos trabalhadores?

Referindo-se, depois ao «Programa» do governo do PS, Carlos Carvalhas considerou que ele «não deixa margem para

7.º Encontro Regional de Quadros do PCP em Grândola Somos uma força organizada

dúvidas»: «o novo governo vai prosseguir a velha política que na prática e descontando a retórica social se tem traduzido por uma colossal concentração de riqueza na sociedade portuguesa», razão por que o PCP desde logo declarou «com toda a clareza que seria oposição de esquerda ao governo PS e que o iria confrontar com projectos de lei e medidas e propostas alternativas».

Assim, logo no primeiro dia, apresentou na Assembleia da República um importante conjunto de diplomas dando cumprimento às questões levantadas na campanha eleitoral.

«Agora é a hora de cada um assumir as suas responsabilidades!».

É igualmente significativo, sublinhou, que o projecto do PCP para a diminuição das tarifas de electricidade – tendo, por um lado, em conta os lucros milionários da EDP e, por outro o alívio que ela representaria no orçamento de muitas famílias –, tivesse tido o voto contra do PS e a abstenção cúmplice do PSD e do PP. É que «é no concreto que se vêem as posições de cada partido».

Para o secretário-geral do PCP, «a diminuição agora decidida de 0,6% pela Comissão Reguladora é mínima e sem significado. É uma diminuição ridícula. Tira-se ao País e às populações para se dar aos grandes senhores da finança e da especulação bolsista. É um escândalo».

«Significativo» é, ainda, que os problemas dos trabalhadores, por exemplo da **Ford Azambuja**, que fez um negócio com a Opel e que vai colocar trabalhadores na precariedade e no desemprego, «tenham tido uma única voz em sua defesa na Assembleia da República, a voz do PCP, que não só levantou esta questão como denunciou o governo que, tendo estado dentro do negócio, não tomou, até agora, uma posição firme para garantir que não haja prejuízos para os trabalhadores».

Do mesmo modo, e significativamente, «foi o PCP o único Partido que deu voz na Assembleia da República aos trabalhadores da **ex-Sorefame** face ao plano de reestruturação – leia-se de especulação imobiliária – da multinacional ABB; bem como ao drama dos 800 trabalhadores da **Mundet** que, com a declaração de falência e com os despedimentos, até hoje ainda não receberam um tostão».

Entre os «múltiplos exemplos» que poderia citar, **Carvalho** deixou

o caso do voto proposto pelo PCP de solidariedade com José Rainha, dirigente do Movimento dos Sem-Terra, no Brasil, acusado de organizar um grupo de camponeses que, em 1989, ocuparam uma fazenda improdutivo no Estado do Espírito Santo. «O voto foi aprovado! Mas sabem como se posicionou a direita e o PS? O PS absteve-se, o PSD também e o PP votou contra. Aqui os direitos do homem, as liberdades, a solidariedade já não contam...»

Não cruzamos os braços

Calos Carvalho não deixou também de realçar o debate de urgência proposto pelo PCP sobre o Acordo de Pescas com Marrocos que, «dada a inércia do governo e da União Europeia, se mantém sem resolução», levando a que as frota pesqueiras em Sesimbra e no Algarve já estejam hoje paralisadas.

«Nós não cruzaremos os braços face a esta situação», assegurou, «assim como não cruzaremos os braços em relação ao aumento das reformas e pensões».

De seguida, o dirigente comunista referiu alguns casos exemplares «que tipificam o comportamento deste governo», ou seja, «o velho truque de ser governo e oposição».

Assim, «o Serviço Nacional de Saúde está como se sabe e o seu orçamento tem tido derrapagens sucessivas», vendose, agora, «o Ministro da Economia e a actual Ministra da Saúde a desancarem no anterior ministério, como se fossem oposição, como se nada tivessem a ver como o buraco da saúde, como se este governo fosse de outro partido, imitando também nesta postura, o PSD que era ao mesmo tempo “situação” e “oposição”...»

É, aliás, igualmente significativo que o Primeiro Ministro, interrogado sobre a falta de médicos e enfermeiros, «mais

uma vez se tenha refugiado no argumento de que o seu primeiro governo (em fim de mandato!) tomou a decisão de abrir mais duas faculdades de medicina». E, enquanto diz isto, «parece que fica com a consciência tranquila, esquecendo-se dos inúmeros jovens que com elevadas classificações não conseguiram entrar, tendo sido obrigados a escolher outro curso ou a irem realizá-lo em Espanha, com prejuízos para o povo e o país».

A verdade é que, «o governo devia tirar conclusões da “Presidência Aberta” sobre a saúde e prestar mais atenção às afirmações angustiadas de tantos utentes». Pois, o que se impunha «era um verdadeiro plano de emergência, com uma dotação suplementar, com a utilização de todos os meios disponíveis, com o consenso, a boa vontade e a cooperação das faculdades e dos docentes no sentido de abrirem o maior número de vagas possíveis ainda este ano lectivo nos cursos de medicina e enfermagem!»

«O PCP vai apresentar na Assembleia da República uma resolução nesse sentido», informou, considerando que «o governo não pode continuar a atribuir todas as culpas ao PSD», pois, afinal, «ao fim de quatro anos o que fizeram?»

Do mesmo modo, para Carlos Carvalho «impõe-se que se avance com os genéricos, com o fim da promiscuidade entre o público e o privado e que se dê cumprimento a sério à eliminação das listas de espera».

Outro «caso exemplar» é o do Ministério do Equipamento: «por um lado temos a continuação da fusão e da confusão entre o aparelho partidário e o aparelho de Estado - como se viu há dias em Aveiro com as declarações de Jorge Coelho que, despindo a capa de ministro se apresentou como dirigente partidário, lançando a campanha autárquica do PS e falando naturalmente das obras que são da tutela do seu Ministério» - por outro lado, «é a intensificação da propaganda ao velho estilo».

De facto, segundo o secretário-geral do PCP, «vamos ter, no mais refinado estilo cavaquista, o anúncio pelo ministro do Equipamento da decisão sobre a opção do novo aeroporto e a promessa de que a auto-estrada para o Algarve ficará pronta em 2001!», quando, há quatro anos, «diziam-nos que ficava pronta em 1998» e, agora, «como se o actual ministro não tivesse nada a ver com o anterior governo,

anuncia-se com todo o desprate nova data sem se dar qualquer justificação».

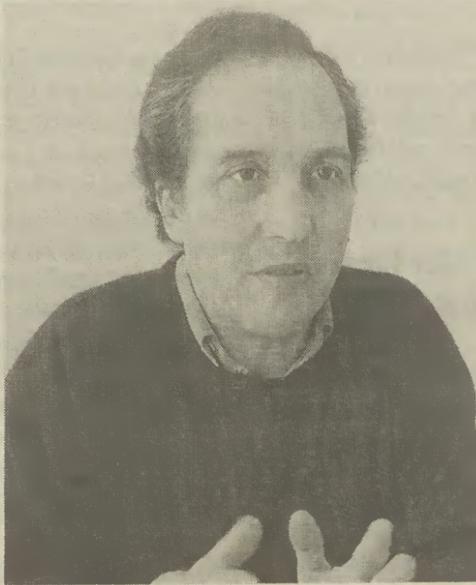
Em relação a esta questão, Ferreira do Amaral disse que Jorge Coelho «devia pedir desculpas ao povo português e muito especialmente aos algarvios». Mas, para Carvalho, «Ferreira do Amaral também não pode falar pois o seu governo fez o mesmo em relação à dita auto-estrada».

Entretanto, «o que os portugueses gostavam de saber é porque é que um conjunto importante de itinerários não avançam. Para quando, por exemplo, o avanço da IC27, a duplicação do IP5, para quando a conclusão da Via do Infante, para quando a conclusão das obras de beneficiação na actual estrada Lisboa Faro, em S. Marcos e Santana da Serra e no troço entre Ourique e Alvalade, cujos anúncios continuam a afirmar estarem concluídas em Dezembro, mas em que se mantém as bermas assassinas e as travessias desniveladas como “obras de Sta. Engrácia...”».

Enfim, «propaganda não falta. Mas os problemas não se resolvem com promessas e propaganda».

Quanto ao Ministro da Economia - que meteu a reforma fiscal na gaveta - «preparava-se para ir para a Conferência de Seattle sem qualquer debate na Assembleia da República, se a isso o PCP não o tivesse obrigado». «É a postura de confidencialidade», ironizou Carvalho. E, por sua vez o Primeiro Ministro, «que com a sua política tem aumentado o trabalho precário e reduzido na prática os direitos dos trabalhadores, reúne-se em Lisboa com especialistas para verem que respostas dar ao desemprego!»

É assim que, «de Cimeira em Cimeira, lá vão inventando mais um plano para o emprego, mas os milhões de desempregados e os milhões de pobres mantêm-se, ao mesmo tempo que crescem os lucros especulativos e se glorifica a economia de casino. Planos não faltam, o que falta é trabalho digno e com direitos».



Eleitos do PCP já começaram a cumprir

No âmbito da campanha nacional «Já começámos a cumprir», uma delegação do PCP, integrando Luísa Araújo, do Secretariado do Comité Central, José Manuel Costa e João Abreu, da Direcção da Organização Regional da **Guarda**, visitou a associação dos Bombeiros Voluntários do Gonçalo, entregando à direcção e ao comando cópia do requerimento feito na Assembleia da República pelo deputado Bernardino Soares ao ministro da Administração Interna, a propósito das condições degradantes das instalações que albergam aquela Corporação e das razões que entevam a aprovação do projecto para o novo quartel.

Lembrando a promessa de um alto responsável do Ministério, de que o projecto estaria aprovado em Maio passado e as obras começariam em Setembro, o PCP lança à Junta de Freguesia de Gonçalo, à Câmara Municipal da Guarda e ao Ministério da Administração Interna um desafio no sentido de que se empenhem na resolução deste problema e apela à comunicação social para que visite as actuais instalações dos Bombeiros e verifique «in loco» as suas humilhantes condições de trabalho.

Também em **Braga**, o deputado do PCP eleito pelo distrito, Agostinho Lopes, começou a dar cumprimento aos compromissos assumidos, tendo já realizado visitas à Póvoa de Lanhoso e a Guimarães.

Entretanto, com o objectivo de permitir «uma relação permanente e mais acessível entre os cidadãos e o deputado», a Direcção da Organização de Braga do PCP decidiu, em reunião recentemente realizada, pôr de imediato em funcionamento um «Serviço de Apoio» da Sede do PCP em Braga, para onde as pessoas e organizações podem dirigir-se-lhe, apresentando problemas e sugestões a ter em conta na sua actividade na Assembleia da República.

Nesta reunião, a DORBA decidiu ainda convocar para Março a sua 5.ª Assembleia de Organização e lançar uma Campanha Distrital de Fundos de cinco mil contos para fazer face às iniciativas em curso.

Palmela Juventude activa

Na noite do próximo dia 17 de Dezembro, António Dias Lourenço vai participar numa sessão promovida pelo PCP, no «Airense», em Aires, exactamente 50 anos depois da sua prisão pela PIDE, naquela localidade, numa casa clandestina do Partido.

A iniciativa, da Comissão de Freguesia de Palmela do PCP, a que o «Avante!» voltará, assenta na ideia de que «no limiar do ano 2000 é porventura mais fácil ter-se a noção de que cinquenta anos são um século dobrado a meio, e aquele que foi destacado dirigente do Partido, antes e depois do 25 de Abril, e durante muitos anos director do órgão central do PCP - António Dias Lourenço -, não dobrou».

Sob o título «Os jovens do Partido que vence», o Boletim da Comissão Concelhia de Palmela do PCP, em distribuição, articula esta informação com o relato do I Plenário da Organização da Juventude Comunista Portuguesa da freguesia de Pinhal Novo, recentemente realizado no Centro de Trabalho local do Partido, com a participação de 30 jovens.

Culminando um ano de acção nas campanhas eleitorais da CDU, na promoção e divulgação da Festa do Avante!, na luta por um melhor ensino público e na afirmação da solidariedade com a luta do povo timorense, o plenário registou preocupações que não deixaram de lado aspectos centrais da sociedade portuguesa - «porque têm a ver com o futuro de novas gerações» - como o são o Pacote Laboral do Governo PS, o desemprego, a discriminação dos jovens trabalhadores ou a sua sujeição a relações de trabalho pondo em causa direitos elementares.

Antecedido por um almoço comemorativo do 20.º aniversário da JCP, a reunião elegeu um executivo do organismo juvenil e, em ambas as iniciativas, esteve presente, em representação do PCP, Nuno Marques, da Comissão Concelhia de Palmela.

CAMARADAS FALECIDOS

Etelvina dos Santos Almeida

Faleceu, no dia 30 de Novembro, com 89 anos de idade, a camarada Etelvina dos Santos Almeida, de Sines. Militante de longa data, foi em sua casa que reuniu por diversas vezes o Comité Local do Partido, antes do 25 de Abril. Foi durante muitos anos divulgadora do «Avante!» no Bairro Marítimo.

José Filipe Gomes Horta

Com 71 anos de idade, faleceu no dia 29 de Novembro passado, o camarada José Filipe Gomes Horta, ex-trabalhador da EDP. Foi tesoureiro da Junta de Freguesia de Odivelas entre 1980 e 1982 e presidente da Assembleia de Freguesia entre 1983-1985.

Manuel Joaquim Herculano Tanganho

Faleceu, no passado dia 2, após doença prolongada, Manuel Joaquim Herculano Tanganho, de 39 anos, natural de Aguiar, Viana do Alentejo. Foi membro da Comissão de Trabalhadores da Precix e delegado sindical do Sindicato dos Metalúrgicos. Sempre amigo do Partido, tornou-se militante em 1997. Presentemente fazia parte da organização da freguesia de S. João da Talha, concelho de Loures.

Mário Rodrigues Caetano

Com 53 anos de idade, faleceu, no passado dia 2 de Dezembro, o camarada Mário Rodrigues Caetano, trabalhador da FIMA. Militante do PCP desde 1974, foi membro da Comissão Concelhia de Loures do PCP. Foi membro destacado das Comissões de Trabalhadores da Fima/Lever/Iglo e Cil e era, actualmente, eleito da CDU na Assembleia Municipal de Loures.

Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

SANTARÉM

Convocada 4.ª Assembleia

A Direcção da Organização Regional de Santarém do PCP vai realizar no dia 1 de Abril a sua 4.ª Assembleia de Organização, em cuja preparação pretende envolver o maior número de militantes. A decisão, tomada em reunião recente, tem como objectivo dinamizar a vida das organizações e reforçar organicamente o Partido para uma maior acção e iniciativa política. Na sua reunião, a DORSA definiu ainda um conjunto de objectivos e direcções de trabalho – realização de Assembleias de Organização, dinamização de células, reforço do recrutamento, formação de quadros –, a dinamização e afirmação da CDU e uma maior ligação aos problemas das populações e dos trabalhadores. Ao mesmo tempo, deliberou dar particular atenção à preparação do Orçamento do Estado e à elaboração do PIDDAC para o distrito.

PORTO

Intelectuais promovem Exposição

Com a designação de «Voos para um novo tempo», e inspirados no texto do manifesto «Pacto de Insubmissão», abriu, no passado dia 26, no Centro de Trabalho da Boavista, uma exposição de artes plásticas, promovida pelo Sector Intelectual, que se prolongará até ao dia 13 de Dezembro. Entre os artistas participantes contam-se os nomes de António Bronze, Jaime Isidoro, Acácio de Carvalho, Fernando Oliveira, José Emídio, Henrique Pichel, Roberto Machado, Paulo Hermâni, Júlia Pintão, Maria André, Fátima Brandão Coelho, Américo Moura, Adão Pinho Cruz, Céu Costa, Evelina Oliveira, Nuno Canelas, José Sapage, Paulo Bacelar, Luís Delgado, Jorge Figueira, Manuela Bronze, Viale Moutinho, Carlos Cancelinha, Lopes Cardoso. No convívio que se seguiu, depois da abertura do camarada Jorge Sarabando, houve música e poesia e os presentes foram convidados a «dizer» os seus votos para um novo tempo.

VIALONGA

Falta Escola Secundária

É lamentável que a proposta de Carta Escolar para o concelho de Vila Franca de Xira, elaborada em resposta ao previsto no Regulamento do Plano Director Municipal, tenha retirado a Escola Secundária aprovada para Vialonga, afirma em comunicado a Comissão de Freguesia de Vialonga do PCP, a propósito dos esclarecimentos prestados pela Câmara Municipal sobre a mesma. Na sua apreciação, os comunistas consideram também «claramente insuficientes» as propostas de novas salas de aula para os Ensinos Pré-Primário e Básico 1, 2 e 3. Assim, e tendo em conta a realidade presente e futura da população escolar de Vialonga, propõem que a Escola Secundária de Vialonga seja considerada primeira prioridade do concelho - tal como já há dois anos foi reconhecido pela Direcção Regional de Educação de Lisboa - e que seja planificada a construção atempada de um maior número de salas de aulas para os Ensinos Pré-Primário e Básico 1, 2 e 3.

AÇORES

Ilda Figueiredo em S. Miguel

Ilda Figueiredo, deputada do PCP no Parlamento Europeu, deslocou-se na passada sexta-feira a Ponta Delgada, a fim de participar no colóquio sobre o 3.º Quadro Comunitário de Apoio promovido pela Comissão de Política Geral da Assembleia Legislativa Regional. Aproveitando a visita, Ilda Figueiredo encontrou-se, a seu pedido, com a Direcção da Associação Agrícola de São Miguel, com o objectivo de conhecer a posição desta estrutura da lavoura açoriana sobre designadamente o problema das quotas de leite e do POSEIMA.

VILA PRAIA DE ÂNCORA
Para quando o Portinho?

Na sequência de uma solicitação dos eleitos da CDU na Assembleia de Freguesia de Vila Praia de Âncora, o deputado comunista Honório Novo apresentou um requerimento ao Governo sobre a situação do Portinho que constitui, há décadas, uma aspiração da comunidade piscatória. Trata-se, aliás, de uma necessidade que o próprio Primeiro-Ministro reconheceu no Verão de 1996, quando de uma visita àquela localidade, e para cuja concretização os PIDDACs de 1997, 1998 e 1999 contemplam várias centenas de milhar de contos. Chegou-se, porém, ao fim de 1999 e as obras são «zero absoluto» e as declarações e compromissos parecem ter sido esquecidos. Assim, Honório Novo solicitou ao Ministro do Equipamento Social e ao secretário de Estado das Pescas que o informassem se existe ou não algum projecto aprovado para a construção de um novo porto de pesca em Vila Praia de Âncora e, em caso afirmativo, lhe sejam facultadas «informações rigorosas e precisas» sobre o processo.

50.º aniversário da morte
de Soeiro Pereira Gomes

A vida e obra de Soeiro Pereira Gomes foi evocada em Pernes, através de uma exposição inaugurada no sábado passado, na Biblioteca da Junta de Freguesia de Pernes e patente ao público até ontem.

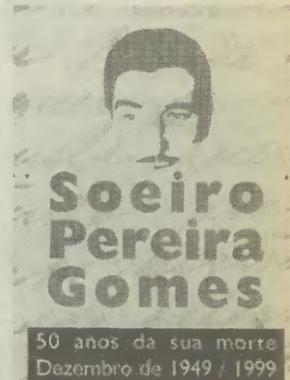
A iniciativa, realizada no âmbito das comemorações do 50.º aniversário da morte de Soeiro Pereira Gomes, teve seguimento no domingo, com o descerramento de uma lápide evocativa,

no Moinho de Vento dos Rodeados, que serviu de casa de apoio à luta clandestina na década de 40.

Na ocasião, Óscar Vieira, Policarpo Gonçalves e Dias Lourenço fizeram depoimentos sobre o

destacado militante e escritor que foi Soeiro Pereira Gomes.

À tarde, com a presença de mais de 250 pessoas, Álvaro Cunhal participou numa sessão-debate sobre «O artista e o militante», que se realizou no salão da Junta de Freguesia de Pernes. E, na terça-feira, numa outra realizada na Sociedade Euterpe Alhandrense (iniciativas a que o «Avante!» voltará na próxima edição).



— A liberdade passou por aqui —

Estamos todos no alto de uma colina mágica, à volta de um moinho, pintado de vermelho e branco, comovidos e em silêncio, cheios de gritos interiores. Tons de verde multiplicam-se, qualquer que seja a direcção para onde olhamos, daquela colina de Vaqueiros. Em muitos olhos lágrimas.

Policarpo Marcelino Gonçalves, 95 anos de idade, está a contar-nos histórias, como só homens como este sabem contar, sobre aquele moinho de mistério. Óscar Vieira, o seu neto, apresenta o avô e fala-nos do que foi, para a sua família, Soeiro.

Óscar Vieira, apresenta-nos um Soeiro Pereira Gomes, escritor tal como o leu em adolescente, e como o descobriu, nas histórias de família, como um ser especial que, dinamizava tudo e todos, que organizou, daquele moinho, as grandes lutas camponesas do Ribatejo.

Alguém que empolgou a luta dos camponeses em Pernes, Vaqueiros, Vale de Figueira, Casevel, S. Vicente de Paúl e, mais para além, Torres Novas, Brogueira, Ribeira Branca, Lapas e as grandes greves que por lá se realizaram.

Policarpo conta a história da sua vida.

À volta do moinho os familiares dos seus antigos amigos e os camaradas do distrito, todos profundamente comovidos. Entre os que ouviram Jorge Cordeiro, da Comissão Política do PCP, responsável pelo distrito, responsáveis regionais do Partido, militantes anónimos.

Fui ao Dr. Ferreira da Silva porque estava doente. Gostava muito do ouvir e aprendia muito, cada vez que ia à consulta dele.

Atendia-me muito bem e explicava-me tudo politicamente. Nesse dia, disse-me que me queria apresentar o "Serrano".

O "Serrano" explicou-me o sofrimento do povo tão bem que fiquei impressionado.

Não sabia quem ele era, realmente, mas era tão especial que nos ganhava de imediato para a luta.

O "Serrano" - Soeiro Pereira Gomes veio então viver comigo para o moinho e para aquela casa lá de baixo, onde mais tarde se instalava uma tipografia clandestina.

O Soeiro ficou aqui a viver muito tempo, ia e vinha e às vezes chegava cheio de fome e de frio. Aqui comia o pão, aqui se restaurava.

Mal chegou, ensinou-me a montar a organização. Assim, além de mim, tínhamos o Sebastião Fragoso Montalvo, correeiro, Domingos Melro, operário, António Rebelo Pereira, moleiro, Domingos Vieira, industrial, e Rafael da Cândida, camponês.

Depois começámos a montar a organização que deu as grandes greves operárias agrícolas, daquela época.

O Óscar picava o avô e saltavam más histórias. A "história dos alfinetes", a "história do Ribatejo", a queda e a doença de Soeiro, os encontros clandestinos e saltavam os nomes dos camaradas e dos amigos que ajudaram a criar o Partido em toda esta região.

Dias Lourenço, presente, falou dos camaradas de Santarém da época, o Humberto Lopes, o Daniel Faustino, sapateiro, o Manuel da Pastelaria Abidis e de tantos outros e dos encontros que teve com Soeiro, o último na praia de São Martinho do Porto.

Os amigos presentes suspensos das histórias, recordavam entre si outros camaradas. Naquele grupo unido, podíamos ver muitos dos que encabeçaram lutas em Alpiarça ou nos meloais dos campos de Vila Franca, como o Álvaro Favas Brasileiro.

Outros que organizaram e criaram sindicatos, os que participaram na CDE do distrito de Santarém em 1969 e em 1973.

Óscar Vieira recordou a importância que teve Pernes para a CDE em 1969.

"Éramos uma freguesia que valia um conelho na CDE. O trabalho de Soeiro tinha dado os seus frutos e aqui estão muitos dos frutos, vivos, despertados para as lutas."

Quando Dias Lourenço e Policarpo Gon-

çalves descerraram a lápide alusiva à presença de Soeiro no moinho, a presença de Soeiro era ali, naquela colina, verdadeiramente sentida, simbólica nas palavras expressas, nos aplausos, nas lágrimas dos velhos militantes.

Os alfinetes de Teófilo Braga

Na tipografia clandestina imprimíamos o "Ribatejo" - continua Policarpo - o jornal que Soeiro escrevia, com as lutas e os problemas da nossa região. Distribuíamos-lo todo.

Um dia acabaram os agrafos e como o jornal tinha três folhas, era preciso arranjar uma solução. Fui ter com o Teófilo Braga da Silva Vieira, que tinha uma loja e pedi-lhe todos os alfinetes que havia. Ele, admirado de eu levar tantos, queria saber para que eram os alfinetes. Mas como eu não lhe dava troco, calou-se.

Uns dias mais tarde o Teófilo também recebeu o "Ribatejo", e lá encontrou um alfinete.

Ficou a saber para que serviam os alfinetes, mas calou-se muito calado.

Teófilo Braga, mais tarde um dos activistas da CDE em 1969 e um camponês de todas as acções antifascistas até ao 25 de Abril, confirmava comovido.

Ao lado o Favas Brasileiro falava das lutas dos operários agrícolas. Acolá outro. Mais além outro. Soeiro. PCP. Soeiro.

Todos ouviam histórias e contavam outras uns aos outros. Soeiro Pereira Gomes tinha-os despertado para um exercício de memória colectiva.

Queríamos ir para Pernes ouvir Álvaro Cunhal falar sobre Soeiro na Junta de Freguesia, mas aquela colina amarrava-nos a todos.

Lá partimos a caminho de Pernes, presos ainda ao espírito de Soeiro.

A Liberdade passara por ali.

■ José João Louro

Citroen Lusitânia discrimina

Por iniciativa da Direcção da Organização Regional de Viseu do PCP, Jerónimo de Sousa, membro da Comissão Política, encontrou-se, na sexta-feira passada, com trabalhadores de várias empresas de Mangualde, participando à noite, no Centro de Trabalho de Viseu, numa reunião com dirigentes e delegados sindicais comunistas.

A DORV do PCP lamenta, entretanto, a atitude da administração da Citroen Lusitânia de não autorizar a utilização das instalações da empresa para o encontro previsto com os trabalhadores à hora do almoço, obrigando a que o mesmo tivesse tido lugar junto ao portão do refeitório.

O argumento da administração - «não abrir excepção a uma regra

desde sempre seguida na empresa», de não permitir a entrada nas suas instalações «de representantes de qualquer partido político, para visitas partidárias» - causa estranheza aos comunistas de Viseu, uma vez que, como recordam, ainda recentemente a Citroen Lusitânia foi visitada por António Guterres, na sua qualidade de secretário-geral do PS.

Para a DORV, «esta limitação aos direitos dos trabalhadores», de contactarem com responsáveis partidários num período que não afecta a normal actividade da empresa, «só prejudica a relação eleitos/eleitores e dificulta um melhor conhecimento, por parte de quem intervém nos destinos do país, dos reais problemas da empresa e dos seus trabalhadores».

Porto

Irregularidades na Petrogal

Existe uma situação de trabalho irregular na Petrogal (Refinaria do Porto), confirma a Inspeção de Trabalho, delegação do Porto, após várias visitas inspectivas que, na sequência de um requerimento subscrito pelo Grupo Parlamentar do PCP, efectuou às instalações daquela empresa.

Nestas visitas, «tendentes a controlar situações de trabalho clandestino e ilegal», a Inspeção de Trabalho verificou «várias situações irregulares», concluindo pela necessidade de «... novas acções naquela empresa, designadamente no Parque de Perafita, com o objectivo de controlar todas as

situações, directamente relacionadas com a utilização de mão-de-obra irregular, ilegal e outras formas de trabalho atípico».

Assim, em nota distribuída aos trabalhadores, a célula da Petrogal/Porto do PCP contrapõe à estratégia da administração da empresa a necessidade de uma nova política que «consolide, reforce e alargue os seus inestimáveis recursos humanos, com a conseqüente valorização dos seus próprios trabalhadores» e aponta «a valorização do trabalho, o emprego com direitos e a dignificação dos trabalhadores como pilares imprescindíveis numa sociedade democrática.»

TRABALHADORES

Situação social no distrito de Lisboa Trabalharam e não receberam 20 milhões de contos

Cerca de 400 empresas de 16 sectores de actividade devem 20 milhões de contos a trabalhadores, revela um estudo da União dos Sindicatos de Lisboa, que aponta ainda, como principais problemas laborais no distrito, os salários em atraso, o desemprego, as violações dos direitos, e as graves deficiências na acção da Inspeção do Trabalho e dos tribunais.

Chiado

Até ao Natal têm que ser desbloqueadas pelo Governo as verbas para pagamento do subsídio extraordinário de compensação aos trabalhadores da zona incendiada do Chiado, reclamou na semana passada o Sindicato do Comércio, Escritórios e Serviços de Portugal. Em nota à imprensa, o CESP/CGTP recordou que compromissos estabelecidos com a Câmara Municipal de Lisboa, o Ministério do Trabalho, o Banco de Portugal e o Fundo Extraordinário de Apoio à Recuperação do Chiado, foi decidido que mais de um milhão e cem mil contos deveriam ser atribuídos aos mil trabalhadores afectados pelo incêndio de 1988, como subsídio extraordinário de compensação. Entretanto, os trabalhadores não entendem a demora em concretizar uma decisão que lhes foi comunicada no passado mês de Agosto e que dependia apenas de uma aprovação em Conselho de Ministros. O processo, seguindo os trâmites burocráticos, encontra-se no Ministério das Finanças, informa o sindicato, alertando que «há trabalhadores que evidenciam carências graves e sinais de pobreza, em virtude do desemprego prolongado de onze anos».

Caramulo

Uma greve de cinco horas foi convocada para hoje de manhã nos lares do Sameiro, da Boa Esperança e Monteiro de Carvalho, no Caramulo, como forma de protesto dos trabalhadores, face à recusa das respectivas administrações a cumprirem o contrato colectivo de trabalho, em particular no que toca às alterações mais recentes. O Sindicato da Hotelaria do Centro informou que a decisão da greve foi aprovada num plenário realizado no final de Novembro, acusando os patrões dos lares de terem uma atitude «inadmissível», pois aqueles estabelecimentos são desde 1998 abrangidos pelo contrato colectivo do sector, que deve ser respeitado.

Santarém

Tomou posse sexta-feira a nova direcção regional da União dos Sindicatos de Santarém, composta por nove elementos e eleita no 5.º Congresso da estrutura distrital da CGTP, a 19 de Novembro.

Viabilização?

Fomentar interesses imobiliários é o que resultará da nova «receita» da Segurança Social, proposta para a Fábrica de Tecidos Lionesa, que seria dividida em duas unidades: uma industrial e uma imobiliária. A solução foi contestada pela Federação dos Têxteis, que denunciou a ameaça de que esta ideia seja aplicada noutras empresas, como o grupo Luís Correia.

Da verba em dívida, cerca de 487 mil contos correspondem a salários em atraso, em 11 empresas que estão em funcionamento, enquanto mais de 19 milhões de contos dizem respeito a 138 firmas que encerraram ou abriram processos de falência. A situação afecta 12 mil trabalhadores, muitos dos quais são desempregados de longa duração, precisou a USL/CGTP, numa conferência de imprensa realizada no dia 2, com o objectivo de divulgar a sua análise da situação social no distrito e denunciar «vários exemplos de empresas que se assumem impunemente como espaços de excepção à aplicação da legislação do Estado, perante a convivência da IGT, a incapacidade de resposta atempada dos tribunais e a indiferença colaborante do Governo».

A União salientou que existem cerca de 74 mil desempregados no distrito de Lisboa, dos quais cerca de 46 por cento de longa duração. «É gente que está a sofrer e que trabalhou

toda a sua vida», disse Arménio Carlos. Citado pela Lusa, o coordenador da USL denunciou ainda o aumento da precariedade de emprego, que num milhão de trabalhadores no activo no distrito atinge 29 por cento.

Em 64 empresas, das 400 incluídas na amostra que serviu de base ao estudo da USL, foram observadas violações dos direitos dos trabalhadores, que vão desde irregularidades nos horários, até pressões para rescisão de contratos, falta ou atraso no pagamento dos salários, ou incumprimento das normas de higiene e segurança – este apontado como responsável por 1144 acidentes de trabalho registados, alguns dos quais com «consequências gravíssimas».

A USL e os sindicatos têm denunciado os problemas junto da Inspeção Geral do Trabalho, mas a intervenção desta «tem ficado muito aquém das necessidades», critica-se no documento distribuído aos jornalistas e onde é



É intolerável que continuem a gozar de impunidade os autores de graves atentados aos direitos dos trabalhadores (foto de arquivo)

referido que continuam à espera de resposta 441 pedidos de intervenção, apresentados entre 1996 e 1999, num total de 232 empresas.

Entretanto, nos tribunais encontram-se 1077 processos em contencioso, movidos pelos sindicatos e envolvendo 213 empresas. Destes, há 168 que aguardam resolução há mais de um ano, enquanto 37 casos se arrastam há mais de 5 anos (alguns desde os anos 80).

Para a USL, trata-se de «uma situação intolerável, que envergonha quem lhe dá cobertura e que importa ser corrigida quanto antes». É «inaceitável», neste contexto, a intenção do Governo de prosseguir com as alterações da legislação laboral, nomeadamente em matérias como a contratação colectiva, as férias e os serviços mínimos. Pelo contrário, «a valorização do trabalho e a dignifica-

ção do trabalhador têm, necessariamente, de constituir a questão central para o futuro das relações de trabalho».

A USL exige ainda do Governo que faça cumprir escrupulosamente a legislação socio-laboral e as convenções colectivas de trabalho nas obras necessárias à realização do Campeonato Europeu de Futebol de 2004 e nas infra-estruturas de apoio ao evento.

Pescadores exigem melhores condições

A reafirmação da reivindicação de melhores condições de vida marcou a reunião de pescadores de Matosinhos e Aveiro, que reuniram sábado passado nas lotas daquelas localidades.

Segundo o Sindicato da Pesca do Norte, estiveram em análise as negociações dos contratos colectivos para a pesca do arrasto costeiro e do bacalhau, notando os pescadores que as propostas actuais dos armadores (representados pela ADAPI) «aproximam-se já mais das nossas reivindicações, apesar de ainda não corresponderem às justas expectativas».

Para a alteração da posição patronal «contribuiu muito a luta desenvolvida pelos pescadores do arrasto, bem como do bacalhau e, em particular, do navio "Praia de Santa Cruz", refere uma nota de imprensa do sindicato, onde é igualmente referida a influência de «uma nova situação que se verifica no sector, com falta de profissionais e muitos deles a fugirem para Espanha e França, onde ganham 3 e 4 vezes mais».

Foi decidido reforçar os esforços do sindicato junto das associações de armadores, com o objectivo de conseguir um

novo acordo para a pesca do cerco e artesanal. Nas reuniões mereceram aprovação o plano de actividades e orçamento do sindicato para o ano 2000, bem como a decisão de realizar eleições antecipadas para os corpos gerentes.

Fenprof propõe contrato para universidades privadas

Com a desculpa de que não existe regulamentação, o patronato vai contrariando os direitos e garantias dos docentes, acusou segunda-feira a Federação Nacional dos Professores, ao apresentar a sua proposta de contrato colectivo de trabalho para o Ensino Superior Privado e Cooperativo.

A Fenprof, pela voz do seu dirigente João Cunha Serra, responsabilizou o Ministério da Educação pelos problemas deste sector, a nível de contratação e de carreira dos docentes. Na conferência de imprensa, refere a Agência Lusa, aquele sindicalista afirmou que, contrariamente ao que ficou estabelecido no Estatuto do Ensino Superior Particular e Cooperativo, há seis anos atrás, o ME não regulamentou, até agora, as condições de contratação e de carreira.

Para a Fenprof, é compreensível o «receio do Ministério relativamente à decisão de regulamentar esta matéria, pois muitas universidades privadas fechariam as portas, o que levaria os estudan-

tes a manifestarem-se» na Avenida 5 de Outubro. Só que, protestou Cunha Serra, «o ME tem de encontrar alternativas para os estudantes e não continuar com esta atitude de nada fazer».

As condições de trabalho, defende a Fenprof, devem ser idênticas às do ensino superior público, nomeadamente no que respeita a remuneração, condições de carreira e cargas lectivas máximas de nove horas semanais. A federação quer ainda que os salários mínimos sejam iguais aos praticados no ensino superior público e admite um prazo de três anos para que este critério seja cumprido pelo patronato. Os estabelecimentos de ensino superior privados devem criar corpos docentes próprios e garantir a estabilidade de emprego, sem prejuízo da obtenção dos graus académicos, exige ainda a Fenprof, que vê neste princípio uma forma de evitar que os professores tenham que recorrer a acumulações, leccionando simultaneamente em estabelecimentos públicos e privados.

Cantinas em greve no dia 21

Os trabalhadores das empresas concessionárias de cantinas dos hospitais, escolas e outras instituições públicas e privadas cumprem uma greve na terça-feira, dia 21 de Dezembro, por «salários dignos».

O Sindicato da Hotelaria do Norte, em comunicado que divulgou na passada segunda-feira, refere que os trabalhadores reivindicam aumentos de 5,5 por cento na tabela salarial, no mínimo 6500 escudos. Salientando que «as empresas podem suportar» a satisfação das reivindicações, exigem também a criação de um sistema de diuturnidades de três mil escudos cada, o pagamento do trabalho prestado ao sábado e domingo, com acréscimo de 30 por cento, e a criação de uma nova categoria profissional nos hospitais.

No documento, a direcção do SHN/CGTP afirma que a restauração colectiva é um sector em grande expansão, nos últimos anos, «em grande parte à custa dos baixos salários praticados e do aumento dos ritmos de trabalho e da precariedade». «Mais de 90 por cento destes trabalhadores levam para casa praticamente o salário mínimo nacional; 60 por cento são contratados a termo e há também muito trabalho temporário ilegal», acusa o sindicato, que ainda há dias denunciou no Ministério da Educação diversas irregularidades nas cantinas das escolas.

TRABALHADORES

Amanhã e sábado na antiga FIL CGTP-IN prepara confiante transição para o novo milénio

O coordenador e vários outros dirigentes da CGTP têm chamado a atenção para os trabalhos do 9.º Congresso, prevendo que ele venha a ser um dos mais importantes na vida da central.

Sob o lema «Valorizar o trabalho dignificar os trabalhadores», o congresso decorre desde as 10.30 horas de amanhã, até à noite de sábado, reunindo cerca de um milhão de delegados, no Centro de Congressos de Lisboa, à Junqueira.

A importância do debate e das decisões a tomar tem sido salientada por Carvalho da Silva e outros destacados dirigentes da central, em diversas intervenções e declarações públicas, tanto na comunicação social (designadamente nos depoimentos ao «Avante!», que hoje concluímos), como nas iniciativas sindicais de preparação do congresso. A par das preocupações motivadas pelo presente contexto social e político, a nível nacional e internacional, têm afirmado a confiança nos trabalhadores e no movimento sindical unitário para continuar o combate em defesa dos direitos e interesses de quem vive do salário.

Após a aprovação do Regulamento da reunião magna da CGTP, Carvalho da Silva apresentará, em nome do Conselho Nacional o relatório de actividades e as linhas de intervenção para o período até 2003. Na tarde de sexta-feira, serão discu-

tidas alterações aos Estatutos (onde, entre outras, se propõe a duração de 4 anos para os mandatos sindicais e a alteração da designação de coordenador para secretário-geral).

Às 16.30, durante um intervalo, terá lugar uma cerimónia de inauguração da exposição «O homem e a sua luta», da autoria de João Silva, repórter fotográfico das edições da Intersindical Nacional desde 1979.

A discussão do Programa de Acção deverá começar às 17 horas, encerrando a sessão cerca das 20.30.

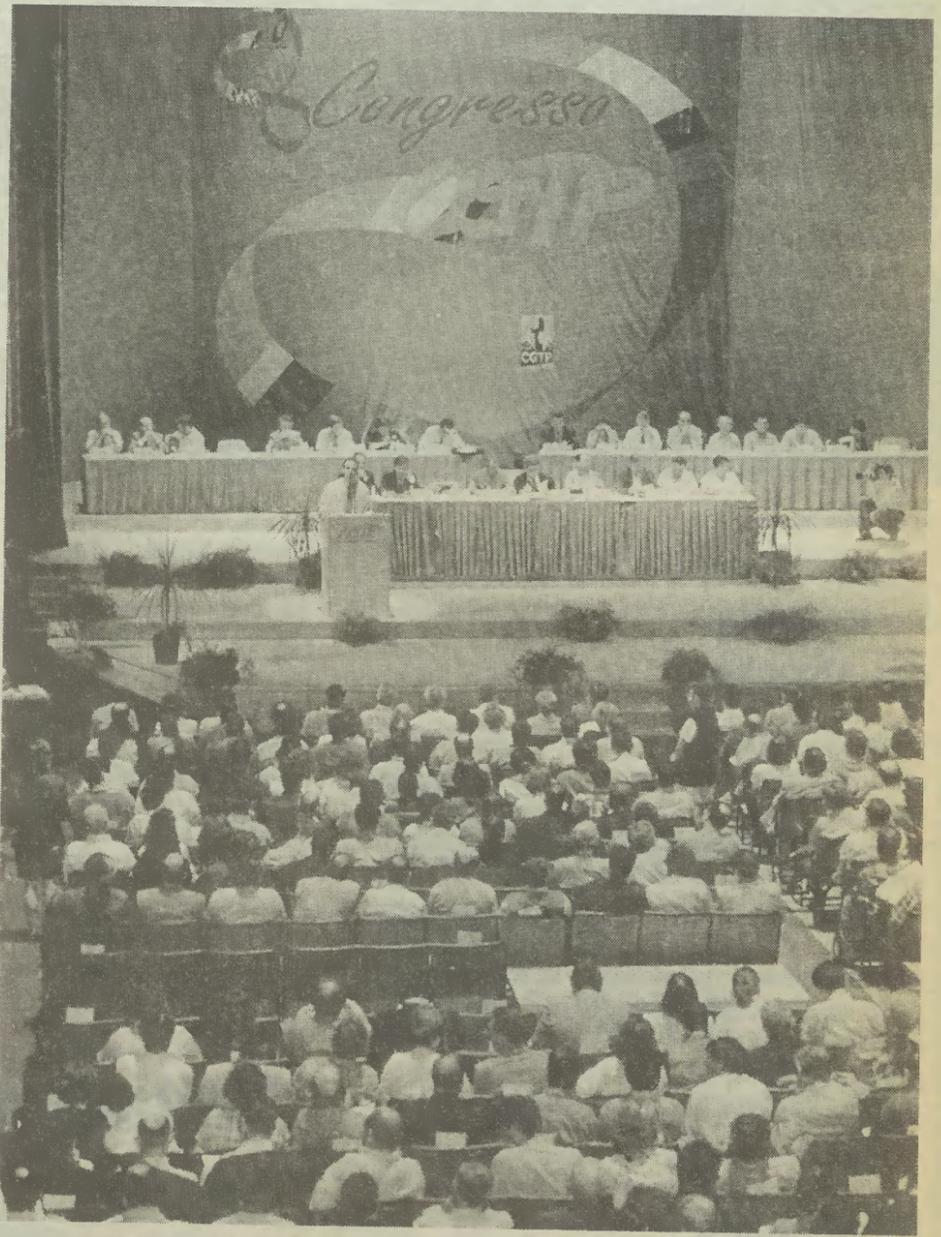
No sábado, os trabalhos são retomados às 9 horas. A eleição do Conselho Nacional iniciará-se às 12.30, decorrendo durante o intervalo para almoço. O resto da tarde, de acordo com a informação disponibilizada pela central, servirá para proceder ao apuramento e divulgação dos resultados da eleição e, sobretudo, para votar o Programa de Acção e o Relatório de Actividades, bem como para discutir e votar as resoluções e moções apresentadas ao Congresso.

A intervenção de encerramento, a cargo de Manuel Carvalho da Silva, deverá iniciar-se às 19.45 horas.

Conferência internacional

A CGTP promove hoje uma conferência sobre políticas de emprego num mundo global, com a participação de representantes de dezenas de organizações sindicais estrangeiras e internacionais, que se deslocam a Lisboa para assistirem ao 9.º Congresso. A conferência decorre também na ex-FIL, entre as 9.30 e as 18 horas, procurando «promover uma abordagem sobre a forma como, em distintos contextos, se articulam as políticas de emprego, a distribuição de rendimentos e os dinamismos do tecido produtivo», refere uma nota do Departamento de Informação da Inter.

Esta é a primeira conferência sindical internacional após a cimeira da Organização Mundial do Comércio e o seu tema foi já apontado como questão que será privilegiada pela presidência portuguesa da União Europeia, no primeiro semestre de 2000. A CGTP anunciou que estão confirmadas intervenções de Carvalho da Silva, Florival Lança e Fernando Marques (economista do Gabinete de Estudos da central), bem como de João Ferreira do Amaral, professor no ISEG, Francisco Madelino, da Comissão Executiva do IEFP, e Paulo Pedroso, secretário de Estado do Trabalho.



O último congresso teve lugar a 31 de Maio e 1 de Junho de 1996, no Coliseu de Lisboa

Prestígio internacional tem firmes fundamentos

Depoimento de Florival Lança, membro da Comissão Executiva da CGTP-IN

«Avante!»: Quais os principais problemas e desafios que a globalização da economia, num contexto claramente desfavorável aos interesses dos trabalhadores, coloca à CGTP?

Florival Lança: Os problemas mais visíveis, ou imediatos, nos planos social e laboral, são os que resultam da grande ofensiva desregulamentadora, flexibilizadora e precarizante, visando eliminar direitos conquistados por gerações inteiras de trabalhadores. Mas há também problemas de ordem económica e ideológica que não podem ser subestimados.

A ofensiva do capital assenta predominantemente na propaganda da «identidade» de interesses entre exploradores e explorados e na tese da empresa como espaço de conciliação de classes. Através da afirmação de que existe «Estado a mais», pretende-se atacar o sector público e pôr em causa os direitos sociais. Com a afirmação de que os direitos e conquistas dos trabalhadores são obstáculos à competitividade e viabilidade das empresas, pretende-se justificar a flexibilidade e desregulamentação das condições de trabalho. Com a promoção de valores como o individualismo e o «salve-se quem puder», pretende-se pôr em causa a solidariedade humana e a necessidade da luta e da acção colectivas. Atacando os sindicatos como algo do passado e sem utilidade, pretende-se também promover o fatalismo no seio dos trabalhadores e o compromisso face ao modelo económico e social predominante.

Cada dia e cada facto demonstram que este é um sistema injusto, que o capitalismo não é solução definitiva para os problemas da humanidade. Pelo contrário, a luta dos trabalhadores e das forças democrá-

ticas e progressistas fará irromper, inevitavelmente, novos movimentos de transformação social, em que os valores do socialismo se afirmarão como ideal dos povos, enquanto síntese das liberdades individuais e colectivas, conjugadas com a democracia pluralista e o desenvolvimento económico, ao serviço das necessidades materiais e espirituais do ser humano.

Quanto aos desafios, eles são enormes mas, no imediato, é urgente conseguir a indispensável unidade de acção de todo o movimento sindical internacional, no sentido de impor um quadro regulador no comércio internacional, capaz de reconhecer ao trabalho a centralidade que este efectivamente tem na sociedade actual e do futuro.

Como avalia a intervenção da CGTP nas diversas estruturas internacionais em que participa?

Ao longo dos seus 29 anos de existência, a CGTP-IN adquiriu e consolidou um significativo capital de prestígio, no plano internacional que, afirmamos sem falsas modéstias, vai muito para além do que seria de esperar de uma organização proveniente de um pequeno País.

Uma primeira explicação para este facto, encontramos-a, sem qualquer dúvida, na natureza, princípios e prática da CGTP-IN, um todo coerente que se afirma em todos os espaços, seja no nosso País, seja no exterior.

Em segundo lugar, o facto de desenvolvermos a nossa acção internacional tendo em conta prioridades bem definidas (visto não podermos «ir a todas», dado existirem limites e condicionantes materiais concretos), ligadas aos interesses dos trabalhadores que representamos e à sua perspectiva internacionalista, confere à nossa acção um sentido útil, de ligação aos problemas, o que é, geralmente, um posicionamento facilitador de convergências e de unidade, num espaço tão complexo como é o do movimento sindical internacional.

Em terceiro lugar, a CGTP-IN possui um conjunto significativo de quadros que, em todos os níveis da estrutura e em todas as áreas de acção sindical concreta, sempre que chamados a intervir, têm contribuído para aumentar o prestígio da central, dando desta a imagem duma organização profundamente enraizada nos locais de trabalho, com ligação aos trabalhadores e aos seus problemas, preocupada com a sua resolução sem, ao mesmo tempo, perder o Norte quanto à sua origem profunda e afirmando-a descomplexadamente. São todos estes quadros que materializam as orientações defendidas pelos órgãos da CGTP-IN em seminários e conferências, comités e grupos de trabalho da CES, nas conferências da OIT, na cooperação e em todos os espaços onde se debatam os problemas concretos dos trabalhadores.



É a partir deste conjunto de apreciações que os órgãos da CGTP-IN avaliam como globalmente positiva a intervenção desenvolvida no plano internacional, quer pelos seus sindicatos, federações ou uniões, quer pelos inúmeros quadros dirigentes ou técnicos que, em representação directa da central, asseguram e afirmam autonomamente, na medida em que esta se rege pelos mesmos princípios que orientam a sua acção

no plano nacional.

É, de resto, significativo que um elevado número de organizações sindicais internacionais (73 à data em que escrevo), provenientes dos vários continentes, com distintas orientações sindicais, políticas ou religiosas, tenham respondido positivamente ao nosso convite, quer para participarem na Conferência Internacional sobre «Políticas de Emprego num Mundo Global», dia 9 de Dezembro, bem como para assistirem aos trabalhos do nosso 9.º Congresso, a 10 e 11.

Mas este é um processo em constante movimento, pelo que é entretanto necessário um mais activo empenhamento da CGTP-IN, no quadro do movimento sindical mundial, para, em conjunto com outras organizações europeias e mundiais, trabalhar no objectivo de criar um maior equilíbrio, intervenção e luta do movimento sindical mundial, reforçando as posições dos que defendem o fim da exploração do homem pelo homem.

Verdes marcam convenção

O Conselho Nacional do Partido Ecologista «Os Verdes», realizado no passado sábado, convocou para os dias 12, 13 e 14 do corrente, a 8.ª Convenção Nacional Ecológica, que se propõe ser uma espaço de reflexão, debate e intervenção sobre temas da ecologia.

Das conclusões do Conselho Nacional salientam-se igualmente as preocupações manifestadas sobre a Organização Mundial do Comércio e a Cimeira de Seattle que pretende alargar o seu âmbito às áreas da educação, cultura e saúde, comprometendo direitos sociais e ambientais, afirmam «Os Verdes», considerando que destes modo «estamos cada vez mais distantes dos compromissos assumidos no Rio de Janeiro na ECO 92».

O partido condenou ainda a insistência do Governo em manter a co-incineração como solução única para os resíduos industriais perigosos, exigindo ainda que o executivo tome medidas no plano energético que conduzam à poupança, à diversificação e à promoção de energias renováveis, bem como à prioridade máxima ao transporte público.

Sobre a revisão da lei eleitoral, «Os Verdes» entendem que a ser alterada deverá reforçar os princípios da proporcionalidade e pluralidade. Foi ainda anunciado que o partido se prepara para apresentar na AR um projecto-lei com vista a proibir o cultivo, a importação e a comercialização de organismos geneticamente modificados.

Incineradora em Alcochete

Em requerimento dirigido aos ministérios da Defesa e do Ambiente, o Grupo Parlamentar de «Os Verdes» exige a confirmação das notícias sobre a intenção do Governo de construir uma incineradora na Fábrica da Pólvora de Alcochete, destinada à destruição de armamento obsoleto. O documento apresentado pela deputada Heloísa Apolónia refere como grave o facto de a Câmara não ter sido ouvida, e sublinha que o local previsto se situa a escassos metros de importantes vias rodoviárias e até de aglomerados populacionais, para além de se situarem na região ecossistemas muito sensíveis. Dadas as implicações que tal projecto poderá ter sobre as pessoas e o ambiente, «Os Verdes» entendem que é obrigatória a realização de uma avaliação de impacte ambiental.

MDM saúda congresso angolano

O Movimento Democrático das Mulheres dirigiu uma saudação ao Congresso da Organização das Mulheres Angolanas, em cujos trabalhos participa, manifestando solidariedade para com todo o povo angolano e em particular para com as mulheres daquele país devastado.

O texto faz referência aos responsáveis pela guerra, aos que ao longo de várias décadas engendraram, alimentaram e sustentaram um conflito por razões que nada têm a ver com direitos humanos e tudo têm a ver com o lucro; violaram continuamente as resoluções das Nações Unidas; tentaram sistematicamente branquear a história, difundindo mentiras, invertendo e ignorando responsabilidades. O MDM aproveitou ainda para falar da campanha de solidariedade sob o lema «Abrir o Sorriso de uma Criança em Angola» - lançada em Portugal em Junho deste ano, com o objectivo de recolher medicamentos, livros infantis, roupas e material escolar -, cuja adesão ultrapassou as melhores expectativas. Numerosas instituições, empresas, autarquias locais e inúmeros cidadãos deram o seu apoio e permitiram juntar várias toneladas de materiais.

Derramas em dívida

A actual Lei das Finanças Locais está longe de corresponder aos anseios e necessidades dos municípios, mas como se isso não bastasse o Governo não está a cumpri-la. A denúncia foi feita na passada sexta-feira, numa pergunta ao Governo, do deputado comunista, Joaquim Matias, que afirma haver «retenção ilegal de verbas dos municípios correspondentes ao apuramento da derrama».

Municípios pequenos como o de Sines receberam até à data menos de 10 por cento dos que lhes é devido, outros como Alcácer do Sal, Almada, Barreiro, Loures, Santiago do Cacém e Sesimbra receberam entre 12 e 20 por cento. O deputado salientou que devido aos magros orçamentos municipais, «esta atitude traduz-se em milhões de contos em dívidas de obras realizadas e outras irremediavelmente comprometidas».

Salário Mínimo Nacional Alarga-se fosso entre Portugal e países europeus

PS, PSD e PP uniram-se na Assembleia da República para derrotar o projecto comunista que visava a aproximação gradual do valor do salário mínimo nacional à média europeia. Na ocasião, Carlos Carvalhas declarou que «é precisamente nestas questões que se verifica uma diferença entre a direita e a esquerda substantiva».

O projecto do PCP, apresentado pelo deputado Lino de Carvalho, começa por lembrar que, segundo dados do Ministério do Trabalho e da Solidariedade, cerca de 200 mil trabalhadores são pagos com o salário mínimo nacional (10% dos trabalhadores da indústria de madeira e cortiça, 12,1% no mobiliário, 14,2% no vestuário e quase 20% na restauração), sendo que, do total, as mulheres representam cerca de 60%.

Mas há ainda os casos singulares da Administração Pública, onde o índice 100, a base remuneratória, está abaixo do SMN, registando-se igualmente situações em que são publicadas tabelas salariais com vencimentos inferiores ao mínimo nacional.

Valores do salário mínimo nacional

País	Euro	Escudos
Luxemburgo	1162	234 156
Holanda	1078	216 156
Bélgica	1074	215 407
França	1049	210 327
Grã-Bretanha	963	193 053
Irlanda	958	192 011
Grécia	458	90 636
Espanha	416	83 465
Portugal	306	61 300

Números divulgados pela CGTP, a partir de dados do Eurostat e IDE

Apesar da sua importância real, o salário mínimo tem sofrido ao longo dos anos uma desvalorização contínua: em 1981 representava 67% do salário médio; em 1996 já representava tão somente 52%. Esta tendência prosseguiu em 1997, quando teve

um aumento de 3,9%, contra um incremento do salário médio de 5,1%. Estes valores foram em 1998, respectivamente, de 3,9% contra 4,7%; e este ano de 4,1% contra 4,9% de aumentos salariais médios previstos.

O anúncio recente dos aumentos para 2000 mantém a

tendência para uma distribuição desigual do rendimento em proveito do capital. Para uma inflação prevista de 2,3% e uma produtividade esperada de 2,8%, num total de 5,1%, o Governo fica-se por um aumento de 4,1%.

O escalão mais baixo da UE

Esta desvalorização que atira os trabalhadores portugueses para o escalão mais baixo da União Europeia (ver quadro com dados relativos a 1999), deve no entender do PCP ser invertida. Neste sentido, a proposta comunista estipulava que o aumento anual do salário mínimo não possa «ser inferior à taxa de inflação prevista para esse ano acrescida, pelo menos de três pontos percentuais». Se fosse adoptada, no final da legislatura, ou seja ao fim de quatro anos, o seu valor não seria inferior a 75 mil escudos.

Como reconheceu Lino de Carvalho é uma «proposta que ainda está abaixo de valores que se justificariam por razões de justiça social. Mas ninguém, seguramente contestará, que é uma proposta claramente sustentável e acomodável aos valores macro-económicos previstos para a economia portuguesa».

Porém, assim não pensaram PS, PSD e PP que em bloco chumbaram o projecto.

São muitos os casos irregulares Multinacionais fazem baixas

A deputada Fátima Amaral levou ao parlamento as preocupações do PCP sobre os casos recentes da Adtranz Portugal (ex-Sorefame) e da Ford Azambuja, cuja reestruturação se traduz em graves prejuízos para os trabalhadores e para os interesses do país.

A deputada, intervindo na passada quinta-feira, lembrou que o Estado tem canalizado muitos milhões de contos para investimentos em empresas privadas, atribuindo-lhes em simultâneo benesses fiscais que lhes permitem acumular lucros fabulosos. No entanto, sem observarem qualquer tipo de compromissos, as empresas encerram lançando os trabalhadores na precariedade e no desemprego.

É esta a situação da Ford-Azambuja, que depois de 40 anos de laboração vai vender a fábrica à Opel, sem antes negociar qualquer plano social com os representantes dos cerca de 300 trabalhadores. Por seu lado, o Governo não tomou qualquer posição para garantir que não haverá prejuízos para todos os trabalhadores, incluindo os das empresas que prestavam serviços à Ford.

O conflito gerado pela multinacional Adtranz mereceu igualmente a denúncia e indignação da bancada comunista. Depois de ter passado por diversas etapas de desmantelamento, a ex-Sorefame foi comprada a preço de saldo pela multinacional ABB, já com o passivo devidamente limpo pelo Governo

através do IPE. Começou logo a desviar para outros países a sua tecnologia e produção e agora projecta uma reestruturação que fecha a fábrica na Amadora para uma aparente fusão na de Sines.

Mas o que na realidade a empresa pretende «através de uma operação especulativa imobiliária, é vender o terreno, esperando, para isso, conseguir que haja alterações ao PDM», denunciou Fátima Amaral, alertando para os 1500 postos de trabalho que ali existem para além das graves repercussões na microeconomia do concelho, que nos últimos anos perdeu já cerca de 15 mil postos de trabalho.

Recordando que a multinacional teve direito a fundos estruturais e só através do PEDIP recebeu cerca de seis milhões de contos, a deputada considerou que «o Governo não pode lavar as mãos como Pilatos».

A sua intervenção fez ainda referência ao drama em que vivem há mais de uma década os 500 trabalhadores das Mundet, que resistiram durante cinco anos com salários em atraso até que, em Julho de 1993, foi declarada a falência. Despedidos, não receberam até hoje «nem um tostão».

Os processos judiciais arrastam-se desde 1992, tendo-se já efectuado vendas de património, mas nada reverte para os trabalhadores, muitos dos quais com idades avançadas se encontram no limiar da pobreza. A deputada exigiu que a acção judicial seja acelerada.

Despedimento colectivo

Também na sequência de um processo de reestruturação, o gigante do sector químico Sano-fi/Synthelabo, nascido recentemente em resultado da fusão de dois grandes grupos de empresas de origem francesa com dimensão mundial, apresentou um processo de despedimento colectivo de 45 trabalhadores.

Em requerimento apresentado por Vicente Merendas, o PCP considera que se trata de «uma atitude inadmissível» da multi-

nacional farmacêutica, que em 1998 atingiu um montante de vendas superior a 153 milhões de contos e goza de uma invejável situação financeira.

Vicente Merendas afirma que «não existe nenhuma razão económica, nem qualquer outra que fundamente o processo de despedimento», notando inclusivamente que a empresa está a fazer admissões para ocupar o lugar dos trabalhadores despedidos e pergunta qual tem sido neste caso a intervenção do Ministério do Trabalho e da Solidariedade para fazer respeitar a legislação nacional.

Mellos despedem Governo cala

O deputado Vicente Merendas quer saber que medidas tomou o Governo para garantir a manutenção dos postos de trabalho e dos direitos dos trabalhadores da ADP, bem como para salvaguardar o aparelho produtivo face ao anúncio do grupo Mello/Sapec de encerrar a fábrica de adubos compostos do Barreiro.

O deputado sublinha que a Adubos de Portugal (ex-Quimigal Adubos) é uma empresa estratégica, com um papel importante para o desenvolvimento industrial agrícola, exigindo por isso que o Governo intervenha no processo em curso.

O deputado comunista recorda que a privatização da Quimigal Adubos teve contornos pouco claros, uma vez que quem ganhou o concurso público foi o grupo MDO, que se propunha investir mais de 20 milhões de contos e criar 100 postos de trabalho, embora o Governo tivesse optado pelo Grupo Mello/Sapec, alegando a credibilidade deste para a criação de um grupo forte para a Indústria Química em Portugal. No entanto, os factos recentes contradizem este projecto e a curto prazo há já cerca de 30 pessoas que na ADP têm o emprego em risco.

França

11 de Dezembro, dia de luta

A quinzena de organizações que participaram na manifestação de 16 de Outubro, em Paris, promove no próximo dia 11 uma série de iniciativas descentralizadas cujo objectivo é sublinhar «a urgência social» de uma série de questões que se encontram na ordem do dia. A jornada de luta coincide com a manifestação nacional de desempregados marcada para a capital francesa.

Segundo os organizadores, terão lugar cerca de três dezenas de manifestações em diversas cidades francesas. As lutas em curso, as ocupações de empresa e a batalha dos desempregados para o aumento dos subsídios mínimos nacionais dão um peso acrescido à iniciativa, cujo objectivo é prolongar e aprofundar a unidade de acção alcançada em 16 de Outubro, dando, em ligação com as três associações de desempregados que convocaram para dia 11 uma manifestação nacional, um especial destaque à questão da precariedade no emprego. Uma das palavras de ordem que se ouvirão em Paris e um pouco por toda a França será a exigência de «aumento dos mínimos sociais, bónus de Natal».

O clima de contestação social tem vindo a aumentar nos

últimos dias. A 30 de Novembro, em todo o país, o sector bancário cumpriu uma greve de 24 horas, e os trabalhadores saíram à rua numa impressionante manifestação de força como não se via há 25 anos: entre 25 000 a 30 000, segundo os sindicatos (cerca de 13 000 segundo a polícia).

Os trabalhadores bancários lutam contra o projecto patronal que visa adaptar os salários e condições de trabalho às novas condições do sector, onde predominam cada vez mais as mega-fusões. A greve, convocada pelas cinco federações representativas dos trabalhadores dos bancos em luta por uma convenção colectiva digna desse nome em 1 de Janeiro de 2000, contou com uma forte participação dos trabalhadores dos bancos portugueses em França, o que levou ao encerra-



mento de várias dezenas de agências bancárias (oito das nove agências do BPI encerraram, o mesmo sucedendo a 27 das 34 do BFP, por exemplo). Segundo os dados disponibilizados pelas estruturas sindicais, os níveis de adesão nos bancos portugueses foram de 30 por cento na CGD e no BPSM, de 35 por cento no Banco Mello e no BCP, e de 61 por cento no BFP e no BPI.

A não haver acordo, os sindicatos do sector admitem ir para a greve geral ilimitada.

Outras paralisações, mais parciais, e diversas manifesta-

ções afectaram ainda diferentes sectores franceses, como os grandes armazéns, os Correios, alguns hospitais, ou o sector alfandegário. Para além de manifestações em Aix-en-Provence, Martigues, Toulon, Nice, é de destacar, pela sua grandeza, a manifestação de desempregados em Marselha, onde 30 000 pessoas saíram à rua para exigir «um bónus de Natal de 3000 francos e a criação de um fundo para indemnizar os desempregados».

Segundo Charles Hoareau, responsável do comité de Marselha da CGT para os desem-

pregados, que considerou a iniciativa «um sucesso total», o bónus exigido é e deve ser um símbolo que «dê um pouco de felicidade às famílias e que signifique que existimos e que

somos reconhecidos». O que não faz esquecer que o objectivo principal é «primeiro o emprego, depois um sistema que tenha em conta todos os desempregados».

Brasil

Solidariedade com José Rainha

O segundo julgamento de José Rainha, dirigente do Movimento dos Sem Terra (MST) do Brasil acusado do assassinato de um polícia e de um fazendeiro durante confrontos ocorridos a 3 de Junho de 1989, no município de Pedro Canário, realiza-se na próxima

segunda-feira, dia 13, em Vitória, capital do Estado do Espírito Santo. Preside ao julgamento do juiz Ronaldo Gonçalves de Souza, estando a defesa a cargo dos advogados Evandro Lins e Silva, Luiz Eduardo Greenhalgh, Aton Fon Filho e Suzana Angélica Paim.

Segundo informação divulgada pelo MST, todas as testemunhas ouvidas no julgamento realizado em Junho de 1997 serão ouvidas de novo, pelo que mais uma vez será provado que José Rainha se encontrava no Ceará à data dos acontecimentos, «decorrendo daí a impossibilidade de ser condenado».

O primeiro julgamento, afirma o MST, foi «uma farsa», «um jogo de cartas marcadas». De facto, as ilegalidades foram tantas que, para além de não serem tidas em conta as testemunhas que confirmaram a presença de José Rainha noutra local, a 2000 quilómetros dos acontecimentos, ainda se chegou ao cúmulo de ter entre os jurados quatro pessoas que declararam, após o referido julgamento, «serem amigas do fazendeiro vitimado no conflito», o que as terá levado a condenarem José Rainha «por interesses pessoais e em explícito apoio aos fazendeiros do Espírito Santo».

Tendo em conta todos os antecedentes, e porque o julgamento do dirigente do MST se transformou de facto num processo político, o Movimento apela a todas as personalidades e entidades nacionais e estrangeiras defensoras da justiça e do respeito dos direitos huma-

nos para que compareçam no Tribunal de Vitória em apoio de José Rainha e dos Sem Terra. O MST apela ainda ao envio de cartas, abaixo-assinados, e faxes para o Presidente da República do Brasil e para o ministro da Justiça, exigindo o fim da perseguição política aos trabalhadores rurais sem terra.

As mensagens de solidariedade devem ser enviadas para: **Presidente da República Fernando Henrique Cardoso, Palácio do Planalto, 70150-900 - Brasília - DF - Brasil / Fax 55 61 226 7566 / email: pr@planalto.gov.br; ou Ministro da Justiça José Carlos Dias, Esplanada dos Ministérios - Bloco T - 70064-900 - Brasília - DF - Brasil / Fax 55 61 226 7566.**

Nada levando a crer que a «justiça» brasileira - que há dois anos condenou José Rainha a 26 anos e seis meses de prisão por um crime que não cometeu nem podia ter cometido - tenha passado neste período por um processo de regeneração moral e institucional, «há bons motivos para temer que a farsa judicial venha a repetir-se», como afirmou José Saramago, Prémio Nobel da literatura 1998, na mensagem que enviou a Henrique Cardoso. Por isso se impõe a solidariedade de todos.

PT realizou II Congresso

O II Congresso do Partido dos Trabalhadores (PT) do Brasil realizou-se de 24 a 28 de Novembro em Belo Horizonte.

O PCP esteve representado no Congresso por António Andrez, membro da Comissão Política. Em mensagem enviada ao partido brasileiro o PCP sublinha a importância do PT enquanto «grande força de esquerda anticapitalista e anti-imperialista, profundamente identificada com as massas populares e empenhada na unidade das forças de esquerda», para «a solução dos graves problemas do Brasil» e para «a defesa e promoção dos interesses dos trabalhadores e do povo brasileiro».

Na sua mensagem, o PCP felicitou ainda os «camaradas petistas pelos resultados alcançados em importantes batalhas eleitorais, políticas e sociais», manifestando os votos de «melhores sucessos à sua acção combativa contra a política neoliberal antipopular do governo de Fernando Henrique Cardoso, em defesa da soberania nacional, e por profundas transformações progressistas da sociedade brasileira».

O II Congresso do PT, a que voltaremos em próxima edição, reelegeu o paulista José Dirceu para a presidência do directório nacional do partido.

Itália
Liga do Norte
marcha
sobre Roma

«Roma, ladra» e «liberdade para a Padania» foram as palavras de ordem mais gritadas por milhares de italianos do Norte do país que domingo se manifestaram em Roma. Os manifestantes (cerca de 50 mil, segundo os organizadores) concentraram-se na Piazza del Popolo, onde discursou Umberto Bossi, dirigente da Liga separatista, que desta vez proferiu um discurso mais «moderado», exigindo um Parlamento «à escocesa» para o Norte de Itália e outro para o Sul.

A iniciativa, que os sectores mais radicais da Liga do Norte designaram de «marcha sobre Roma», numa evocação da marcha sobre a capital organizada em 1922 pelos fascistas, realizou-se sem incidentes, apesar da agressividade das palavras de ordem.

Bossi, por seu turno, classificou a marcha como o primeiro passo de uma grande campanha para a recolha de assinaturas para exigir a realização de um referendo constitucional sobre o Parlamento do Norte. «Apresentámos um projecto de lei constitucional e de um referendo constituinte para instituir o Parlamento padano», disse Bossi, para quem a iniciativa se destina a permitir que «seja o povo a obter o que o Parlamento (de Roma) não lhe pode dar».

O projecto de lei foi entregue na sede da presidência italiana por cinco membros da Liga, que no entanto não conseguiram ser recebidos pelo chefe de Estado, Carlo Azeglio Ciampi. O mesmo sucedeu no Senado e na Câmara dos Deputados, cujos presidentes, Nicola Mancino e Luciano Violante, classificaram a marcha contra Roma como uma «ofensa ao Estado» e à cidade.

Na sua intervenção, Bossi anunciou que não apoiará o governo D'Alema, cuja crise parece iminente. «Se cair, que caia e se convoquem eleições», afirmou Bossi, que anunciou que a Liga também não está disposta a dar o seu apoio político a outras forças, a menos que as suas principais reivindicações sejam satisfeitas.

A marcha foi criticada tanto à esquerda como à direita do espectro político italiano. A Alianza Nacional, de Gianfranco Fini, de direita, qualificou a iniciativa de «desfile carnavalesco fora de época».

Nas legislativas de 1996, a Liga do Norte obteve 10 por cento dos votos, com um pico de 30 por cento em Veneza, dispondo de 49 deputados e 21 senadores. Nas últimas eleições europeias, no entanto, desceu significativamente, não indo além de 4,5 por cento. Desde então aposta na radicalização do discurso político, nomeadamente na vertente xenófoba, acusando o poder central de «exploração colonial» e de passividade face à infiltração de mafiosos, criminosos e emigrantes clandestinos.

■ Lígia Calapez

Ronda do milénio

A Conferência da Organização Mundial do Comércio (OMC) sobre a próxima ronda de liberalização comercial foi suspensa sexta-feira à noite em Seattle, Estado de Washington, nos EUA. Um encontro abortado por força das contradições que dividem os seus mais importantes promotores, Estados Unidos e União Europeia, pela posição assumida entre países menos desenvolvidos, em síntese, pelas divergências que dividem os 135 países membros. Mas – sobretudo – como resultado da pressão dos povos nestes diferentes países, também de alguma forma reflectida nas manifestações que acompanharam o encontro desde o início. Dezenas de milhares de pessoas nas ruas de Seattle, num movimento de contestação sem igual nos últimos 30 anos nos EUA.

No mesmo dia em que a representante especial para o comércio norte-americano, Charlene Barshefsky, anunciava oficialmente a suspensão das negociações da OMC sobre o lançamento de uma nova ronda, sobreviventes de Bhopal assinalavam com uma romagem os quinze anos passados sobre a grande tragédia que provocou milhares de mortos em Madhya Pradesh, no centro da Índia.

Que ligação entre estes dois acontecimentos, díspares no tempo e no espaço?

Há 15 anos, uma fuga de gás tóxico das fábricas da Union Carbide, provocava cerca de sete mil mortos. O acidente levantou uma onda de protestos, pondo em causa as condições de laboração de empresas de produtos tóxicos. Quinze anos volvidos esta grande empresa não indemnizou as vítimas nem procedeu à limpeza dos locais, fortemente contaminados. Uma delegação das vítimas decidiu avançar com uma queixa contra a Union Carbide, num tribunal de Nova Iorque, sob a acusação de «indiferença objectiva pela vida humana».

Nestes dias, em Seattle, são a voz e os interesses do grande capital, ligado ao poder estatal ou sobrepondo-se-lhe, que estão em causa. Um poder dominante que se quer ainda auto-reforçar.

O poder das grandes multinacionais e, em particular, do capital financeiro, é bem concreto. Bastará referir dois factos, a título de exemplo. O maior banco do mundo, criado pelos japoneses através da fusão entre três instituições, detém um total de activos equivalente a 266 mil milhões de contos - cerca de 14 vezes o Produto Interno Bruto (PIB) português. De cada cem dólares que circulam diariamente no mundo, apenas dois pertencem à economia real.

Esta realidade é acompanhada de um aprofundamento dos desequilíbrios e desigualdades. Assim, a diferença de rendimento entre os 20% mais ricos e os 20% mais pobres da população era de 30 para um em 1960, subindo para 74 para um em 1997.

Esta é a realidade. O que não quer dizer, de forma alguma, uma inevitabilidade.

Os problemas que levaram ao abortar do encontro de Seattle, como as grandes manifestações que acompanharam a sua realização (juntando embora movimentos diversos e até contraditórios), testemunham - a vários níveis - isso mesmo. Ao arripio de muitos comentários que nestes dias têm saído nos órgãos de comunicação social, a mudança tem *pés para andar*. Nas palavras de Immanuel Wallerstein, conhecido historiador do capitalismo, «as pessoas que acumulam capital vão dizer que é necessário alternativas (...) É necessário reduzir o custo do trabalho, atenuar as preocupações ecológicas e reduzir o Estado providência. Tentam... como aqueles que pensam que é possível parar as marés».

Riscos e contradições

Nenhum acordo foi obtido sobre o lançamento de um novo ciclo global de negociações comerciais multilaterais. Nenhuma data para a retoma da conferência ministerial foi entretanto avançada.

Entretanto, a partir de Janeiro, em Genebra, a OMC irá discutir agricultura e serviços, de acordo com os compromissos assumidos nos acordos de Marraqueche de 1996, que encerraram o Uruguai Round. Temas que

estão longe de ser inócuos e que, no que diz respeito a Portugal, poderão levar ainda a um agravamento das já difíceis condições em que se faz agricultura no nosso país.

Ainda recentemente os Estados Unidos conseguiram dois importantes trunfos. A OMC

autorizou os EUA a imporem tarifas aduaneiras punitivas a diversos bens europeus como retaliação contra as restrições à importação de bananas produzidas por companhias norte-americanas e contra restrições à importação de carne bovina tratada com hormonas.

Em Janeiro, e para além da questão dos subsídios agrícolas, deverá também levantar-se a questão dos produtos agrícolas alterados geneticamente. No que respeita ao debate em torno dos serviços, os EUA pretendem um melhor acesso às suas indústrias nesta área, em particular telecomunicações, finanças, construção, serviços *on-line*, entre outros.

Factos que envolvem um maior poder para os grandes grupos económicos. E, por acréscimo, riscos nada negligenciáveis.

Por exemplo, o negócio com os *organismos geneticamente modificados* envolve três tipos de riscos, segundo destacou recentemente o Overseas Development Institute - risco de degradação do ambiente, risco de insegurança alimentar e risco decorrente da necessidade de enormes investimentos financeiros, só ao alcance das multinacionais.

Neste quadro de jogos de poder e contradições, é importante distinguir entre palavras e factos, tentar discernir interesses ocultos.

Assim, em Seattle os EUA aparecem como defensores dos direitos humanos e laborais. Mas é sabido que as companhias multinacionais, e nomeadamente as norte-americanas, fazem uso dos países do terceiro mundo para explorar a mão-de-obra barata e sem leis de protecção laboral.

Dá que pensar, por exemplo, a afirmação de Malloch Brown, administrador do programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, que diz: «A última coisa que precisamos é a extensão das missões da OMC aos direitos sociais e ao ambiente. A OMC é uma pequena organização fechada que estabelece regras de comércio. Se os seus funcionários, não eleitos, tivessem também que julgar conflitos sobre ambiente e direitos sociais, o problema da irresponsabilidade e do segredo seria cem vezes pior».

As maiores manifestações de protesto desde a guerra do Vietname

Protesto

Quando os países membros do GATT (organização que daria lugar à OMC) se reuniram, em 1986, na cidade de Punta del Este, no Uruguai, o facto mereceu apenas alguma atenção dos *media* e de publicações da especialidade.

Agora, em Seattle, foram dezenas de milhares de pessoas que saíram à rua, numa acção sem igual nos EUA nos últimos 30 anos e que fez lembrar os grandes movimentos de contestação dos anos 60, em particular os protestos contra a guerra do Vietname. Nem todas as organizações não governamentais (ONG) presentes neste protesto teriam as mesmas motivações. Houve, é verdade, alguma violência, pretexto de repressão com gases lacrimogéneos e balas de borracha, tão excessiva que o chefe da polícia de Seattle foi o próprio a reconhecê-lo publicamente. Mas, no fundamental, os protestos foram dirigidos contra a própria lógica do capitalismo e uma das suas mais acabadas expressões - a Organização Mundial do Comércio.

Em causa está, como foi sublinhado pelo dirigente de uma das organizações envolvidas no protesto, «quem elabora as regras do comércio internacional e quem é que essas regras servem».

Pelo seu simbolismo, é interessante realçar que Seattle é sede de empresas como a Microsoft e a Boeing e tem um passado de lutas. Foi palco da primeira greve geral em 1919 e conheceu, nos anos 60, uma onda do movimento de contestação contra a guerra do Vietname.

Por força do entrecruzamento destes diferentes factores - as contradições do capital, a luta dos povos contra a submissão dos interesses dos seus países aos das multinacionais e a sua expressão nas manifestações em Seattle - a pomposamente apelidada de *Ronda do Milénio* começou com uma cerimónia inaugural impedida pelas manifestações de rua e terminou com uma declaração de suspensão do encontro. *A montanha pariu um rato*. Ou nem isso. Mas a ameaça mantém-se.

Apelo por uma moratória

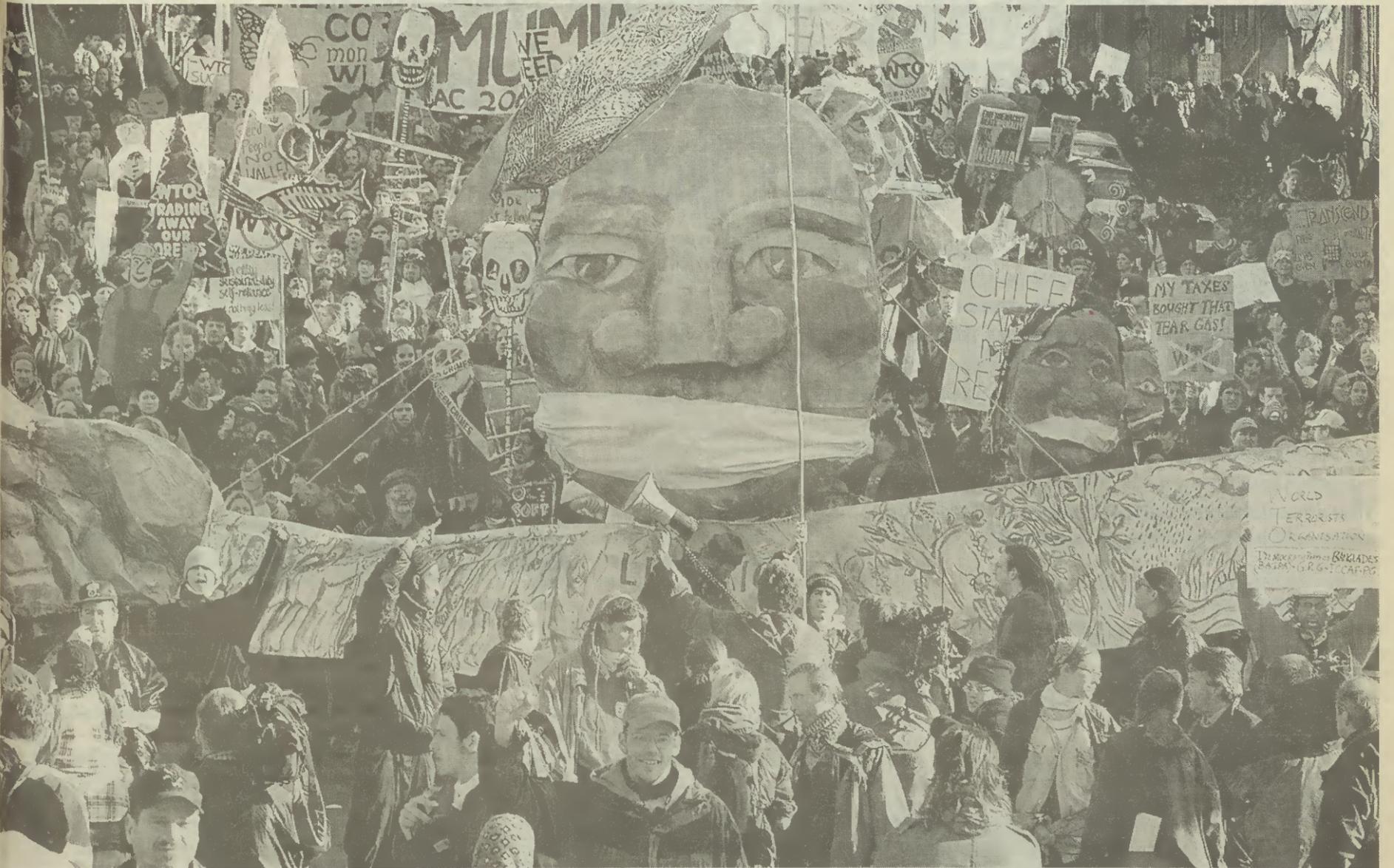
O Governo português deveria informar os cidadãos sobre o que está em discussão nesta ronda, agora terminada, da Organização Mundial do Comércio, e pedir uma moratória sobre novas medidas liberalizadoras, como é reclamado por milhares de organizações não governamentais de todo o mundo.

Este o apelo dirigido ao executivo por mais de uma centena de pessoas, entre as quais os professores universitários Avelãs Nunes, Oscar Lopes, Sérgio Ribeiro, Carlos Pimenta e José Morgado, o Nobel da Literatura José Saramago e o presidente da Sociedade Portuguesa de Autores (SPA), Luiz Francisco Rebelo.

O documento apela ao Governo para que defenda a convenção sobre biodiversidade, as recomendações da Organização Internacional do Trabalho (OIT) em matéria laboral e as resoluções de conferências internacionais sobre ambiente, desenvolvimento e promoção da mulher.

Na conferência de imprensa em que foi divulgado o apelo, Sérgio Ribeiro denunciou a falta de informação sobre o que estava realmente em jogo em Seattle.





O fracasso de Seattle

■ Lino de Carvalho

Parece que fracassou esta primeira ronda ministerial da Organização Mundial do Comércio. Ainda bem. A definição da agenda, que era o que nesta fase estava em cima da mesa para dar início a um processo negociado que deverá durar, pelo menos, três anos, não pressagiava nada de bom para a economia e os trabalhadores dos países menos desenvolvidos.

Fracassou, por um lado, em resultado das próprias contradições do capitalismo traduzida nos interesses divergentes (mas não antagónicos) dos vários blocos regionais presentes em Seattle. Mas fracassou também – tal como o AMI/Acordo Multilateral de Investimentos tinha fracassado – devido à mobilização da opinião pública mundial (agricultores, trabalhadores, ambientalistas, consumidores) presentes em força nas ruas da cidade sede da Boeing e da Microsoft. Opondo-se à OMC (embora, reconheça-se, por vezes com objectivos contraditórios) a cerca de uma centena de milhar de manifestantes obrigou os diversos interesses capitalistas a travar os seus ímpetus liberalizadores e foi a primeira forte expressão da globalização da luta contra a globalização do capital.

Mas, afinal o que é que estava em debate em Seattle? O início de um caminho visando mais liberalização e mais desregulamentação do comércio mundial no quadro da mundialização do sistema capitalista e do seu domínio por grandes conglomerados transnacionais.

O processo de internacionalização dos processos produtivos e da consequente divisão internacional do trabalho (capitalista) com a globalização dos mercados e das trocas comerciais é uma inevitabilidade do ponto de vista das leis da economia. A questão está em saber a favor de quem se desenrola este processo.

Quando se diz que a liberalização do comércio é boa para os países menos desenvolvidos «esquece-se» de dizer que é boa, sobretudo, para a burguesia nacional desses países e para as transnacionais que aí exploram o trabalho infantil e a baixa remuneração da força de trabalho, desenhando uma economia baseada no comércio exportador e, portanto, sempre dependente dos mercados internacionais que não controlam e prejudicando (ou até inviabilizando) o aproveitamento dos recursos nacionais e o respectivo desenvolvimento sustentado de sectores produtivos. Como não se diz que o processo de liberalização das trocas internacionais tem vindo a provocar mais desigualdades entre países «ricos» e «pobres» e a cavar o fosso entre os que beneficiam das mais valias desse processo e o grosso da popu-

lação. Escondem que se em 1973 a distância entre países ricos e pobres era de 44 para 1, em 1992 essa diferença era já de 72 para 1. Como escondem que se em 1960 os 20% da população mundial nos países mais ricos tinham 30 vezes o rendimento dos 20% mais pobres, em 1997 essa diferença tinha aumentado para 74 vezes.

Quando se diz que a OMC é necessária para a regulação do comércio «esquecem-se» de dizer que a OMC é uma estrutura com poderes supranacionais, com um funcionamento opaco e dirigida por obscuros funcionários intimamente ligados às transnacionais e aos países mais poderosos. E não dizem que o organismo mais forte da OMC e que se chama ORD/Órgão de Regulação de Diferendos é um

das diferentes agriculturas o que levaria a que as agriculturas menos desenvolvidas e as pequenas explorações familiares sucumbissem ainda mais face às poderosas agriculturas altamente profissionalizadas dos EUA, da Canadá, da Nova Zelândia e de outros países. Mas também procurando legalizar os Organismos Geneticamente Modificados e a produção de bens alimentares, designadamente carne, feita à base de processos artificiais (é o caso da carne com hormonas) sem consideração pelos seus efeitos na saúde pública.

No que se refere aos Serviços e Acesso aos Mercados Públicos o objectivo é bem claro: colocar completamente todos os mercados públicos, isto é a saúde, a educação, a água, etc. na esfera dos interesses privados. Em matéria de saúde, por exemplo, os EUA definiram como objectivo para Seattle «encorajar a extensão das privatizações, obter acesso aos mercados e uma decisão que admita o direito de propriedade privada estrangeira maioritária nas unidades de saúde».

No dossier cultural o objectivo é também tratar o intercâmbio de bens culturais como meras mercadorias, pondo em causa os direitos de criação, a existência de políticas de promoção da cultura nacional e também procurando a apropriação privada dos chamados direitos de propriedade intelectual, que inclui o patenteamento de seres vivos e o controlo, por exemplo, de seqüências genéticas da vida pelos grandes laboratórios que os registem.

No fundo o que estava em debate em Seattle era submeter todas as esferas da actividade humana ao mundo do comércio, dos negócios privados e do lucro tratando tudo como mercadoria.

E quando se diz que querer fazer parar a liberalização é como querer parar o vento com as mãos é preciso responder que liberalizar as trocas entre países com tão poderosos desní-

veis de desenvolvimento conduz inevitavelmente, como tem conduzido, ao domínio dos mais pobres pelos mais poderosos e à extensão da massa de desempregados, de pobres e de excluídos em todo o mundo. E que há alternativas. Essa liberalização só tem algum sentido se feita dentro de blocos económicos com níveis aproximados de desenvolvimento e, mesmo aí, com regras que respeitem a especificidade dos sectores produtivos de cada país. E no quadro de um outro projecto de desenvolvimento para a humanidade baseado nos valores do socialismo e de regras mutuamente vantajosas para os países contratantes.



órgão onde os peritos adeptos do livre-cambismo têm uma posição determinante com poderes de decisão quase soberanos sobre os conflitos nos mercados internacionais. O caso da «guerra» da banana entre os EUA e a União Europeia com uma decisão favorável à pretensão norte-americana foi tomada por peritos ligados à Chiquita Benders, a transnacional norte-americana maior produtora e exportadora de banana do mundo e que esteve na base da queixa dos EUA.

O que desde já esta nova ronda negociada do comércio internacional tem como objectivo é liberalizar ainda mais o comércio de bens alimentares sem atender à especificidade e ao papel multifuncional

■ Manoel
de Lencastre

Passos em frente no Ulster, finalmente...

A paz e a democracia marcaram pontos

A situação na Irlanda do Norte conheceu nas últimas semanas alterações de enorme significado no sentido da democracia e da paz. Porém, no princípio da segunda quinzena de Novembro, a atmosfera das febris negociações políticas entre todas as partes interessadas apareceu toldada por uma campanha dos meios mais conservadores e reaccionários do Unionismo protestante e anti-republicano. O Conselho-Geral do Ulster Unionist Party, o partido do chefe do Executivo designado, David Trimble, estava convocado para pronunciar-se sobre as decisivas propostas que Trimble aceitara. Em Londres, *The Daily Telegraph* gritava: «Digam não! Os Unionistas nada mais têm para ceder!»

Mas a realidade impunha-se. O povo do Ulster não deseja o regresso da guerra, do terrorismo e das explosões. Pretende a paz, a entrada do Executivo em funções, o desenvolvimento económico, o emprego, a devolução de poderes por parte da Grã-Bretanha, a democracia, enfim. Por sua parte, o povo britânico está farto da guerra com os irlandeses, deseja ardentemente pôr fim ao pesado orçamento que a Irlanda do Norte consome e o regresso das forças militares ali estacionadas.

Numa atmosfera ardente que envolveu todos os partidos políticos do Ulster, os governos britânico, americano, canadiano e da República da Irlanda, o principal partido protestante, o Ulster Unionist Party e o seu *leader*, David Trimble, foram confrontados com propostas que, se rejeitadas, dariam lugar à criação de um temível vácuo, à derrocada de tantas esperanças criadas, ao retorno da confrontação que ninguém mais deseja além dos fanáticos de Ian Paisley. O IRA não estava obrigado a desarmar pelos Acordos de Sexta-Feira Santa. Qual a razão por que se insistia em obter esse desarmamento antes de que tomasse posse o Executivo a que o próprio David Trimble preside?

Declarações históricas

Surgiram as propostas. Segundo elas, o Ulster Unionist Party faria uma declaração de aceitação do Sinn Fein no processo político democrático e, simultaneamente, de compreensão dos ideais políticos deste partido católico e republicano incluindo o da reunificação do país numa só Irlanda desde que trabalhados pela via pacífica, democrática, eleitoral. O Sinn Fein, por seu lado, declarava aceitar e comprometer-se pelo progresso das actividades democráticas, rejeitava a luta armada e entender-se-ia com o IRA para que este nomeasse um representante seu no sentido de uma acertura de negociações de desarmamento a que presidiria o general canadiano de Chastelain. Estas declarações foram publicadas e difundidas nacional e internacionalmente. David Trimble subscreveu-as sob reserva de uma aceitação final por parte do Conselho Geral do seu partido que reuniria a 27 de Novembro. Começou, então, uma campanha a todos os níveis para influenciar os membros daquele organismo partidário.

Nas vésperas da momentosa reunião do principal partido protestante, tudo indicava que as propostas aceites por David Trimble e apresentadas ao Conselho Geral seriam derrotadas. O anti-

go presidente do partido, James Molineux, apelou à rejeição de todo o projecto em causa a menos que o IRA iniciasse a destruição dos seus *stocks* de armamento. E disse: «Os Unionistas não podem recuar mais.» Também a notória «Ordem de Orange» declarava publicamente que os seus delegados votariam contra as propostas de Trimble. Não admitiam a entrada em funções

do Executivo, incluindo ministros do Sinn Fein, sem o desarmamento do IRA.

Apólice de seguro...

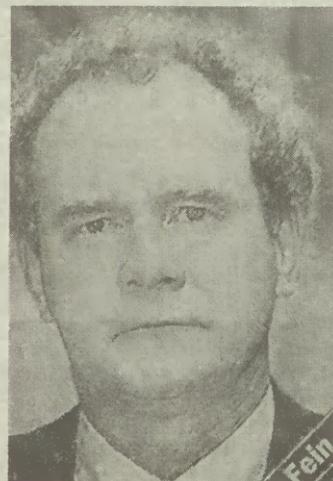
Os delegados eram 862. As projecções divulgadas pelas diversas agências davam como equilibradas as forças do *Sim!* e as do *Não!*. Os debates foram emocionantes, apaixonados, às vezes ferozes. Estava tanto em jogo para os protestantes e unionistas que ao longo de séculos tinham explorado os católicos, os patriotas, os republicanos... Mas, agora, era preciso entender os novos tempos. Ninguém está preparado para aceitar a existência de uma situação colonial em plena Europa!

No fim, 480 delegados votaram a favor das propostas históricas debatidas enquanto 329 as rejeitaram. Os restantes, não votaram ou não compareceram. Mas a votação favorável só foi possível porque o chefe do Executivo do Ulster apresentou ao Conselho Geral um documento que foi considerado como uma espécie de apólice de seguro – uma carta já assinada que será entregue ao Secretário de Estado britânico em fins de Fevereiro no caso de, até lá, o IRA não ter começado a desarmar. Será a sua demissão que, evidentemente, se fará acompanhar pela de todos os ministros dos partidos protestantes. Se tal acontecer, todo o trabalho e dramático processo de paz no Ulster será destruído.

Última palavra: a do IRA

Entretanto, fontes bem informadas segredam-nos que o delegado do IRA junto da comissão do general de Chastelain para falar sobre o desarmamento será Joe Cahill, dirigente histórico daquela organização. Natural de Belfast, tem 79 anos e as suas posições estão sempre próximas do sentir das massas republicanas e nacionalistas. Cahill foi um dos seis condenados à morte, em 1942, pelo assassinio de um polícia. Uma vigorosa campanha internacional salvou-o da terrível sentença e voltou à luta. Em 1969, foi um dos fundadores do moderno IRA (Provisionals) e, em 1973, sofreu uma pena de prisão (3 anos) na República da Irlanda, por tráfico de armas.

No caso de não ser Joe Cahill o delegado às conversações em questão, a escolha do IRA poderá recair em Brian Keenan, um polí-



Martin McGuinness e Bairbre de Brun, os dois representantes do Sinn Fein no Executivo de Belfast

tico de convicções marxistas, bem conhecido pela sua capacidade de estrategista militar. Keenan sofreu uma pena de 18 anos de prisão por ter organizado uma campanha de bombardeamentos em Inglaterra da qual resultaram 9 mortos e 119 feridos.

As negociações com o IRA serão vigorosas, monumentais lutas políticas em que o fundo de toda a questão irlandesa (séculos de combates!) surgirá bem à superfície. O IRA exigirá, para poder contemplar o desarmamento dos seus destacamentos militares, a retirada do exército britânico de ocupação, para todo o sempre! Ora, a presença das tropas britânicas no Ulster constitui a derradeira linha de defesa dos protestantes quando a conjuntura aponta para o começo do fim dos seus injustos e inaceitáveis privilégios...

Novo executivo em Belfast

O governo da Irlanda do Norte é composto por membros dos seguintes partidos políticos:

Ulster Unionist Party (protestantes moderados):

Sir Reginald Empey – Aliado de David Trimble e principal negociador com o senador Mitchell; recebeu o cargo de secretário para o Comércio; **Dermot Nesbitt** – Modernizador de instintos moderados; conferencista sobre assuntos económicos; assumiu a pasta da Saúde; **Michael McGimpsey** – Um dos mais liberais do seu partido; sobraça a pasta do Ambiente.

Social Democratic and Liberal Party (católico):

Brid Rogers – Veterana de muitas campanhas pelos direitos cívicos desde os anos 60; ficou com a pasta da Agricultura; **Mark Durkan** – Figura destacada do partido e possível sucessor do seu principal dirigente, John Hume; na pasta das Finanças; **Sean Farren** – Antigo professor universitário; natural de Dublin; entrou no Executivo com a pasta das Artes.

Democratic Unionist Party (protestantes fundamentalistas, reaccionários):

Peter Robinson – Braço direito do reverendo Ian Paisley; orador parlamentar de bons recursos; ministro do Desenvolvimento Regional; **Nigel Dodds** – Advogado de

méritos reconhecidos; sobreviveu a um ataque do IRA. ministro do Ensino Superior;

Sinn Fein (católico-republicanos, aliados do IRA):

Martin McGuinness – Figura de grande destaque nos meios nacionalistas e antigo chefe do Estado-Maior do IRA; recebeu a pasta da Educação; **Bairbre de Brun** – Professora; natural de Dublin; nomeada ministra do Desenvolvimento Social sendo de esperar que o seu trabalho incida, principalmente, no apoio à classe trabalhadora e aos pobres da Irlanda do Norte, sector onde o Sinn Fein conta com o mais elevado número de votantes.

O primeiro-ministro é **David Trimble**, dirigente principal do UUP, diplomado em advocacia pela Queen's University, de Belfast; eleito para a chefia do partido em 1995 em substituição do mais conservador James Molineux. Trimble é considerado como o único político unionista bem colocado para negociar e trabalhar com os republicanos. Vencedor do Prémio Nobel da Paz, juntamente com John Hume, em 1998.

Deputados à Assembleia de Stormont:

United Unionist Party, 28 lugares; Social Democratic and Liberal Party, 24; Democratic Unionist Party, 20; Sinn Fein, 18.

Cronologia dos recentes e próximos acontecimentos

29.11.1999: Reunião da Assembleia da Irlanda do Norte, no palácio de Stormont para nomeação dos 10 membros do Executivo;

30.11.1999: O Parlamento britânico (Westminster) é chamado a aprovar as novas leis de devolução de poderes, de acordo com a lei de 1998 resultante dos Acordos de Sexta-Feira de Páscoa;

01.12.1999: O Parlamento da República da Irlanda (Dublin) suspende os Artigos N.º 2 e 3 da Constituição da República que consideravam ser a província do Ulster parte integrante de uma só Irlanda;

02.12.1999: Termina a administração directa britânica na Irlanda do Norte. Os poderes de governação do Ulster passam para o novo Executivo. Horas depois dessa transferência, as organizações paramilitares, incluindo o IRA, nomeiam representantes que discutirão a questão do desarmamento com a organização para tal estabelecida de que é principal dirigente o general canadiano de Chastelain. Neste mesmo dia reúnem pela primeira vez

os outros organismos irlandeses (Norte e Sul) que proporão medidas graduais de colaboração entre as duas Irlandas;

Nesta semana: O general de Chastelain fará um relatório sobre o progresso das suas conversações com as organizações paramilitares. Definirá, se possível, o calendário das próximas reuniões e datas em que o desarmamento daquelas organizações começará;

Antes do Natal: O secretário de Estado britânico para a Irlanda do Norte revelará as medidas que tomará quanto ao relatório Patten para a modernização da polícia (RUC ou «Royal Ulster Constabulary»);

Fevereiro: O Conselho Geral do partido UUP (Ulster Unionist Council) voltará a reunir para exame do progresso da situação. Segundo as decisões tomadas no plenário anterior, o chefe do Executivo, David Trimble, demitir-se-á no caso de não ter havido confirmação do desarmamento por parte do IRA. A verificar-se tal situação, todo o processo recuará e o Ulster voltará à confusão e à instabilidade.

Debate criador aprofunda-se no Partido Comunista de Cuba

Opovo cubano prepara-se para entrar no ano 2000 com alegria e confiança. Esse optimismo justifica-se. A Ilha não se atemorizou com o reforço do bloqueio norte-americano. A condenação dessa política pela Assembleia Geral das Nações Unidas quase coincidiu com a Cimeira Ibero-Americana de Havana, cujo êxito configurou outra derrota da Casa Branca que havia desenvolvido um grande esforço para tentar sabotá-la.

Às vitórias políticas somaram-se na frente económica outras não menos importantes.

No ano que vai findar o produto interno bruto (PIB) deverá apresentar, segundo informação oficial, um crescimento superior a 6%. Essa taxa é tanto mais significativa quanto foi obtida nas duras condições impostas pelo cerco imperial, no contexto de uma crise que atingiu brutalmente a América Latina onde o crescimento dificilmente ultrapassará os zero por cento.

Em 1999 a produção de frutas e legumes, imprescindível a uma dieta alimentar equilibrada, aumentou sensivelmente. Novas empresas estrangeiras instalaram-se no país, desafiando as ameaças da Lei Helms Burton, e o turismo continuou em expansão acelerada. A safra açucareira, após duas desastrosas, foi razoável, não obstante condições climáticas desfavoráveis. A próxima deverá ser superior.

Os números relativos à saúde e à educação confirmaram que o abismo existente entre Cuba e os demais países da América Latina se alargou. O índice de mortalidade infantil é inferior ao de Portugal. No tocante ao ensino é suficiente lembrar que um em cada onze cubanos tem hoje diploma universitário.

Uma das boas notícias mais festejadas em Novembro foi a relativa ao aumento da produção de petróleo. A descoberta de novas jazidas dá credibilidade à previsão de 3,2 milhões de toneladas no próximo ano. Admite-se que em 2001 serão atingidos os 4 milhões de toneladas, o que representaria aproximadamente metade do actual consumo do país. A esperança da auto-suficiência em combustíveis deixou de ser uma miragem romântica.

Para se avaliar o que esses números significam é oportuno lembrar que quando a URSS se desagregou, Cuba produzia menos de um milhão de toneladas de um petróleo de péssima qualidade, apenas utilizável nas caldeiras das centrais térmicas.

«Semear consciência» num país socialista cercado

Num país socialista golpeado por uma guerra não declarada, o papel do Partido na batalha ideológica em defesa da Revolução assume naturalmente uma enorme importância. Isso ficou transparente nas assembleias do PC de Cuba realizadas em todas as províncias nas últimas semanas.

Os debates, pela complexidade e natureza dos problemas que estiveram no centro da discussão, e pela maneira frontal como foram abordados, somente seriam possíveis, na atmosfera de fraternidade que caracterizou essas assembleias, num partido como o cubano, temperado por décadas de luta permanente. Dirigentes, quadros, militantes, os comunistas cubanos estão hoje plenamente conscientes de que após a terramoto que destruiu a União Soviética, a sua Ilha apa-

rece a milhões de revolucionários de múltiplas nacionalidades como uma cidadela do Socialismo e um laboratório ideológico que se tornaram património da humanidade progressista.

Não caberia num artigo como este enumerar sequer os temas debatidos nas Assembleias, tantos e tão diferenciados eles foram, abrangendo questões ligadas à produção, à eficiência no trabalho, a comportamentos sociais da militância, ao funcionamento da organização juvenil, às dificuldades das cooperativas, etc. Como foi insistentemente sublinhado, o Partido não pode alhear-se de «nada do que acontece» no país.

Entretanto, foi o debate sobre os temas ideológicos que mais interesse despertou. Significativamente a comunicação social deu-lhe atenção prioritária, sobretudo às intervenções de Raul Castro que, na sua condição de segundo secretário do Partido, acompanhou todas essas assembleias

O estilo rude, directo, com que Raul abordou questões ideológicas muito delicadas só poderá ter chocado os que lhe desconhecem a frontalidade. Desta vez interveio repetidamente sobre uma temática que, sendo de actualidade permanente, foi sistematicamente ignorada, com graves consequências, pelo PCUS e pelos partidos comunistas da Europa Oriental: as relações entre o Partido e o Estado, questão que sempre havia preocupado Lenine.

intermédios do Partido para intervir arbitrariamente em processos económicos e produtivos. Raul foi muito claro: o Partido não administra directa nem indirectamente. O seu papel é de direcção. Não lhe cabe substituir-se ao Estado. O novo sistema de gestão, ao atribuir maior autonomia mas também maior responsabilidade às empresas, é incompatível com práticas tradicionais que envolvem ingerências dos quadros do partido na esfera administrativa.

Sustentando que uma correcta compreensão do papel do Partido é cada vez mais fundamental num combate que envolve a própria sobrevivência do Socialismo, Raul sublinhou que nenhuma outra instituição como o PCC está em condições tão favoráveis para comandar a batalha de ideias e promover a integração de todas as forças e organizações revolucionárias com esse objectivo, tendo presente que «influir nas pessoas e semear consciência requer uma actuação inteligente e criativa, oportuna, diferenciada e multifacetada».

Fez-se muito nesse sentido. Mas terá de se fazer muito mais — advertiu — para que os métodos e o estilo de que o Partido precisa para cumprir o seu papel dirigente sejam uma realidade permanente no conjunto da organização.

Até «onde chegamos — perguntou — para materializar a orientação do companheiro Fidel de desenvolver um Partido de aço?»

A Assembleia de Havana foi cenário de debates empolgantes. Pelo que a televisão mostrou — e foi muito — poucas vezes em grandes plenários comunistas a discussão ampla em torno de questões fundamentais do ideário comunista e da sua práxis terá sido tão aberta, criadora e participada.

Raul sabe que o Partido pode ir muito mais longe no seu desafio permanente ao impossível aparente. Aquilo que no seu discurso revela insatisfação perante os resultados obtidos não deve ser interpretado como manifestação de falta de confiança. Pelo contrário. A franqueza do dirigente traduz uma confiança inquebrantável na capacidade do Partido para ajudar o povo cubano a assumir vitoriosamente os tremendos desafios que enfrenta, cercado, na viragem do milénio.

A franqueza, por vezes quase brutal, de Raul Castro, é própria do revolucionário cuja vida o levou repetidamente a entrar em conflito com a própria lógica aparente da história. É a confiança nos comunistas cubanos da nova geração e não o medo do futuro que o leva a recordar-lhes que os veteranos da geração histórica que tornou possível a Revolução não são eternos, a lembrar-lhes que houve apenas um Martí no século XIX e um Fidel no XX. Para vencerem, como comunistas, a batalha do século XXI os jovens não podem

esquecer que o sujeito da história é colectivo, o povo, e que cabe ao Partido dirigi-lo e inspirá-lo na defesa e aprofundamento da primeira Revolução socialista das Américas.

Discursos como o de Raul Castro na Assembleia de Havana constituem um atestado da maturidade do Partido Comunista de Cuba.



■ Miguel Urbano Rodrigues



Na sua análise dos métodos e estilo de trabalho partidário, Raul Castro, reconhecendo o muito que se avançou, insistiu na necessidade de uma vigilância permanente contra a rotina e o esquematismo, contra a falta de espírito crítico e combativo de certos quadros, pondo uma ênfase especial na condenação das tendências administrativas, uma tentação em organismos

O bug social do milénio

Muito se tem falado sobre o *bug* do milénio, como sendo apenas o caos (ou o defeito) do sistema informático pela entrada no ano 2000. Alguns problemas já têm ocorrido pela falta de previsão dos quatro dígitos da data anual até agora tranquilamente iniciados pelo 1.9.

Não acredito que tal ninharia possa assustar os entendidos de informática, sobretudo os piratas - *rackers* - do sistema que se especializam em invasões de arquivos fechados a sete chaves. Mas acompanho com curiosidade as previsões de desastre no sistema financeiro que hoje é o coração do capitalismo. Pior serão as consequências de caos informático no abastecimento de energia eléctrica, água ou telefone, já que os trabalhadores foram substituídos por computadores cuja inteligência é artificial e dependente de prévia programação (a tal que vai empernar com a mudança do ano).

Tenho a sensação de que esta conversa artificial encobre o caos mais profundo que já está afectando todo o sistema capitalista. Senão, porque anunciar que Bill Gates será obrigado a dividir as suas empresas para não ser considerado monopolista? E a que se deve a crescente crítica aos fracassos da globalização vindas de sectores que até ontem a aplaudiam como a solução para todos os problemas de desenvolvimento mundial? E as controvérsias sobre a «Terceira Via» social-democrata que, de antemão, já se sabe que é a tentativa de reciclagem do estafado sistema capitalista com uma boina e um blusão que lembrem os combatentes socialistas de outros tempos?

Não creio nas profecias religiosas que anunciam o fim do mundo no ano 2000, mas acredito que grandes transformações hão-de vir para superar o monumental desastre criado pelo sistema capitalista (que o escritor Gunter Grass classifica como «um autêntico poder fundamentalista» que tudo decide através das bolsas de valores) em todos os países com a destruição dos aparelhos produtivos nacionais, o agravamento da exploração e o aumento incontrolável da pobreza, a restauração das propriedades latifundiárias e dos monopólios, a privatização dos patrimónios nacionais, a negação dos direitos da humanidade, a destruição da natureza, inclusive a humana, e o encerramento dos caminhos de esperança que sempre animaram a juventude.

Os defensores do capitalismo só agora começam a perceber que a sua elite foi minada pelo fomento da injustiça imposta às grandes massas, apodreceu na torre de marfim onde o cinismo e a ociosidade a intoxicavam. Degradaram-se como ser humano com a perda dos princípios elementares conquistados pela humanidade e corromperam o próprio poder com a destruição dos direitos de cidadania. Transformaram os cidadãos livres que construíram a democracia em escravos de uma estrutura autoritária que repercute as ordens do mercado.

O imenso bingo

No Brasil, assim como em muitos outros países dependentes, vive-se uma guerra civil encoberta por uma mal remendada capa democrática. Segundo os cálculos da ONU, neste ano de 1999 que ainda não terminou, já morreram em São Paulo devido a causas violentas mais vítimas que na guerra do Kosovo. E as chacinas continuam e espalham-se para as cidades pequenas por onde circula a droga e o crime organizado. As pessoas fecham-se em casa, prisioneiras do medo, enquanto os bandidos ficam senhores das ruas. De acordo com os índices internacionais várias cidades brasileiras perdem anualmente, por morte violenta, 50 habitantes em cada 100 mil, o que corresponde a uma situação de guerra.

Os políticos eleitos consomem o seu tempo em Comissões Parlamentares de Inquérito contra o narcotráfico e as formas de corrupção que invadem a estrutura de poder enquanto o país navega sem rumo. Os órgãos do Governo debatem-se para conseguir recursos que derretem diante da alta do dólar para importar os produtos de primeira necessidade que o Brasil deixou de produzir sem incentivos nacionais (o Banco Nacional de Desenvolvimento obedece a uma estranha determinação de investir apenas em

empresas privadas, inclusive estrangeiras. Nesta função tem aplicado os recursos nacionais na criação de capital para que os empresários estrangeiros comprem o património brasileiro). Os Postos de Saúde não reabastecem as suas farmácias e o ministro é vencido em batalha publicitária pelos grandes laboratórios quando anuncia a possibilidade de substituir o medicamento mais caro por outro similar. Mas o facto é que mesmo nas farmácias do Estado não existem os remédios imprescindíveis aos tratamentos aconselhados, mesmo quando há risco de vida.

Parece não haver tempo para se traçar uma estratégia de desenvolvimento. Assim como a população que vive acossada, os governantes dedicam todo o seu esforço no combate às pressões sem que se vislumbre o fim. Enquanto isso o Brasil escapa a qualquer forma de controlo. Multiplicam-se os apelos para que o povo crie soluções e para que Deus ajude.

A ex-deputada federal Socorro Gomes, na coordenação do Movimento em Defesa da Amazônia no Pará denuncia (sem contar com o apoio governamental ou dos meios de comunicação social) uma ampla campanha para que a Amazônia seja entregue ao Mundo, livre da soberania territorial do Brasil, que vem sendo promovida pelos Estados Unidos e os países do G-7 com a distribui-

ção de adesivos com o slogan «defenda a floresta, queime um brasileiro». Por trás da cobiça internacional que recomenda o terrorismo como forma de pressão, veicula-se a racista afirmação de que os brasileiros são incapazes de promover o desenvolvimento nacional e menos ainda o chamado «pulmão do mundo». Esses argumentos não são novos, pois foram urdidos em 1850 quando os Estados Unidos pretenderam obter a livre navegação no interior da Amazônia. Hoje somam-se às campanhas pelas privatizações, com a justificação de que o Estado é incapaz de gerir o património nacional, que assolam os países do Terceiro Mundo e encaminham a substituição dos núcleos de poder económico e os próprios exércitos pelas forças internacionais controladas pela NATO em nome da globalização. Muita gente boa embarca nessa conversa racista esquecendo que as falhas dos serviços do Estado brasileiro são devidas à má administração e à corrupção criadas por um sistema político que impede a verdadeira participação popular na fiscalização para a defesa dos interesses nacionais.

Os cálculos financeiros que movem as bolsas e traçam os destinos da Nação dominam diariamente o espaço informativo das TVs. Sem deixar de ser uma lamentável realidade, são o ópio da população e também dos governantes. Cria-se uma mentalidade de jogadores com os olhos postos neste imenso bingo que se subordina ao *casino mundial* de Nova York e países ricos da Europa. Os

■ Zillah Branco
Foto: Sebastião Salgado

noticiários ocupam-se totalmente com tais questões, que aparecem intercaladas com crimes hediondos e novos assaltos, sequestros e chacinas, além de mensagens sugestivas sobre o fim do mundo na virada do milénio, enquanto a realidade quotidiana nacional, a comezinha acção de sobrevivência, fica oculta e os acontecimentos internacionais só aparecem episodicamente quando ocorre alguma tragédia de grandes proporções.

Sob a carga cerrada da cultura da violência conjugada com uma visão financeira da vida económica, desaparecem as análises da situação económica e social que explicam as raízes da miséria, do agravamento da marginalidade, e da crescente dependência nacional em relação ao centro do poder global. E, desaparecendo a análise dos fenómenos sociais e económicos, os governantes tornam-se *marionetes* do jogo decidido fora do país sem assumirem o papel que lhes foi entregue pelo voto popular de promover o desenvolvimento nacional.

O bug social é o mais grave

O *bug social* do sistema, que explode pela combinação dos vários desastres acima referidos, tem a sua maior expressão no desequilíbrio mental dos herdeiros da elite alimentados pela cultu-

Privatização do conhecimento

O trágico, neste quase fim de século em que as ciências deram grandes passos, quando se pode prever a explosão dos vulcões e visitar os outros planetas, é ver que as ciências sociais só são utilizadas para explicar os desastres e não para preveni-los. Certamente a responsabilidade é dos governantes, sobretudo dos que ostentam os títulos de cientistas, mas muito se deve também ao silêncio dos que esperam calados ou participam das manobras de diversão com interpretações superficiais. Injusto seria culpar os que não conseguem ser ouvidos. Com a atenção desperta notamos que há um clamor nacional abafado pelo

som estridente do sistema capitalista anunciando os produtos que sustentam a sua estrutura e aumentam a pobreza das populações.

Nas entrelinhas dos noticiários televisivos, sobretudo da rede Globo, que é uma das grandes divulgadoras da cultura da violência e da alienação social, aparecem as expressões de revolta de pessoas das mais variadas profissões e inclusive de alguns dos seus melhores jornalistas. Verifica-se, então, que há registo de tudo o que acontece no país, inclusive de estudos, filmes, poesias, músicas, experiências pedagógicas, que explicam com

objectividade a raiz dos problemas e constroem caminhos para a sua superação. Mas o uso deste conhecimento é cuidadosamente doseado para apenas demonstrar que a elite conhece a realidade e domina a sua divulgação. É um produto passível de venda por alto valor. Não há vontade política de alterar a situação e evitar as tragédias pois os dramas humanos e até a morte são um produto de mercado. É o uso *privatizado* do saber, que dificulta o aproveitamento prático e generalizado dos seus benefícios. É mais um crime do sistema capitalista contra a humanidade além de consistir numa traição à pátria.

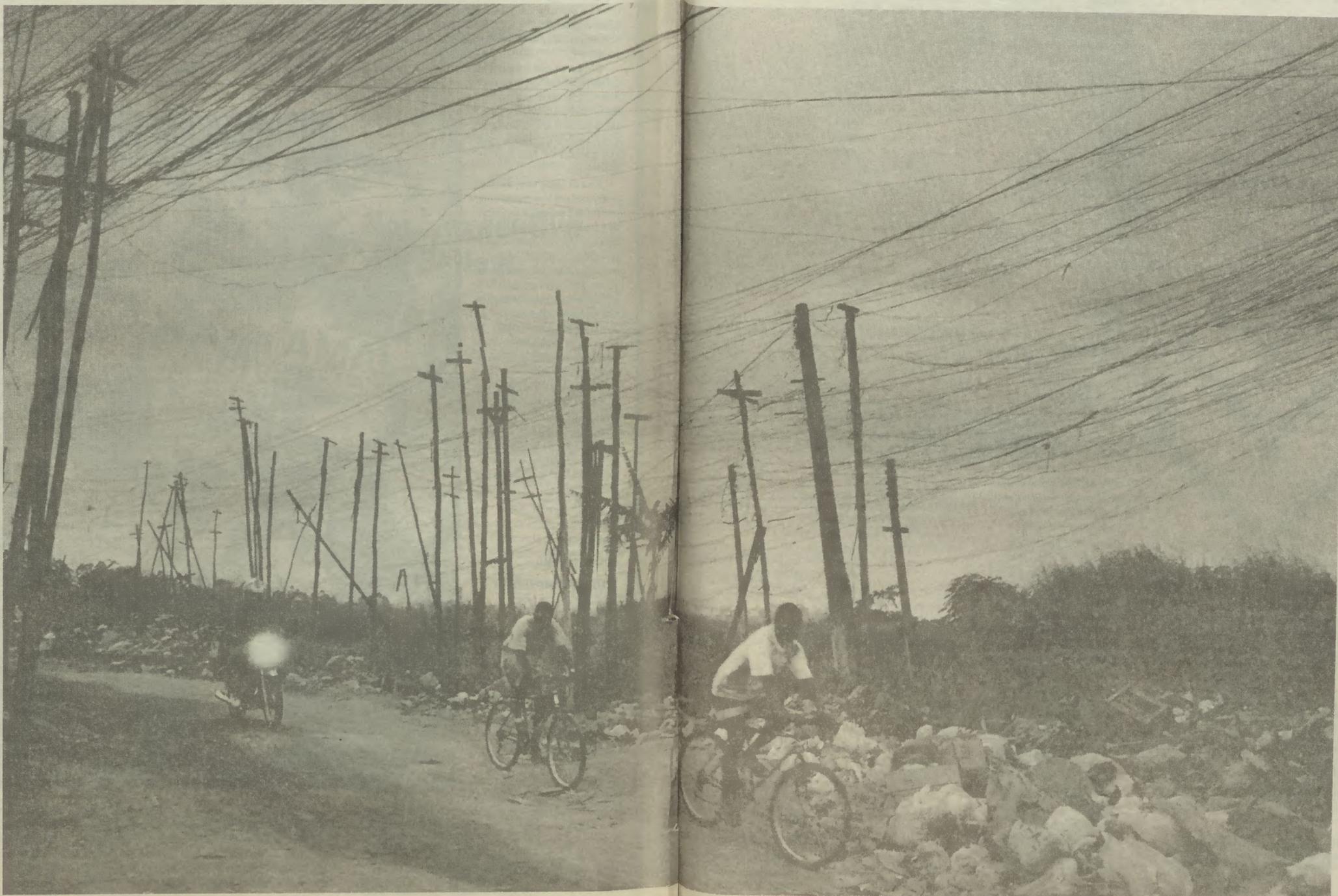
ra da violência exportada dos Estados Unidos e de outros países ricos através de filmes, livros, modas, *internet*, combinada com o desaparecimento da esperança de uma vida digna. De um momento para outro os pais, que deram tudo o que o filho pediu e que estavam felizes por ele seguir um curso superior numa das melhores

escolas do país, ficam em estado de choque porque o jovem comprou uma metralhadora e matou três pessoas deixando cinco feridas numa plateia de cinema onde assistiam a mais um filme de violência (facto verificado ocorrido em S. Paulo no mês de Outubro). Outros surpreendem-se com a notícia de que o filho, médico recém-formado, ateou fogo ao caloiro da sua

Faculdade, e outros ainda com a morte por afogamento de um jovem estudante provocada por colegas numa brincadeira com muita bebida dentro da Universidade (todos estes factos são verificados e ocorreram no Estado de São Paulo durante o ano de 1999). E assim vemos no subdesenvolvido Brasil os jovens imitarem a geração perdida dos Estados Unidos, que uma vez por semana estarrece aquele país com uma chacina na escola.

Diante desses quadros surgem os debates que misturam noções de psicologia com conceitos divulgados em campanhas norte-americanas contra o crime, nas quais preconizam exclusivamente o controlo da venda de armas e o aumento da punição contra os infractores. Em resumo, fica-se pela conclusão de que «falta diálogo com a juventude e apoio terapêutico» e «precisa-se aumentar o orçamento das forças policiais». De fora fica a existência incontestável do poder das mafias do crime organizado, os interesses financeiros ligados aos tráficos de droga, de crianças, de órgãos, de jovens que se prostituem, a orquestração de assaltos e crimes que mantêm o medo como fórmula de subordinação e passividade das populações, a perda de perspectiva de vida e liberdade para a juventude, a prematura consciência de uma realidade ameaçadora para as crianças, e a enxurrada de cursos de violência transmitidos diariamente pelos *media* consumidores do produto exportado pelo Primeiro Mundo.

O salário mínimo é de 65 dólares (cerca de 13 mil escudos) e o custo de vida é mais alto que em Portugal. Evidentemente não chega para sustentar nem uma pessoa, quanto mais uma família. O desemprego, calculado oficialmente em 19% da população activa, na verdade é muito maior se considerados os sectores do trabalho rural e de empregadas domésticas. Acrescente-se a falência do serviço médico e de segurança social que a Constituição promete, e a flagrante injustiça criada pela impunidade que faz da elite um sector privilegiado e dos pobres as vítimas do sistema, para entender ser praticamente impossível não roubar ou recusar as ofertas das mafias da droga, da prostituição, da venda de crianças para adopção, como meio de sobrevivência. Sobre isto já falámos até à exaustão, mas importa considerar esta situação - em que vivem cerca de 100 milhões de brasileiros (70% da população que vive no limiar da miséria, dos quais 10 milhões sem casa e sem salário), sujeitos ao mecenato das mafias que controlam as redes criminosas - para se analisar o novo fenómeno social de uma geração desorientada apesar de bem alimentada, instruída e protegida pelas suas famílias pertencentes à elite, que também adere ao crime e ocupa a posição de modelo social. É uma combinação demasiado explosiva para se fingir que não constitui o maior *bug social* do milénio.



Suicídios

Um estudante japonês de 18 anos suicidou-se atirando-se do telhado de um edifício de 11 andares, depois de ter sido descoberto a copiar num exame. Era aluno do colégio católico Kaisei Hiroshima, no Oeste do Japão, e fora surpreendido a copiar por um professor, posto o que pediu autorização para ir à casa de banho, atirando-se em seguida do telhado de um edifício de 11 andares. Não é caso único nem raro, no Japão, onde a competição escolar é apenas um produto do princípio de competição que atravessa toda a sociedade japonesa, a par de conceitos de honra e do célebre medo de «perder a face» que, na cultura do «país do sol nascente», assumem proporções obsessivas. Num quadro societário onde o desenvolvimento económico – que, como se sabe, é vertiginoso no Japão – assenta numa disciplina social forjada na obediência cega aos poderes entendida como princípio de lealdade e na vitória como um elemento estruturante da própria honra individual e colectiva, a derrota (qualquer derrota) é geralmente olhada como uma catástrofe difícil de superar, quando não mesmo irreparável. Esta visão

PONTOS
CARDEAIS

inflexível, implacável e dogmática dos homens e da sociedade causa particulares estragos nos cidadãos quando toda a gente se move num quadro desenfreado de exploração e competição capitalistas, afinal o grande «segredo» do milagre económico japonês que, mesmo em tempo de paz, mantém um ritmo de economia de guerra onde cada trabalhador tem a obrigação de dar o seu melhor. Com um pormenor: nessas situações de excepção, o pressuposto moral que obriga toda a gente costuma ser a defesa da pátria. Aqui, limita-se à defesa dos interesses económicos de quem manda, no Japão...

Assassínios

Mas, se no Japão as dificuldades académicas levam os alunos a suicidar-se por uma questão de honra (seja porque foram apanhados a copiar, seja porque tiveram más notas ou chumbaram), nos EUA essas mesmas dificuldades académicas desencadeiam homicídios perpetrados por alunos contra

colegas e professores por questão de sabe-se lá o quê. Uma coisa é comum em ambos os países – uma ferocidade capitalista sem precedentes, onde o indivíduo não passa de uma peça a usar pelo sistema e os valores, basicamente, se organizam à volta do grande objectivo de produzir exércitos de alienados para alimentar a voracidade das respectivas elites dirigentes. Para o capitalismo, o homem não passa de um objecto descartável. Seja na ocidental bandalheira que campeia pelas terras do Tio Sam sob a capa de hipócrita imoralidade, seja nos misteriosos conceitos de honra que, ancestralmente, dominam a Oriente.

Sequestros

Como estamos a falar de educação de jovens nos EUA, vem a propósito a tragédia que atingiu há dias uma criança cubana que a mãe quis levar clandestinamente para os EUA sem conhecimento do pai. A aventura acabou em naufrágio e morte, com todos os clandestinos a

perecer no mar, incluindo a mãe da criança que, entretanto, sobreviveu numa bóia, sendo recolhida pela guarda costeira dos EUA. Mas o drama do menino ainda não acabou: apesar de o próprio pai, a partir de Cuba, exigir a repatriação do filho agora órfão de mãe, as autoridades norte-americanas entregaram a criança a uns primos instalados na Flórida, indo contra todas as convenções internacionais e os mais elementares direitos da criança e do seu pai. O Governo cubano, através do próprio presidente Fidel Castro, já exigiu a devolução imediata da criança, enquanto o Governo dos «direitos humanos» de Bill Clinton responde, incredivelmente, que «a solução do caso está nos tribunais». Mas não menos inacreditável foi o discurso de uma pretensa prima da criança que, com todo o despudor, afirmou perante as câmaras de televisão que o pai da criança «apenas lhe poderia dar amor», coisa que, ali na Flórida, os tais primos «lhe dariam de igual modo» (*sic!*), com a «vantagem» de lhe poderem proporcionar «muito melhor educação!» Essa «melhor educação» será ministrada numa das tais escolas norte-americanas onde os adolescentes assassinam colegas a tiro?

Botas e perdigotas

Como era de esperar – dado o precedente do seu comportamento nas anteriores eleições – o presidente da RENAMO, Afonso Dhlakama, mal encerrou o acto eleitoral do fim-de-semana passado em Moçambique convocou uma conferência de imprensa para «denunciar» uma enxurrada de fraudes eleitorais. Ele eram «urnas falsas» transportadas por não se sabe quem para não sei onde, ele eram «votos roubados» não se sabe onde nem por quem, ele eram regiões inteiras atravessadas de burlas que ninguém viu nem o próprio identificou, ele foi mesmo uma ameaça velada de não aceitar os resultados nem se «responsabilizar» pelo que os seus apoiantes «poderiam fazer». No final de tudo isto, o presidente da RENAMO, com igual solenidade, agradeceu aos observadores internacionais a sua presença e acção, que «garantiu a justeza e a transparência do acto eleitoral!» É o que se chama não dar a bota com a perdigota...

PONTOS
NATURAIS

■ Mário Castrim

Eu, hoje

Outono

Torrencialmente
desabou o Outono
sobre nós.

Ao abandono
da corrente
uma subterrânea voz
levanta
a despedida

(e é ainda a vida
que ela canta)

Súplica

Eis aqui neste templo
sentimental
o acabado exemplo
do poema de um colegial,
o Outono avança
pois que se dane, vá,
a esperança
a promessa
essa
(etc., etc., não morrerá...)

Já tinha mesmo a pena
aparelhada
e preparada a cena
para uma versalhada
a fumar
do credo em que mais posso
tipo «camarada,
à luta, à luta, que o futuro é nosso!

Mas façam-me hoje o jeito, manos,
deixem-me ter quinze anos...

Actualidade

Em Seattle reunidos
estiveram os lobos.
Desta vez, dispensaram os arroubos.
«Gentlemen» viraram bandidos
a disputar a presa.
A esses nada diz a natureza.

Esses verão
cair as folhas, sem
ter mais além
os frutos que virão.
Sem nada que os suporte,
o Outono, se lhes fala, é só de morte
na mais triste canção
do tempo findo

porque eles próprios são
as próprias folhas que estão caindo.

Quero lá saber!

Sim, sim, torrencialmente
eis desaba o Outono
sobre nós.
Ao abandono
da corrente
uma subterrânea voz
encanta
a despedida

(e é ainda a vida
que ela canta).

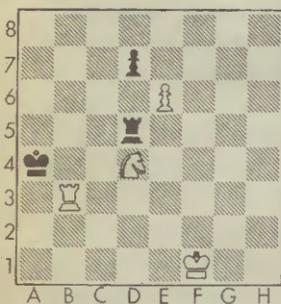
Digam que sou um colegial
quando assim falo
(a esperança, etc. e tal)
digam a ver se me ralo

XADREZ

DCCXXXIII – 9 DE DEZEMBRO DE 1999
PROPOSIÇÃO N.º 1999X44

Por: Ladislav Prokeš
«Príce», 1946

Pr.: [3]: Pd7 - Td5 - Ra4
Br.: [4]: P66 - Cd4 - Tb3 - Rf1



Branças jogam e ganham

SOLUÇÃO DO N.º 1999X44 [L.P.]

1. é7, T65; 2. Tb7, T:é7; 3. Ta7+, Rb4; 4. Cç6+ e.g..

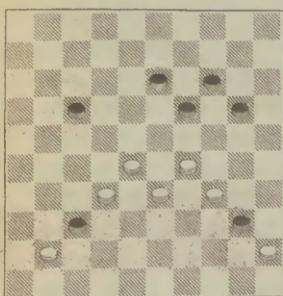
A. de M. M.

DAMAS

DCCXXXIII – 9 DE DEZEMBRO DE 1999
PROPOSIÇÃO N.º 1999D44

Por: P. van Dijk
NL., 1950

Pr.: [7]: 13-14-17-19-20-37-40
Br.: [7]: 28-29-32-33-34-41-45



Branças jogam e ganham

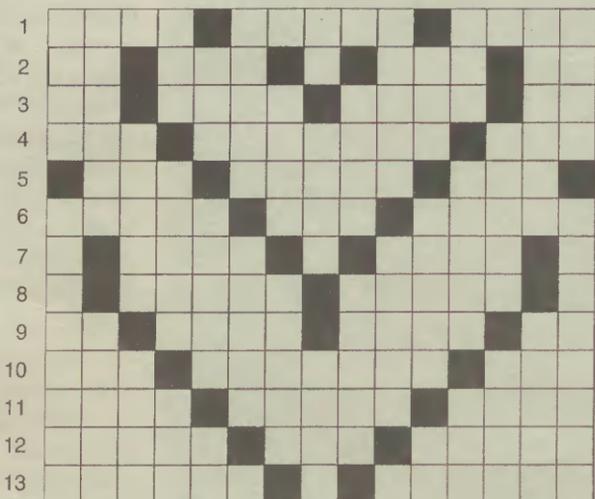
SOLUÇÃO DO N.º 1999D44 [P. van D.]

1. 32-27, (37x46=D); 2. 27-22, (45x23); 3. (3); 4. 45x25, (x); 5. 25x23 e.g..

A. de M. M.

PALAVRAS CRUZADAS

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15



HORIZONTAIS: 1 – A parte imaterial do ser humano; deseja ardentemente; lebre-das-pampas. 2 – Cânhamo da Índia; tinta de pintar; grande; Americio (s.q.). 3 – Astati-no (s.q.); homem que nega a existência de Deus; deus do amor, entre os romanos; utensílio de cozinha. 4 – O m.q. lírio; os antepassados; maior. 5 – Despídos; planta herbácea, odorífera, utilizada em culinária (pl.); poeiras. 6 – Agulhas de pinheiro; decifras o que está escrito; osso par da face. 7 – Carta ou documento escrito numa só folha (pl.); fogueira funerária. 8 – Saco largo e comprido muito usado como medida (pl.); peça metálica na extremidade do cano de algumas armas de fogo, para regular a pontaria (pl.). 9 – Observei; interj. designativa de admiração ou espanto; inchar; o seu valor é de 3,1416. 10 – Pedra de altar; raspam; ilha inglesa no mar da Irlanda. 11 – Pequena inchação na cabeça ou testa, produzida por pancada; flores da roseira; experiência (fig.). 12 – Voraz; anuência; dispões em lotes. 13 – Sugara o leite materno; frondosa.

VERTICAIS: 1 – Condutor de palaquim, na Índia; bravo. 2 – Vela triangular ou quadrangular, içada da popa à proa; furiosa. 3 – Supremos; formam em alas. 4 – Mau cheiro (bras.); compartimento principal de uma casa (pl.); palhoça de índios. 5 – Base aérea portuguesa; tirar com violência; também (arc.). 6 – Lugar de contendas; apagar. 7 – Que tem préstimo; batráquio anuro semelhante a rã (pl.). 8 – A minha pessoa; género de árvores bigoniáceas do Brasil e da África (pl.); empunhar. 9 – Elemento de formação que exprime a ideia de eu (pl.); residem. 10 – Terra cultivável ou arável (pl.); vasilha bojuda de madeira, menor do que o tonel, para líquidos (pl.). 11 – Nome da décima sétima letra do alfabeto grego (pl.); espream; naquele lugar. 12 – Porém; cessar o movimento; na companhia de. 13 – Instigadores (fig.); tiro a vida a. 14 – Mamífero carnívoro da fam. dos canídeos; engaste de pedras preciosas (pl.). 15 – Estimar muito; que está coberta de resina.

SOLUÇÃO
Amarr. resinosas. 15 – pipas. 11 – Ros; miram; la. 12 – Mas; parat; com. 13 – Molus; mató. 14 – Raposa; palas. 15 – Oca; sacat; cr. 6 – Aren; safar. 7 – Urt; ipes; asir. 8 – Eur; ipes; asir. 9 – Egos; moram. 10 – Aros; gus; mor. 5 – Nus; apos; pos. 6 – Samas; tes; malar. 7 – Ocas; pira. 8 – Sacas; mtras. 9 – Vi; safar; opa; pl. 10 – Arc; rapam; Mar. 11 – Galo; rosas; calo. 12 – Edac; sim; lotas. 13 – Matar; ramos.

AGENDA



Soeiro Pereira Gomes

**Intelectual revolucionário
animador cultural e associativo
combatente da clandestinidade
dirigente do Partido Comunista
Português, Soeiro Pereira Gomes
testemunha exemplarmente
através da sua vida e da sua obra
o profundo compromisso com a
luta pela libertação dos
explorados e oprimidos, pela
democracia e pelo socialismo.**

Exposição evocativa nos 50 anos da sua morte
(Dezembro de 1949 - Dezembro de 1999)

**A exposição sobre «A vida e a obra de Soeiro Pereira Gomes»
vai estar patente no CT de Alhandra até ao final deste mês**



VENDA DE NATAL da ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-CUBA

(A partir de 6/12, das 17 às 19h)
Rua Rodrigo da Fonseca, 107, r/c Esq. - Lisboa
Tel/Fax 213 857 305

BANCA DE NATAL no CT VITÓRIA

De 2.ª a 6.ª das 11 às 21h, sábados das 11 às 19h
(Até final de Dezembro)

ARTESANATO - MANTAS - VERGAS - DOCES -
- ROUPAS DIVERSAS

VENDA DE NATAL em CASCAIS

(Até 30 de Dezembro, das 12 às 21h)
ARTESANATO - BRINQUEDOS - BEBIDAS

Reunião de Quadros na Emigração na Europa

Dias 11 e 12 de Dezembro
em NANTERRE (França)

*- As eleições,
a situação dos
emigrantes
e a actividade
para o ano 2000*

Participam os camaradas
Henrique de Sousa,
da C. Política
e **João Armando,**
do C. Central

Portugal-África Desenvolvimento e Cooperação

Carlos Carvalhas estará presente hoje, quinta-feira, às 17h30, no Hotel Metropolitan, em Lisboa, numa recepção promovida pelo PCP a personalidades e representantes das Comunidades de origem africana, de Organizações ligadas à cooperação e solidariedade com África e Representações Diplomáticas de países africanos em Portugal.

Intervenções do Secretário-Geral do PCP e de Joaquim Miranda, presidente da Comissão do PE para o Desenvolvimento e Cooperação.

Carlos Carvalhas no Algarve

Domingo, 12

Aljezur - Almoço-convívio da CDU nos Bombeiros Voluntários, às 13h

Albufeira - Jantar-convívio no Restaurante "O Camponês", às 20h,
promovido pela Comissão Concelhia do PCP

Plenários e outras reuniões

LISBOA

Quinta-feira, dia 9 - Reunião de Reformados Bancários: às 14h30 no CT Vitória.

Sábado, dia 11 - Plenário de militantes das freguesias de Alvalade, Campo Grande, S. João de Brito, S. João de Deus e S. Sebastião da Pedreira: às 15h no CT Vitória

Terça-feira, dia 14 - Reunião do OD da Zona Oriental de Lisboa: às 20h30, no Centro de Trabalho Vitória

CASCAIS

Sábado, dia 11 - Reunião dos camaradas e amigos da Euronadel sobre a situação política e a situação na empresa, promovida pelo Sector de Empresas de Cascais: às 16h no Centro de Trabalho de Tires

GUIMARÃES

Sábado, dia 11 - Reunião de eleitos da CDU: às 15h,
no Centro de Trabalho do PCP

PÓVOA DE SANTA IRIA

Sábado, dia 11 - Plenário de militantes da freguesia: às 16h no Centro de Trabalho



DEBATE SOBRE IGUALDADE

com a participação da camarada
Adelaide Pereira

Sede Nacional da JCP
hoje, quinta-feira, às 21h30

Passeio a Badajoz

A Organização da Freguesia da Ajuda do PCP está a organizar um passeio-convívio a Badajoz no dia 17 de Dezembro (sexta-feira). As inscrições devem ser feitas, junto do camarada Bôto Fernandes, pelos telefones 213 636 552, 213 901 124 ou no CT da Ajuda (213 645 566)

TELEVISÃO

Quinta, 9

RTP 1

08.00 Infantil
10.00 Praça da Alegria
11.40 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 A Usurpadora
14.40 Consultório
16.00 Amigo Público
17.00 Infantil / Juvenil
18.40 Hugo
19.15 Regiões
20.00 Telejornal
21.30 A Lenda da Garça
22.10 Lições do Tonecas
22.40 Mãe Desconhecida
(de Emmanuelle Cuau, Fr., com Julie-Anne Roth, Ariade Ascaride, Laure Durtheul. Telefilme)
01.00 24 Horas
01.50 Primeira Página
02.20 Julgamento e Castigo
03.20 O Culto da Paixão

RTP 2

10.00 Euronews
15.00 Desporto 2
16.00 Informação Gestual
17.00 História dos Papas
18.00 Informação Religiosa
18.35 Juvenil
20.00 Mowgli
20.35 Animais em Grande Plano
21.30 Remate

Sexta, 10

RTP 1

08.00 Infantil
10.00 Praça da Alegria
11.40 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 A Usurpadora
14.40 Consultório
16.00 Amigo Público
17.00 Infantil
18.30 Hugo
19.15 Regiões
20.00 Telejornal
21.20 Lenda da Garça
22.10 Companhia do Riso
22.45 Eraser
00.40 Macau- Entre Dois Mundos
01.40 24 Horas
02.30 Primeira Página
03.00 Futebol: Marítimo-Guimarães
03.30 NBA

RTP 2

10.00 Euronews
15.00 Desporto
16.00 Informação Gestual
17.00 A História dos Papas
18.00 Informação Religiosa
18.35 Juvenil
20.00 Mowgli
21.45 Remate
22.00 Jornal 2
22.30 Acontece

Sábado, 11

RTP 1

07.00 Infantil/Juvenil
12.00 Cosmos
13.00 Jornal da Tarde
13.50 Top +
15.00 Parlamento
16.00 Máquinas
17.00 The River Dance
18.00 Academia de Polícia
19.00 Jet 7
20.00 Telejornal
21.00 Testemunha
21.25 Santa Casa
23.15 Esquadra de Polícia
00.25 Futebol: Gil Vicente-Boavista
01.00 24 Horas
01.40 Nash Bridges
02.40 Kalifornia
(de Dominic Sena, EUA/1993, com Brad Pitt, Juliette Lewis, David Duchovny, Michelle Forbes, Sierra Pecheur. Ver Destaque)

RTP 2

07.00 Euronews
09.00 Universidade Aberta
12.15 Quem Sai aos Seus
12.40 Juvenil
13.30 A Terra
14.30 Dinheiro Vivo
15.00 Desporto 2
19.00 2001

Domingo, 12

RTP 1

08.00 Infantil / Juvenil
13.00 Jornal da Tarde
13.55 Sorteio Fase Final Euro 2000
14.40 Made in Portugal
16.00 Loja do Cidadão
17.10 Três Homens e Um Bêbé
(de Leonard Nimoy, EUA/1987, com Tom Selleck, Steve Guttenberg, Ted Danson, Nancy Travis. Comédia)
19.00 Sete em Miami
19.35 Domingo Desportivo I
20.00 Telejornal
21.35 Os Principais
23.05 Domingo Desportivo II
00.20 24 Horas
01.00 Ódio Puro
(de Jeffrey Levy, EUA/1995, com Stephen Dorf, Reese Witherspoon, Jake Busey, Joey Lauren Adams. Comédia Dramática)
02.50 Liga dos Campeões

RTP 2

07.00 Euronews
09.00 Programa Religioso
10.00 Missa
10.55 Desporto 2
12.45 Quem Sai aos Seus
13.10 Fortunas Fabulosas
14.00 Jornal d' África
14.30 Rotações
15.00 Desporto 2
18.10 Novos Heróis
19.00 Bombordo
20.00 Artes e Letras - "Raul Lino"
21.00 A Alameda do Rei
22.00 Jornal 2
23.00 Horizontes da Memória
23.30 Travessa do Cotovelo
00.30 Nós e o Nosso Corpo
01.30 Calma de Morte
(de Philip Noyce, Austrália/1989, com Sam Neill, Nicole Kidman, Billy Zane, Rod Mullinar. Ver Destaque)

SIC

08.00 Zip Zap
12.00 BBC - Vida Selvagem
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Uma Mulher dos Diabos
(de Penny Marshall, EUA/1986, com Whoopi Goldberg, Stephen Collins, John Wood. Comédia / Espionagem)
16.15 Rex, O Cão Polícia
17.30 O Carteiro de Pablo Neruda
(de Michael Radford, Fr./It./1994, com Massimo Troisi, Philippe Noiret, Maria Grazia Cucinotta. Ver Destaque)
20.00 Jornal da Noite
21.00 O Tempo dos Dinossauros
21.40 Um Sarilho Chamado Marina
22.15 Casos de Polícia
23.30 Viagens Alucinantes
(de Ken Russell, EUA/1980, com William Hurt, Blair Brown, Bob Balaban, Charles Haid. Ficção Científica)
01.45 Último Jornal
02.20 Portugal Radical

RTP 2

10.00 Euronews
15.00 Informação Gestual
16.00 Derrick
17.00 A História dos Papas
18.00 Informação Religiosa
18.35 Universidade Aberta
19.00 Juvenil
20.00 Mowgli
20.35 Animais em Grande Plano
21.30 Remate
22.00 Jornal 2
22.50 Testemunha
23.00 Acontece
23.15 Juízo Final
23.45 O Século das Descobertas
00.45 Segredos Reais
01.15 Perigo Iminente
02.10 Retratos: «Eugénio de Andrade»

TVI

09.00 Animação
11.00 Programa Religioso
11.50 Missa
13.00 Portugal Português
14.00 Caras Lindas
16.00 A Escada
(de Karen Arthur, EUA/1998, com Barbara Hershey, William Petersen, Diane Ladd, Justin Louis. Fantástico)
18.00 Segredo das Estrelas
19.30 Sexo e Corn Flakes
(de Alan Parker, EUA/1994, com Anthony Hopkins, Bridget Fonda, Matthew Broderick. Comédia)
21.30 Directo XXI
21.40 Todo o Tempo do Mundo
23.00 Médicos
24.00 Mistério do Lago
(de Carl Schenkel, EUA/1996, com Peter Strauss, Kathleen Quinlan, Peter Boyle. Drama)
02.00 A Companhia da Noite
(EUA/1996, com Jay R. Ferguson, Christine Taylor, Christopher K. Masterson, Kim Murphy. Drama)
04.00 A Balada de Hill Street
05.00 Mulher Perigosa

«Crónica do Século» já chegou ao período do fascismo em Portugal



22.00 Jornal 2
22.45 Testemunha
23.00 Acontece
23.15 Juízo Final
23.45 O Século das Descobertas
00.45 Mistérios de Ruth Rendell
01.40 CIA - Os Guerreiros Secretos da América
02.40 Denise, Telefona
(de Hal Salwen, EUA/1995, com Tim Daly, Caroleen Feeney, Dan Guther, Dana Wheeler Nicholson. Ver Destaque)

SIC

08.00 Buééré
10.00 SIC 10 Horas
12.00 Zázá
12.30 Malucos do Riso
13.00 Primeiro Jornal



Fernando Pessa conta todos os dias um pouco das suas memórias, logo a seguir ao Jornal 2 da RTP2

14.00 O Juiz Decide
15.00 Você Decide
15.40 Fátima Lopes
18.00 Andando nas Nuvens
19.00 Força de um Desejo
20.00 Jornal da Noite
20.30 Futebol - Benfica-Celta de Vigo
22.35 Terra Nostra
22.45 Esta Semana
23.45 Toda a Verdade sobre Cães e Gatos
(de Michael Lehman, EUA/1996, com Uma Thurman, Janerane Garofalo, Ben Chaplin. Comédia)
01.45 Último Jornal
02.20 Dra. Quinn
03.20 Portugal Radical

TVI

09.00 Animação
12.20 Estrela de Fogo
13.30 TVI Jornal
14.00 Sangue do Meu Sangue
15.00 Colégio Brasil
16.00 Animação
18.30 Acção em Acapulco
19.30 Directo XXI
20.00 The Net
21.00 Directo XXI
21.10 Um por Todos
22.20 Especial TVI
23.55 A Bola É Nossa
02.00 O Mocho
(de Tom Holland, EUA/1993, com Adrian Paul, Patricia Charbonneau, Brian Thompson. Drama)
04.00 Doido por Ti
04.30 Terra, Conflito Final
06.00 A Balada de Hill Street
07.00 Mulher Perigosa

23.15 Juízo Final
23.45 O Século das Descobertas
00.45 Viagem ao Cosmos
01.40 Andamentos
02.10 Crime Violento
03.05 Amigos

SIC

08.00 Buééré
10.00 SIC 10 Horas
12.00 Zázá
12.30 Malucos do Riso
13.00 Primeiro Jornal
13.50 O Juiz Decide
15.00 Você Decide
15.40 Fátima Lopes
18.00 Andando nas Nuvens
19.00 A Força de um Desejo
20.00 Jornal da Noite
20.55 Residencial Tejo



Fernando Pessa conta todos os dias um pouco das suas memórias, logo a seguir ao Jornal 2 da RTP2

22.00 Terra Nostra
23.35 Jogo Limpo
02.10 Último Jornal
02.45 Terror Súbito
(de Paul Schneider, EUA/1996, com Maria Conchita Alonso, Marcy Walter, Maria Caldwell. «Thriller»)
05.05 Portugal Radical

TVI

09.00 Animação
12.20 Estrela de Fogo
13.30 TVI Jornal
14.00 Sangue do Meu Sangue
15.00 Colégio Brasil
16.00 Animação
18.30 Acção em Acapulco
19.30 Directo XXI
20.00 The Net
21.00 Directo XXI
21.15 Os Reis da Música Nacional
00.15 Sem Protecção
(de Larry Shaw, EUA/1995, com Joanna Kerns, Anthony John Demison. «Thriller»)
02.20 Doido por Ti
03.00 Terra, Conflito Final
04.00 A Balada de Hill Street
05.00 Mulher Perigosa

19.35 Onda Curta
(Olho Por Olho, Tann for Tann, de Emil Stang Lund, Nor./1998; Um Pequeno Fogo, Fuochino, de Carlotta Cerquetti, It./1998. Curtas Metragens)
20.05 Neste Século Aconteceu
21.00 Novos Heróis
22.00 Jornal 2
22.50 O Lugar da História - "A Cruz e a Suástica"
23.40 Allô, Allô!
00.10 A Grande Barraca
00.40 Smith and Jones
01.10 Os Virtuosos
(de Mark Herman, Gr.Br./1996, com Pete Postlewaite, Tara Fitzgerald, Ewan McGregor, Stephen Tompkinson. Ver Destaque)

SIC

08.00 Zip Zap
11.55 O Nosso Mundo
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Fluke
(de Carlo Carlei, EUA/1995, com Matthew Modine, Nancy Travis, Eric Stoltz, Max Pomeranc, Ron Perlman. Ver Destaque)
16.00 Big Show Sic
20.00 Jornal da Noite
21.00 Mundo VIP
22.00 Negócio Fechado
23.15 Instinto Fatal
(de Carl Reiner, EUA/1993, com Armand Assante, Sherilyn Fenn, Kate Nelligan, Sean Young. Comédia)
01.15 Afrodísia
02.15 Último Jornal
02.50 Portugal Radical

TVI

09.00 Animação
12.00 Top Rock
13.15 Contra-Ataque
14.30 Caras Lindas
15.50 Situação de Emergência
(de Lesli Linka Glatter, EUA/1994, com Joe Mantegna, Lyn Whitfield, Paul Dooley. Drama)
17.50 Uma Jóia de Mulher
(de Tim Bond, Can./1998, com Joely Collins, Jonathan Cake, Kevin Otto, Rouston Stoffels. Comédia)
19.45 Duas Sobeiras em Beverly Hills
(de Robert Townsend, EUA, com Martin Landau, Dennis Rodman, Ian Richardson. Comédia)
21.40 Todo o Tempo do Mundo
23.00 Silêncio das Lágrimas
(de Bethanny Rooney, EUA/1997, com Keri Russell, Robert Maxwell, Vincent Corazza. Drama)
00.50 Directo XXI
01.40 Os Homens não Choram
(de David Drury, EUA/1988, com Gene Hackman, Craig Sheffer, Jeff Fahey. Drama)
03.40 Casos de Arquivo
04.40 O Cantor e a Bailarina
(de Armando de Miranda, Port./1060, com Nancy Rinaldi, Domingos Marques, Zeloni, Manuel Santos Carvalho. Melodrama)
05.40 Mulher Perigosa

Segunda, 13

RTP 1

08.00 Infantil
10.00 Praça da Alegria
11.40 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 A Usurpadora
14.45 Consultório
16.00 Amigo Público
17.00 Infantil
18.30 Hugo
19.00 Regiões
20.00 Telejornal
21.00 Futebol: Setúbal-Porto



«Residencial Tejo», com Maria do Céu Guerra, à sexta-feira na SIC



«Retrato de Eugénio de Andrade»: segunda à noite na RTP2

«Loja do Cidadão» (ao domingo na RTP1) é uma nova aposta de parte da equipa de «Portugalmente»

23.00 Crónica do Século (Progr. 5)
24.00 Jogo Falado
01.30 24 Horas
02.15 Primeira Página
02.50 Os Panteras Negras
(de Mario Van Peebles, EUA/1995, com Kadeem Hardison, Bokeem Woodbine, Joe Don Baker. Drama)

RTP 2

10.00 Euronews
15.00 Informação Gestual
16.00 Derrick
17.00 A História dos Papas
18.00 Informação Religiosa
18.35 Universidade Aberta
19.00 Juvenil
20.00 Mowgli
20.35 Animais em Grande Plano
21.30 Remate
22.00 Jornal 2
22.50 Testemunha
23.00 Acontece
23.15 Juízo Final
23.45 O Século das Descobertas
00.45 Segredos Reais
01.15 Perigo Iminente
02.10 Retratos: «Eugénio de Andrade»

SIC

08.00 Buééré
10.00 SIC 10 Horas
12.00 Zázá
12.30 Malucos do Riso
13.00 Primeiro Jornal
14.00 O Juiz Decide
15.00 Você Decide
15.40 Fátima Lopes
18.00 Andando nas Nuvens
19.00 A Força de um Desejo
20.00 Jornal da Noite
20.50 Clube dos Campeões
21.25 Terra Nostra
22.30 Roda de Milhões
00.40 Futebol: Benfica-Leiria
02.40 Último Jornal
03.15 O Vale Era Verde
(de John Ford, EUA/1941, com Walter Pidgeon, Maureen O' Hara, Donald Crisp, Anna Lee. Ver Destaque)
05.45 Portugal Radical

TVI

09.00 Animação
12.45 Estrela de Fogo
13.20 TVI Jornal
14.00 Sangue do Meu Sangue
15.00 Colégio Brasil
16.00 Animação
18.20 Acção em Acapulco
19.20 Directo XXI
20.00 The Net
21.00 Directo XXI
21.10 Quero Justiça
23.00 O Vingador
24.00 Morte e Loucura
(de Danny Huston, EUA/1994, com Burt Reynolds, Angie Dickenson, Mia Sara, Brian Wimmer. Drama)
02.05 Doido por Ti
02.35 Terra: Conflito Final
03.35 A Balada de Hill Street
04.35 Mulher Perigosa

Terça, 14

RTP 1

08.00 Infantil
10.00 Praça da Alegria
11.40 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 A Usurpadora
14.45 Consultório
16.00 Amigo Público
17.00 Infantil
18.30 Hugo
19.00 Regiões
20.00 Telejornal
21.20 A Lenda da Garça



«Retrato de Eugénio de Andrade»: segunda à noite na RTP2

«Loja do Cidadão» (ao domingo na RTP1) é uma nova aposta de parte da equipa de «Portugalmente»

22.10 Nós, os Ricos
22.40 E Tudo o Vento Levou
(de Victor Fleming, EUA/1939, com Clark Gable, Vivien Leigh, Leslie Howard, Olivia de Havilland. Ver Destaque)
00.30 Liga dos Campeões (Resumos)
02.30 24 Horas
03.15 Primeira Página
03.50 Diário de Maria

RTP 2

10.00 Euronews
15.00 Informação Gestual
16.00 Derrick
17.00 A Europa de Combóio
18.00 Informação Religiosa
18.35 A Coroa e o País
19.00 Juvenil
20.00 Mowgli
20.30 Animais em Grande Plano
21.30 Remate
22.00 Jornal 2
22.45 Testemunha
23.00 Acontece
23.15 Juízo Final
23.45 O Século das Descobertas
00.45 Macau
01.35 Fogo de Artificio
(de Takeshi Kitano, Jap./1997, com Takeshi Kitano, Kayako Kishimoto, Ren Osugi, Susumu Terajima. Ver Destaque)

SIC

08.00 Buééré
10.00 SIC 10 Horas
12.00 Zázá
12.30 Malucos do Riso
13.00 Primeiro Jornal
14.00 O Juiz Decide
15.00 Você Decide
15.40 Fátima Lopes
18.00 Andando nas Nuvens
19.00 A Força de um Desejo
20.00 Jornal da Noite
21.00 Médico de Família
22.15 Terra Nostra
23.45 Cool World
(de Ralph Bakshi, EUA/1992, com Gabriel Byrne, Kim Basinger, Brad Pitt, Janni Brenn-Lowen, William Frankfather. Animação / Fantasia)
01.45 Último Jornal
02.20 Portugal Radical

TVI

09.00 Animação
11.50 Estrela de Fogo
13.30 TVI Jornal
14.00 Surpresa de Natal
18.20 Acção em Acapulco
19.20 Directo XXI
20.00 The Net
21.00 Directo XXI
21.10 Ri-te Ri-te
22.40 Killer: Condenado à Morte
(de Tim MatCalf, EUA, com James Woods, Ellen Greene, Cara Buono. Acção)
01.00 Doido por Ti
01.30 PSI Factor
02.30 Terra: Conflito Final
03.30 A Balada de Hill Street
04.30 Mulher Perigosa

Quarta, 15

RTP 1

08.00 Infantil
10.00 Praça da Alegria
11.40 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 A Usurpadora
14.45 Consultório
16.00 Amigo Público
17.00 Infantil
18.30 Hugo
19.00 Regiões
20.00 Telejornal
21.20 A Lenda da Garça



«Retrato de Eugénio de Andrade»: segunda à noite na RTP2

«Loja do Cidadão» (ao domingo na RTP1) é uma nova aposta de parte da equipa de «Portugalmente»

22.10 Nós, os Ricos
22.40 E Tudo o Vento Levou
(de Victor Fleming, EUA/1939, com Clark Gable, Vivien Leigh, Leslie Howard, Olivia de Havilland. Ver Destaque)
00.30 Liga dos Campeões (Resumos)
02.30 24 Horas
03.15 Primeira Página
03.50 Diário de Maria

RTP 2

10.00 Euronews
15.00 Informação Gestual
16.00 Derrick
17.00 A História dos Papas
18.00 Informação Religiosa
18.35 Atlas do Corpo Humano
19.00 Juvenil
20.35 Animais em Grande Plano
21.30 Remate
22.00 Jornal 2
22.45 Testemunha
23.00 Acontece
23.15 Juízo Final
23.45 O Século das Descobertas
00.45 Sinais do Tempo ou Zoom
01.45 75 Anos da Cidade de Portimão
01.55 Artes de Palco - "Montserrat Caballé em Portimão"

SIC

08.00 Buééré
10.00 SIC 10 Horas
12.00 Zázá
12.30 Malucos do Riso
13.00 Primeiro Jornal
14.00 O Juiz Decide
15.00 Você Decide
15.40 Fátima Lopes
18.00 Andando nas Nuvens
19.00 A Força de um Desejo
20.00 Jornal da Noite
21.00 Jornalistas
22.15 Terra Nostra
23.40 Na Vigília da Noite
(de Ridley Scott, EUA/1987, com Tom Berenger, Mimi Rogers, Lorraine Bracco. «Thriller»)
01.40 Último Jornal
02.15 Toda a Verdade
03.15 Portugal Radical

TVI

09.00 Animação
13.20 TVI Jornal
14.00 Sangue do Meu Sangue
15.00 Colégio Brasil
16.00 Animação
18.20 Acção em Acapulco
19.20 Directo XXI
20.00 The Net
21.00 Directo XXI
21.10 Ri-te Ri-te
22.40 Killer: Condenado à Morte
(de Tim MatCalf, EUA, com James Woods, Ellen Greene, Cara Buono. Acção)
01.00 Doido por Ti
01.30 PSI Factor
02.30 Terra: Conflito Final
03.30 A Balada de Hill Street
04.30 Mulher Perigosa

Nota: A redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizadas pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

TELEVISÃO

Por isto e por aquilo...

Denise Telefona (Quinta, 02.40, RTP2)

Altamente recomendável a espectadores portugueses – tal a inflação de telemóveis por metro quadrado neste rectângulo à beira mar plantado – este filme (que já se percebeu ser uma comédia), debruça-se sobre os problemas de comunicabilidade (ou a falta dela) entre as pessoas, nos nossos dias, caracterizada pelas peripécias à volta dos telefones celulares, dos bips, sabe-se lá mais do quê! Por motivos óbvios, não contamos aqui o desenrolar do filme, uma primeira obra de Hal Salwen, mas o que lemos sobre ela parece justificar uma espreitadela.

Os Virtuozos (Sábado, 01.20, RTP2)

Seguindo a saudável tradição do melhor cinema britânico, nos melhores casos preocupado com a abordagem dos mais importantes problemas sociais (na linha das obras de um Ken Loach ou de um Mike Leigh), o realizador Mark Herman trata, neste filme de 96, numa atmosfera irónica e com uma tonalidade melodramática (outras constantes neste cinema), da estratégia do mais desenfreado neoliberalismo e da grave situação de desemprego no sector mineiro, vanguarda do movimento operário britânico. Com Pete Postlethwaite, Tara Fitzgerald e Ewan McGregor. A confirmar.



Um fotograma de «Denise Telefona», primeira obra de Hal Salwen

que nos conta, com admirável humanismo, a história da amizade entre um carteiro e o escritor e poeta chileno Pablo Neruda no seu exílio italiano. Um par de interpretações notáveis de Philippe Noiret e do malgrado Massimo Troisi e um argumento repleto de diálogos sensíveis e inteligentes ilustram bem como este filme se terá tornado um espectacular êxito de bilheteira em todo o mundo. Quem não viu, não perca!

Calma de Morte (Domingo, 01.30, RTP2)

Fortíssimo «thriller» australiano realizado por Philip Noyce, Calma de Morte conta-nos a história terrível de um casal que, a bordo



Uma viagem alucinante, em «Kalifornia», de Dominique Sena

Kalifornia

(Sábado, 02.00, RTP1)

Um jornalista que está a desenvolver um trabalho sobre «assassinios em série» nos EUA parte com a sua namorada para a Califórnia pretendendo visitar diversos locais que identificara como tendo sido palco desse tipo de crimes. Mas, para que as despesas não fossem tão pesadas, o nosso «herói» resolve pôr um anúncio a convidar eventuais interessados numa boleia e a dividir os custos da viagem. Na resposta ao anúncio, surge um casal em que a rapariga é bem simpática mas cujo namorado, a certa altura, surpreende tudo e todos ao cometer, nas calmas, um crime horrendo... Uma história de morrer, um «thriller» e um drama que não deixa de ser fortemente irónico e amargo e, ao que se diz, realizado com mão firme e eficaz por Dominic Sena. Com Juliette Lewis e Brad Pitt nos principais papéis.

O Carteiro de Pablo Neruda

(Domingo, 17.30, SIC)

Cá está, mais uma vez, o admirável filme de Michael Radford

de um luxuoso veleiro, surpreende um outro barco em dificuldades em pleno mar, procurando-o auxiliar, mas vendo-se atacado por um paranoico criminoso que chacinara a tripulação e agora pretende desembaraçar-se destes seus indefesos salvadores. Enfim, uma grande tremedeira! Com Nicole Kidman, Sam Neill e Billy Zane.

O Vale Era Verde (Segunda, 03.15, SIC)

Com raízes bem fundas numa pequena localidade mineira do País de Gales, uma família encontra-se dispersa pelo Mundo devido às extremamente difíceis condições de trabalho, que levam à greve e à miséria, atravessando, os que restam, as mais duras provações. John Ford encena aqui mais uma exemplar obra cinematográfica, na linha daquelas que constituem o retrato de uma profissão em crise ou de uma região paralisada e moribunda. Comovedor e pessimista, o filme parte mais de uma postura humanista do que da análise objectiva e rigorosa do regime social que tais sofrimentos e desesperos provoca. É, bem entendido, o timbre das obras de um cineasta sempre fiel aos seus

temas e à forma particular de os abordar, com excelentes interpretações de um punhado de brilhantes actores e atrizes, de que é justo destacar Walter Pidgeon, Roddy McDowall, Donald Crisp e Maureen O'Hara.

Fogo de Artifício (Terça, 01.35, RTP2)

Rara oportunidade para apreciar o cinema policial japonês, aqui num filme que foi premiado nada menos do que com o Leão de Ouro do Festival de Veneza (1997) e que narra a desventuras de um polícia de Tóquio que, para ajudar a pagar o tratamento da sua mulher (doente terminal) se entrega à todo-poderosa mafia japonesa, prestando-lhe

serviços a troco de dinheiro. Uma filme trágico que se diz muito bem realizado por Takeshi Kitano que também desempenha o papel principal. A confirmar.

E Tudo o Vento Levou (Quarta, 22.40, RTP1)

Mais uma vez na televisão, este filme permanece um dos monumentos do cinema-espectáculo, não só pelos impressionantes meios de produção envolvidos e pelo prolongado tempo da sua rodagem, mas também pelo impacte absolutamente anormal que provocou no público, permanecendo, durante vinte e seis anos (1940/1966), como o maior êxito de bilheteira - facto que o transformou num verdadeiro objecto mítico. Realizado por Victor Fleming com indimentáveis brilhantismo e eficácia (e com George Cuckor e Sam Wood como colaboradores na sua realização) o filme ficou ainda naturalmente marcado por algumas sequências espectaculares para a época e, sobretudo, pela escaldante interpretação de um par-culto do cinema desse tempo - Vivien Leigh e Clark Gable.



«Calma de Morte» um «thriller» australiano de Philip Noyce, com Nicole Kidman num dos principais papéis



«O Vale Era Verde», uma obra-prima de John Ford, em «Os Filmes do Século», na SIC

CABO & SATÉLITE

Cópia restaurada de Ben-Hur

Claro que não nos estamos a referir ao célebre «Ben-Hur» de William Wyler, tantas e tantas vezes já este filme foi passado nas nossas televisões. Mas sim à versão cinematográfica muda do mesmo romance, uma superprodução datada de 1925 (e que custou à MGM, já então, 5 milhões de dólares!) e realizada por Fred Niblo. O canal Arte hoje vai transmitir este filme, numa cópia totalmente restaurada (e sonorizada) em 1988 por David Gill e Kevin Brownlow, na qual foram inseridas as cenas tintadas (segundo os costumes da época) e também as rodadas em Technicolor, verdadeiramente sumptuosas. (Arte, quinta, entre as 22.50 e as 01.20)

Clips do Milénio

A «febre do milénio» está também a atacar os próprios títulos dos programas de TV. Por exemplo, estes Clips do Milénio,

anunciados para o MTV sob o título «Os Principais 100 Clips Musicais do Milénio», parecem ignorar que a moda dos clips só tem algumas (poucas) décadas. Mas, enfim, para a malta nova, seguramente que isso é indiferente, haverá aqui muito que recordar e, também, que descobrir. Para «abandar o capacete». (MTV, segunda, das 18 às 19 horas)



O tempo a voltar para trás

Está a RTP1 a transmitir às segundas-feiras a série «Crónica do Século» e felizmente no seu primeiro canal, o que é quase uma boa surpresa. Na verdade, dado os hábitos antecedentes, era legítimo o receio de que fosse considerado que a história do Portugal contemporâneo seria matéria que só podia interessar aquele minguado grupo de telespectadores que, ainda estranhamente interessados em temas culturais ou supostos de o serem, são acantonados na TV2. Ora, não foi assim decidido. E no capítulo transmitido na passada semana, assinado pelo jornalista Jacinto Godinho, ouviu-se logo de entrada uma frase de importância invulgar quase como síntese do que foi, no seu âmago, a I República portuguesa: «Em Abril e Maio de 1919, no período da ressaca pós-sidonista e pós-guerra civil entre republicanos e monárquicos, os governos democráticos procuraram uma reconciliação com os sindicatos cada vez mais fortes e radicais. Domingos Pereira nomeia pela primeira vez para seu ministro do Trabalho um socialista, Augusto Dias da Silva, que lançou o bairro operário do Arco do Cego e fez aprovar a histórica lei das oito horas de trabalho. No Barreiro, Alfredo da Silva recusa-se a aplicar a lei e fecha as fábricas. Nos confrontos com a polícia mor-

as esperanças que a República lhe suscitara, a repressão brutal contra operários cheios de razão. Já depois dos momentos iniciais, «Crónica do Século» abordaria largamente um outro factor: a agitação lançada pela direita sob fachada extremo-esquerdista, incluindo a suspeita histórica de que a sinistra Legião Vermelha que assassinou no 19 de Outubro era de facto uma encomenda da direita sem escrúpulos.

Oitenta anos depois

De então para cá, passaram oitenta anos, o que não é tão pouco como isso num tempo em que, como bem se sabe, as mutações foram galopantes. E aconteceu uma coisa que se diria espantosa se não soubéssemos bem como as coisas são por dentro: durante diversos dias, as televisões trouxeram-nos imagens de fortes contingentes policiais, ainda bem mais armados e equipados que os das das imagens toscas de 1919 que «Crónica do Século» nos trouxe, a reprimirem populares que se manifestavam, indignados, contra a obediência dos governos aos interesses dos grandes patrões. Foi em Seattle, e é claro que o que estava em jogo já não era uma lei das oito horas de trabalho (embora tam-

TVISTO

■ Correia da Fonseca



rem dois operários. Face aos protestos dos industriais, os governos democráticos mudam logo de estratégia.»

Quanto a estas palavras, convirá talvez lembrar que a expressão «governos democráticos» designa os governos do Partido Democrático e não caracteriza qualquer opção ideológica pela democratização e que o socialismo de Dias da Silva era o de 1919. Alfredo da Silva, toda a gente sabe quem foi e até tem uma estátua no Barreiro, mas dos operários mortos pela repressão que o industrial desencadeou ao desobedecer à lei poucos ou nenhuns sabem os nomes e é claro que não há deles nem estátua nem nada de sequer vagamente semelhante. De qualquer forma, dir-se-ia que naquelas palavras está quase tudo o que foi a I República e levou ao seu assassinio: a instabilidade provocada pelas tentativas armadas dos monárquicos para fazerem regressar o País à monarquia (contra a expressa vontade de D. Manuel), o carácter burguês e quase sempre conservador dos sucessivos governos, a exasperação de uma classe operária que via traídas

bém o fosse, lembremo-nos dos operários-escravos do Sudoeste Asiático, da Índia, de outros lugares), mas a própria sobrevivência da espécie humana. Porque a cupidez patronal, agora transportada e ampliada para a dimensão das multinacionais tentaculares, não recua perante nada, nem mesmo perante o risco de morte para os netos de todos e não apenas dos trabalhadores. Eles lá pensam, decerto, que os seus descendentes hão-de poder safar-se ao preço dos milhões de dólares que poderão pagar. É natural: estão habituados a comprar tudo.

Quanto aos métodos de gestão das dificuldades imediatas, evoluíram pouco em oitenta anos e são resumíveis numa palavra: polícia. Em Seattle de 99, como no Barreiro de 19, açularam polícias contra cidadãos que apenas reclamavam a vida com justiça mínima e dignidade bastante. Dir-se-ia que é o tempo a voltar para trás a mando dos donos deste mundo informatizado mas podre e inviável a médio/longo prazo. Parece que em Seattle não morreu ninguém. Mas, bem se sabe, a repressão segue dentro de momentos em qualquer outro canto do planeta.

Não chegámos ao fim da história

Se não há saída, uma má saída é saída?

Há uma sabedoria, um ritmo e um tempo africanos. Tenho-o sentido ao longo de muitos anos de experiências – que muitos são já os anos... – e de confrontos com tempos, ritmos, posturas de outras latitudes.

Naquela noite, acabado o jantar de amigos, em que a conversa foi sempre muito interessante mas em que mais se falou, naturalmente, da Guiné-Bissau, já à porta do elevador, ainda me ofereceram um livrinho, de capa discreta mas sugestiva e deixaram cair «... já que leste o livro do Filinto (!), lê também este do Abdulai Sila que parece que não conheces... vais gostar...»

Ainda nessa noite, naquele folhear despreocupado, ganhei algum apetite, mas a hora já era avançada. No dia seguinte, abri-o de novo, disposto a um começo de leitura e fiquei logo parado na frase de antelóquio no cimo da página branca que antecedia o prefácio.

Fiquei parado naquela posição que, segundo o José Saramago, é a que mais deveria agradar ao escritor. De livro na mão, olhos sem lerem, a pensar no que o escritor escrevera, ou pusera no seu livro para que o leitor lesse.

A frase estava em crioulo, *Si fere ala, fere bonde ko fere?**, e em itálico. O asterico encaminhava o leitor para a nota de pé de página onde, em corpo mais pequeno, se traduzia para português: Se não há saída, uma má saída é saída?

Foi difícil voltar a página, embora tenha valido a pena porque o livrinho (!) (inho pelo formato e número de páginas) merece ser lido, e mais que uma vez me provocou a tal paragem na leitura que o «nosso Nobel» gosta de saber que os seus leitores fazem. Nada de empatias acrílicas, já lá dizia o Brecht...

Mas, acabado o livro, a frase que primeiro me agarrara, agarrado me tinha. Se não há saída, uma má saída é saída?

A frase tem-me acompanhado e, com o tempo e as situações, fui-me atrevendo a glosá-la, embora não seja capaz de retroverter as glosas para crioulo embora, se calhar, o crioulo, na riqueza que lhe desconhecemos, também aceite as glosas a que me atrevi.

Ultimamente, fixei-me nesta: Se nos parece que não há saída, tentar uma má saída será saída?

Tudo está na confiança que se tem ou não nas saídas que são nossas. Se na nossa frente só vemos o muro, o impasse, o obstáculo aparentemente intransponível decerto que uma má saída será a saída para quem não quiser ficar parado. E parado não se pode ficar. Senão, cai-se da bicicleta...

Já vivemos tempos em que também assim era, e com ainda maior clareza. E não é preciso ter-se já vivido tanto que permita recuar até aqueles anos que dobraram dos 30 para os primeiros anos de 40. Mais

perto destes tempos que se vivem hoje, assim muitos de nós (ou que nossos foram) se teriam encontrado. Com o muro à frente, o impasse, o obstáculo aparentemente intransponível.

Hoje, temos a tal globalização, temos o capitalismo implantado em todo o planeta mesmo onde não o está, ou onde os modos de produção ainda são pré-capitalistas mas não têm outras referências reais, temos as estratégias transnacionais, temos as integrações regionais sem alternativa, os caminhos únicos, as moedas e os bancos centrais que únicos são, temos o casamento da social-democracia com a humanismo cristão (ou lá o que é, se é que não é amancebamento

contra os mandamentos do dito humanismo), temos a coca-colonização cultural, o direito de ingerência, Solanas a passar de campeão da campanha contra a NATO a secre-

tário-geral da citada e, logo depois do comprovado zelo, a Sr. PESC, isto é, Política Externa e Segurança Comum da União Europeia completamente NATizada. Temos tudo isso, e muito mais, como sendo as pedras do muro, as razões do impasse, as trincheiras do obstáculo.

Não há saída! (afirma-se); uma má saída é saída? (pergunta-se). Ou então: não há saída? (pergunta-se); uma má saída é saída! (afirma-se).

Mas o caso é que há... outras saídas, ou outras possíveis formulações. Assim, por exemplo: não há saída? (pergunta-se); uma má saída é saída? (pergunta-se também).

É claro que desenhar janelas que não dão para lado nenhum, ou portas que não se abrem nunca, pintar *graffitis* que gritem liberdade sem que ninguém ouça o grito, argumentar diletantemente com razões nossas contra sem-razões sem convencer ninguém, decorar com vermelho ornamentos rosa/laranja em arames farpados, não são saída. Mas isso basta para procurar a saída da má saída?

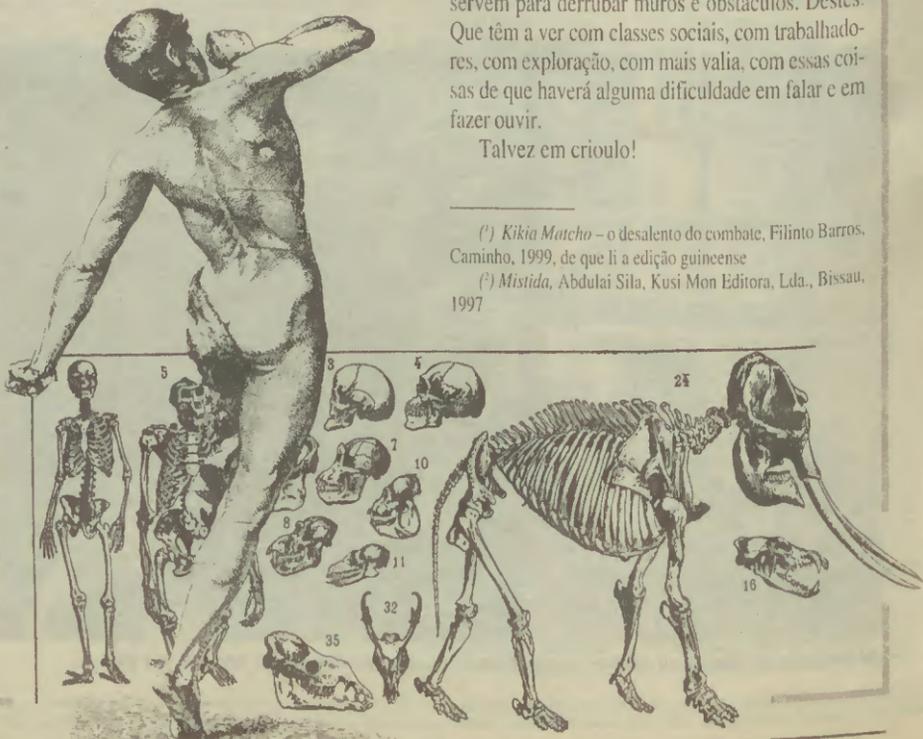
Só assim fará quem se tiver convencido – e está no seu mais legítimo direito – que, pronto!, não há saída, quem tenha desistido de uma saída nossa, quem tiver pressa em encontrar uma saída sua... até porque a vida é curta e já não sobra muito tempo para cumprir destinos.

Mas permitam que haja quem, quando não há saída, procura... a saída. Aliás, se não o permitirem, é o mesmo. Haverá, decerto, quem venha a encontrar a saída. Até porque os muros, os impasses, os obstáculos intransponíveis têm muito pouca consistência, estão cheios de contradições.

Quando chegámos a esta luta, lemos umas coisas que nos ensinaram a perceber muito do que hoje se passa – não tudo, nem lá perto... –, e não foi só nos livros dos teóricos do marxismo. Lemos também noutros lados, por exemplo em chamados «O Muro das Pedras/Subterrâneos da Liberdade» em que o escritor nos dizia que as mãos e as unhas também servem para derrubar muros e obstáculos. Destes. Que têm a ver com classes sociais, com trabalhadores, com exploração, com mais valia, com essas coisas de que haverá alguma dificuldade em falar e em fazer ouvir.

Talvez em crioulo!

(*) *Kikia Maicho* – o desalento do combate, Filinto Barros, Caminho, 1999, de que li a edição guineense
(!) *Mistida*, Abdulai Sila, Kusi Mon Editora, Lda., Bissau, 1997



ESCAPARATE



CLÁSSICA

«Messias» de Händel, na Gulbenkian

Embora ainda falte uma semana, talvez seja conveniente procurar desde já bilhetes, não vá eles esgotarem-se, uma vez que se trata de uma ocasião excelente para ouvir uma obra-prima de Georg Friedrich Händel – a oratória «O Messias» – com a particularidade, importante e não habitual, de ser apresentada na versão de Wolfgang Amadeus Mozart (K.

572). A interpretação estará a cargo da Orquestra Gulbenkian sob a direcção de Michel Corboz, com os solistas: Jennifer Smith (soprano), Elisabeth Graf (meio-soprano), Howard Crook (tenor) e Gerald Finley (baixo). E os concertos realizar-se-ão a 16 (quinta-feira) e 17 (sexta-feira), respectivamente às 21 e às 19 horas, no Grande Auditório. A não perder!

BAILADO

Um Quebra-Nozes diferente

Com a aproximação do Natal, começam a surgir os espectáculos de bailado que tão adequados parecem afigurar-se à época. No entanto, entre 9 e 12 e, depois, de 15 a 17 deste mês, um bailado daqueles habituais para a época – o «Quebra-Nozes» – vai ser apresentado numa versão completamente diferente do habitual no Grande Auditório do CCB. A direcção artística é de Bruno Cochat que, no texto de apresentação do programa, diz tratar-se de «uma versão realmente muito livre do clássico de Hoffman, na qual se retomam as personagens originais para as re-inventar com uma maior complexidade, revelada quer na forma caricatural como se expressam, quer no carácter absurdo, por vezes quase que perverso, das suas relações inter-pessoais.» Mais adiante, afirma-se, no entanto: «talvez, lá bem no fundo, ninguém escape ao contágio do Natal e nem mesmo este polémico Quebra-Nozes se assuma totalmente como um Quebra-Tradições.» A dramaturgia é de José Pinto Correia, a cenografia de José Mougá, a música de Pyotr Tchaikovsky e os intérpretes: Ana Caetano, Ângela Pinto, Carla Ribeiro, Joana Furtado, Marco Hiorácio, Paulo Reis, Sandra Faria e Sónia Aragão.



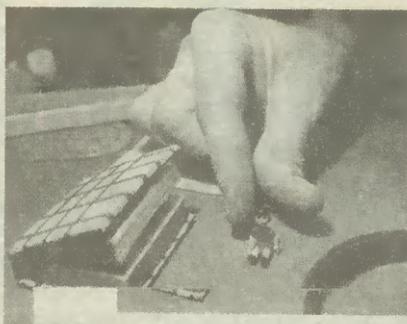
MÚSICA CORAL



Concerto de gospel em Lisboa

É já nos próximos dias 12 e 13 que, em Lisboa, no Grande Auditório da Culturgest se realizarão dois concertos de gospel, um género musical muito pouco divulgado entre nós e que é praticado nas igrejas negras norte-americanas. Estes dois concertos (ambos marcados para as 21.30) contarão com a participação do Georgia Mass Choir, fun-

dado em 83 na Georgia (EUA) pelo reverendo Milton Biggum, também produtor executivo da Savoy Records. No currículo do coro, estão em destaque, entre outras, uma actuação ao lado de Whitney Houston no filme «The Preacher's Wife» e nas cerimónias de Abertura e Encerramento do Jogos Olímpicos de Atlanta.



Actividade cultural em Almada

Vai animada, também do ponto de vista cultural, a cidade de Almada, neste mês de Dezembro. Por exemplo, no Auditório do Fórum Romeu Correia estão programados para estes dias vários espectáculos, a saber: para os mais miúdos, uma série de representações de Teatro Infantil, com a peça «Joana Está na Lua – Contos de Uma Noite Branca» pelo grupo Lua Cheia. Esta peça conta «as aventuras de Maria, miniaturista de profissão, e da sua filha Joana. Maria, graças a uma máquina inventada pelo seu marido, Jaime, pode reduzir ou ampliar, à sua vontade, objectos e também seres vivos. Mas, um dia, sem pedir autorização, Maria passou pela máquina...» E mais não contamos! Dias 9 e 10, às 10.30 e 14.30; dias 11, 17 e 18 às 16 horas; dias 12 e 19 às 11 horas; dias 17 e 23 às 14.30.

Já para adultos é, ainda, no campo do teatro, a peça «Mulheres em Frente do Espelho» que subirá à cena no mesmo local, às 21.20, nos dias 10, 11 e 12. Original de Eduardo Galán, ela foi traduzida por Luísa Ortigoso, encenada por Estrela Novais e interpretada por Isabel Leitão e Luísa Ortigoso, com espaço cénico de Fernando Filipe, figurinos de Rita Lopes Alves e coreografia de Bruno Schiappa.

No campo da Música Coral, a Câmara Municipal de Almada, com o apoio de várias entidades, vai organizar uma série de apresentações públicas de coros do concelho de Alma-



da, subordinadas ao título genérico «Do Natal aos Reis em Coro».

Na série Concertos de Natal '99, esta série de apresentações realizar-se-á, hoje, às 19.30, com o Coro da Academia de Instrução e Recreio Familiar Almadense (no Hotel da Costa da Caparica); dia 10, às 21.30, com o Grupo Coral Ars Musica e a Orquestra de Câmara Lusitânea (na Igreja Nova de Almada); dia 11, às 16 horas, com o Coro Polifónico de Almada e o Coro da URPICA (na sede da URPICA, no Pombal); às 16 horas, com o Coro da Academia de Instrução e Recreio Familiar Almadense (na Cooperativa Piedense); às 19.30, com o Coro do Clube de Campismo do Concelho de Almada e o Grupo Coral Ars Musica (na Igreja Nova da Cova da Piedade, dia 12, às 11 horas, com o Coro Polifónico de Almada (na Igreja do Pragal); às 11.30 e às 19.30, ambos com o Coral Canto Novo, respectivamente na Igreja do Feijó e na Igreja Matriz da Cova da Piedade. Finalmente, a 18 do corrente, às 15 horas, muitos destes coros se reunirão no Hospital Garcia de Orta para um concerto com «Canções de Natal» dedicado aos doentes internados.

JAZZ

Evocação de Ellington, no CCB

Intitula-se «Jungle Music For Post-Moderns», o concerto que vai reunir, no Grande Auditório do CCB, já hoje à noite, pelas 21.30 horas, alguns dos melhores músicos de jazz norte-americanos do momento. É um sexteto, dirigido pelo clarinetista Dob Byron, e que contará com a participação de Graham Haynes e Ralph Alessi (trompetes), Josh Roseman (trombone), Uri Caine (piano), Mark Helias (contrabaixo) e Pheeroan Aklaff (bateria). Como o título indica, neste concerto será evocada, em arranjos modernos, a grande música de Duke Ellington, numa digressão europeia do septeto em ano de comemoração do centenário do nascimento do grande compositor e chefe de orquestra.

«Jazz no Inverno», em Faro

Prossegue no próximo sábado mais uma edição do «Jazz no Inverno», o último festival de jazz deste ano. Dirigido artisticamente por Zé Eduardo (contrabaixista, compositor e docente), esta última sessão do festival realiza-se no excelente auditório do Conservatório «Maria Camopina», de Faro, com dois concertos a realizar a partir das 22 horas.

Mário Delgado



Don Byron

No primeiro concerto, actuará o Quarteto do guitarrista Mário Delgado, com Carlos Martins (sax-tenor e sax-soprano), Mário Franco (contrabaixo) e Alexandre Frazão (bateria); no segundo concerto, será a vez de actuarem George Garzone (sax-tenor), John Lockwood (contrabaixo) e Bob Gullotti, formando o trio norte-americano «The Fringe».

LIVROS

Antologia Pessoal da Poesia Portuguesa

Uma antologia é sempre uma escolha, toda a gente sabe disso e muita outra há-de contrapor a cada uma a sua própria escolha. Mas esta, que Eugénio de Andrade organizou a partir do seu saber de poeta, vem mesmo com o aviso, em título. Trata-se de uma Antologia Pessoal. Que, felizmente, não é intransmissível, pois está desde agora ao dispor de todos os leitores. Daqueles que gostam - ou amam - a poesia, e sobretudo daqueles para quem Eugénio de Andrade é uma referência forte bastante para seguirem a sua «pessoal» escolha. É claro que, a nós como a qualquer um leitor de poesia, passando uma vista de olhos

Eugénio de Andrade

Antologia Pessoal da Poesia Portuguesa



ao índice, nos não escapa a ausência de alguns nomes - de nossa própria escolha. Mesmo sabendo que os nomes eleitos por Eugénio de Andrade já fazem parte do imenso e português «clube dos poetas mortos», onde reina a palavra viva que eles deixaram. Não deixa a escolha do poeta, apesar de pessoal, contar em si a ressonância do que de melhor se escreveu na nossa língua. Uma edição do Campo das Letras.

No Meu Tempo

Ainda na Campo das Letras, este livro, «sempre impecavelmente bem escrito», como Urbano Tavares Rodrigues assinala no prefácio ao conjunto de textos de Alexandre Babo, a que o autor chamou No Meu Tempo. Trata-se de um livro de crónicas, onde «re encontramos esse gosto de contar, recordando, de ajuizar, de antever, ou mesmo de profetizar, e separar o trigo do joio», como escreve ainda Urbano, que assinala o facto de estes escritos datarem, na sua maioria, dos anos sessenta, e onde «o humor, a ironia aberta misturam-se por vezes com o sentimento, na nostalgia das horas que foram belas, exaltantes e até fecundas». Um livro de textos de um autor bem conhecido, não apenas como escritor, mas também como cidadão e democrata interveniente, militante, combatente da liberdade, que assinala o seu tempo - o nosso - com a palavra oportuna.

No Meu Tempo

ATALHE DE FOICE

Buracos

Embora não tenha registado a data na agenda, estou em crer que vai para dois meses que a saída da Ponte 25 de Abril para a Praça de Espanha está encerrada ao público. O facto deve-se a um desabamento de terras que provocou um buraco no troço em causa, curiosamente ocorrido pouco tempo depois de serem dadas por concluídas as obras efectuadas no local. Na ocasião, responsáveis autárquicos garantiram que o problema estaria resolvido numa semana. Sabendo-se que Portugal não é o Japão e que Lisboa não é Tóquio - não há muito tempo um problema semelhante no centro da capital nipónica foi resolvido durante a noite, apesar do buraco japonês ter tamanho suficiente para abrigar um carro -, sabendo-se das especificidades nacionais, dizia-se, o prazo pareceu aceitável.

O prazo passou e o buraco ainda lá está, não constando ter havido outras explicações aos milhares de automobilistas que diariamente passaram a contar com dificuldades acrescidas para entrar na cidade. Também ainda ninguém se lembrou de sinalizar devidamente a saída bloqueada, ou seja, uns metros antes, pelo que os acidentes sucedem-se. Quanto aos responsáveis, ignora-se quem sejam, embora não conste que tenham ido pelo buraco abaixo.

Tudo leva pois a crer que estamos perante um buraco se não para a eternidade pelo menos para o ano 2000, quiçá capaz de rivalizar com o famoso Tolan, o navio encalhado que escolheu o estuário do Tejo para se transformar em atracção turística.

Aliás, no que toca a buracos o país está cada vez mais bem servido, e manda a verdade dizer que o da Praça de Espanha nem sequer é o maior. Segundo dados vindos a público a semana passada, o buraco orçamental de 1999 deverá ultrapassar os 300 milhões de contos, o que não é coisa que se tape com facilidade. O caso é tanto mais curioso quanto o novo executivo é, grosso modo, o mesmo de há quatro anos, o que significa que os ministros de hoje, sendo também os ministros de ontem, ou andaram muito distraídos e não se deram conta dos buracos, ou sabiam deles e esconderam-nos muito bem escondidos até verem passadas as eleições. Sendo a primeira hipótese absurda, resta a segunda, que não sendo abonatória é a única plausível. Chegados a este ponto coloca-se a questão de saber por que razão o Primeiro-Ministro Guterres insistiu numa equipa que mostra tamanha vocação para transformar o país num queijo suíço (o tal com mais buracos do que queijo), indo mesmo ao ponto de criar um Ministério expressamente para a ministra Maria de Belém, a antiga titular da pasta da Saúde cujo legado de quatro anos é uma situação de tal forma «apocalíptica» que a sua sucessora, Manuela Arcanjo, pede 177 milhões de contos de orçamento rectificativo e mais 40 milhões para mais uma limpeza de dívidas.

A resposta à questão, se existe, está no segredo dos deuses e deve envolver um mistério tão grande quanto o dos objectivos do Ministério da Igualdade, sobre o qual a ministra não se pronuncia. Atendendo aos antecedentes, e dado que Maria de Belém praticamente desapareceu de cena, é de temer que já esteja enfiada noutra buraco orçamental.

É evidente que Guterres não fala destas coisas, ocupado que está com os afazeres internacionais. Não podemos deixar de nos interrogar sobre o que dirá o nosso primeiro aos seus congéneres europeus quando confrontado com tanto descalabro orçamental, mas não duvidamos que a esta hora já tem na ponta da língua um qualquer eufemismo para com toda a elegância e descaramento negar que isto está tudo roto.

■ Anabela Fino

Basta de acidentes de trabalho Construção civil paralisa em sinal de luto e dor

No próximo dia 15, os trabalhadores da construção civil e obras públicas vão reclamar nos vários distritos melhores condições de higiene e segurança no trabalho, numa acção que inclui uma paralisação nacional simbólica de meia hora, entre as 15 e as 15.30 horas da tarde.

Raro é o dia em que não é noticiada a ocorrência de acidentes mortais no sector da construção, a maioria dos quais poderia ser evitada se as empresas e sub-empregadores

cumprissem as normas legais e regulamentares em vigor sobre higiene, segurança e saúde nos locais de trabalho.

Este desrespeito pela legislação «deve-se à inércia e inca-

pacidade da Inspeção Geral do Trabalho», considera o Sindicato dos Trabalhadores da Construção, Mármore e Madeiras e Materiais de Construção do Sul, que espera alertar a opinião pública e as entidades competentes para o problema com a iniciativa de 15 de Dezembro, declarado como dia nacional de luto e pesar no sector.

O Sindicato quer assim que todos os anos este seja um dia de reflexão e respeito pelos trabalhadores vítimas dos acidentes, causados pela ganância e irresponsabilidade dos empregadores. Para já reclama melhores condições de trabalho, a responsabilização criminal para os infractores das normas em vigor e o fim do trabalho precário e clandestino.

De acordo com as estatísticas oficiais, laboram no sector mais de 520 mil trabalhadores, representando 11 por cento população activa em Portugal. Destes, mais de 60 por cento estão em situação precária, ou seja ao dia ou à hora, não lhes sendo reconhecidos um amplo conjunto de direitos legais e contratuais.

Foi também neste sector que ocorreram 83 por cento dos acidentes de trabalho mortais. Só nos últimos 10 anos, mais de 1700 trabalhadores morreram nestes acidentes e muitos

milhares de outros ficaram com incapacidades extremamente elevadas para o resto da vida.

Recorde-se que nas obras de grande envergadura como a Expo'98, Pontes Vasco da Gama e 25 de Abril, Colombo, Centro Cultural de Belém, CGD, Metropolitano e outras verificaram-se milhares de acidentes de que resultaram dezenas de mortos.

CTT desfilam hoje em Lisboa

O Sindicato Nacional dos Trabalhadores dos Correios e Telecomunicações realiza hoje, pelas 14.30 horas, uma concentração-desfile entre a Rua de Santa Marta e a Rua de S. José, onde se encontra o edifício da administração dos CTT, acusada de tentar retirar direitos aos trabalhadores e beneficiários do sub-sistema de saúde.

Na sequência do novo regulamento de 1996, os trabalhadores e familiares passaram a pagar uma quota por regalias e direitos que até então eram gratuitos. Agora a Administração quer acabar com o sub-sistema e tenta empurrar os trabalhadores para o Serviço Nacional de Saúde.

Audiência com Primeiro-Ministro



Carlos Carvalho, secretário-geral do PCP, foi recebido na passada segunda-feira em audiência com o Primeiro-Ministro, no âmbito da preparação do Conselho Europeu de Helsínquia que começa hoje.

A delegação do PCP, integrada igualmente por Octávio Teixeira, líder do grupo parlamentar comunista, transmitiu ao Primeiro-Ministro que a Conferência intergovernamental a realizar na presidência portuguesa não deve dar passos no sentido da constituição de um directório de grandes potências e que Portugal deve ser intransigente na questão da defesa da língua portuguesa, dos comissários, do direito de veto e da ponderação dos votos.

Nas declarações que fez à saída o secretário-geral do PCP disse ainda que a cimeira sobre emprego que vai realizar-se em Março do próximo ano em Lisboa, no âmbito da presidência portuguesa da UE, deve dar «respostas concretas ao desemprego e ao emprego com direitos e não produzir planos sobre o emprego para show-off».

Quanto ao alargamento da União Europeia e à consideração da Turquia como país candidato, o PCP sublinhou que essa decisão deverá ter em conta a resolução do caso Oçalan e do povo curdo. A delegação manifestou também apreensões com a militarização da UE e o envolvimento de Portugal na criação de forças de intervenção rápida.

Associação da PSP recebida na sede do PCP

Uma delegação constituída por Carlos Carvalho, secretário-geral, José Neto, do Comité Central, e António Filipe, deputado na AR, recebeu, na passada segunda-feira na sede nacional do Partido, dirigentes da Associação Sócio-Profissional da PSP.



Vimeca Adesão de 96 por cento

A greve de 48 horas, cumprida na segunda e terça-feira, pelos trabalhadores da Vimeca Transportes, registou uma adesão de 96 por cento, tendo já sido marcada uma nova paralisação para o período entre 13 e 27 de Dezembro.

A greve desta semana afectou cerca de 70 mil utentes dos concelhos de Lisboa, Cascais, Amadora, Sintra e Oeiras e teve como objectivo obrigar a empresa a negociar um novo acordo de empresa, conforme o compromisso assumido a 7 de Julho durante uma reunião no Ministério do Trabalho.

Os trabalhadores reivindicam há cerca de três anos a igualdade de salários entre os motoristas provenientes da ex-Rodoviária de Lisboa e os que já trabalhavam na Vimeca, antes da fusão das duas empresas em 1995, e a igualdade de regalias sociais.

Por exemplo, um motorista da antiga Vimeca ganha 97 500 escudos, com um subsídio de refeição de 450 escudos, enquanto que outro da ex-Rodoviária tem um salário

de 90 950 escudos e um subsídio de refeição de 1115 escudos.

A situação de ter salários diferentes para trabalho igual para além de discriminatória é ilegal porque contraria a lei da contratação colectiva, beneficiando apenas a empresa que arrecada milhares de contos à custa dos trabalhadores.

A nova greve entre 13 e 27 do corrente mês, embora seja só às horas extraordinárias, irá afectar a circulação de viaturas, já que cada trabalhador faz em média três horas a mais por dia, o que representa mais de um terço da actividade da empresa. No dia 27 haverá uma paralisação entre as três horas da madrugada e as 12 horas, realizando-se um plenário em que serão discutidas novas formas de luta se entretanto a administração não satisfizer as reivindicações laborais.

